

A CULTURA MUSICAL DOS ALUNOS DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Sónia Maria Barroqueiro da Silva Correia

Relatório de estágio apresentado ao Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Luísa Faria de Sousa Cerqueira Correia Castilho, Professora Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco e Coorientação da Professora Doutora Maria de Fátima Carmona Simões da Paixão, Professora Coordenadora da Unidade Técnico-Científica de Ciências, Desporto e Artes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedicatória pessoal

À memória do meu avô, Francisco da Silva Correia.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer às Professoras Doutoras Maria Luísa Correia Castilho e Maria de Fátima Paixão, pela sua disponibilidade, dedicação e aconselhamento na forma como orientaram o meu trabalho.

Agradeço também aos pais, encarregados de educação e aos alunos que participaram neste estudo, pela sua disponibilidade.

À minha colega Cândida pelo apoio e incentivo que me deu durante todo o processo de conclusão do meu trabalho.

Finalmente gostaria de agradecer ao meu marido, ao meu filho e aos meus pais pela sua paciência, perseverança, confiança e incentivo para concluir este trabalho.

Palavras chave

Prática de Ensino Supervisionada; Cultura; Música; Cultura Musical

Resumo

O presente relatório foi elaborado como parte integrante da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida na Escola Básica Nossa Senhora da Piedade (1º Ciclo), na Escola Básica Integrada Afonso de Paiva (2º Ciclo) e na Escola Básica Integrada Cidade de Castelo Branco, ao longo do ano letivo 2010/2011, apresentado na Primeira Parte.

Na Segunda Parte apresentamos o desenvolvimento de um Projeto de Investigação cujo objeto de estudo é A Cultura Musical dos Alunos do 3º Ciclo do Ensino

Keywords

Supervised Teaching Practise; Culture; Music; Musical Culture

Abstract

The present report highlights the development of our Professional Teaching Practicum. The first part refers the Teaching Supervised Teaching Practise developed at the Basic School of Nossa Senhora da Piedade (First Teaching Cycle), Integrated Basic School Afonso de Paiva (Second Teaching Cycle) and Integrated Basic School Cidade de Castelo Branco (Third Teaching Cycle), during the Academic year of 2010/2011.

In the Second Part we will present the development of a Research Project whose object of study is The Musical Culture of the Students of the Third Cycle of Basic Education.

Índice geral

	Página
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice de Figuras	ix
Introdução	1
Parte I - Prática de Ensino Supervisionada	3
Capítulo 1. O Contexto de Estágio	5
1. A Educação Musical no Ensino Básico	5
1.1. Lei de Bases do Sistema Educativo	5
1.2. Princípios e Orientações Educativas	6
1.2.1. Educação Artística	7
1.2.2. Experiências de Aprendizagem	8
1.3. Ensino da Música	12
1.3.1. 1º Ciclo do Ensino Básico	12
1.3.2. 2º Ciclo do Ensino Básico	13
1.3.3. 3º Ciclo do Ensino Básico	16
2. Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico- Escola Básica Nossa Senhora da Piedade	19
2.1. Caraterização da Escola	19
2.1.1. A sala de aula - equipamentos	19
2.1.2. Recursos materiais e didáticos	19
2.1.3. Caraterização da Turma do 1º Ciclo do Ensino Básico	20
2.2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	20
2.2.1. Planificações das aulas, guiões e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada	22
2.3. Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	30
3. Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico - Escola Básica Integrada Afonso de Paiva	33
3.1. Caraterização da Escola	33
3.1.1. A sala de aula - equipamentos	34
3.1.2. Recursos materiais e didáticos	34
3.1.3. Caraterização da Turma do 2º Ciclo do Ensino Básico	34
3.2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico	35
3.2.1. Planificações das aulas e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada	37
3.3. Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico	44
4. Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico - Escola Básica Integrada Cidade de Castelo Branco	45
4.1. Caraterização da Escola	45
4.1.1. A sala de aula - equipamentos	45
4.1.2. Recursos materiais e didáticos	45
4.1.3. Caraterização da Turma do 3º Ciclo do Ensino Básico	46
4.2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico	46
4.2.1. Planificações das aulas e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada	49
4.3. Reflexão Final da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico	54
4.4. Conclusão	55
Parte 2 - A Cultura Musical dos Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico	57
Capítulo 2. Projeto de Investigação	59
1. Introdução	59
2. Fundamentação Teórica	61
2.1. Conceito de Cultura	61
2.2. Conceito de Música	63

	Página
2.3. Cultura Musical	65
2.4. A Escola enquanto espaço Sociocultural	66
2.5. A relação escola - família	66
3. Problemática em estudo	71
3.1. Questões Orientadoras de Investigação	71
3.2. Objetivos da Investigação	71
4. Metodologia	71
4.1. A Investigação Qualitativa em Educação	71
4.2. Técnicas de Recolha de Dados	73
4.2.1. Inquérito por Questionário	73
4.3. Contexto Sociocultural do Estudo	74
4.3.1. Caracterização da Turma	74
4.3.2. Os Sujeitos do Estudo	75
4.4. Instrumento de recolha de dados	76
4.5. Dos dados á análise dos resultados	78
4.6. Conclusão	95
Bibliografia	97
Anexos	99

Índice de figuras

	Página
Gráfico nº1	84
Gráfico nº2	85
Gráfico nº3	85
Gráfico nº4	86
Gráfico nº5	86
Gráfico nº6	87
Gráfico nº7	88
Gráfico nº8	88
Gráfico nº9	89
Gráfico nº10	89
Gráfico nº11	90
Gráfico nº12	90
Gráfico nº13	91
Gráfico nº14	91
Gráfico nº15	92
Gráfico nº16	93
Quadro 1	16
Quadro 2	21
Quadro 3	23
Quadro 4	24
Quadro 5	27
Quadro 6	28
Quadro 7	35
Quadro 8	38
Quadro 9	40
Quadro 10	42
Quadro 11	47
Quadro 12	50
Quadro 13	52
Quadro 14	77
Quadro 15	79
Quadro 16	81
Quadro 17	83

Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito do estágio em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico. Procuramos descrever e refletir de uma forma clara e pertinente sobre o desenvolvimento da nossa Prática de Ensino Supervisionada, e apresentar um Estudo de investigação, com o qual procurámos obter um melhor conhecimento e refletir sobre A Cultura Musical dos Alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Para estruturarmos de uma forma mais clara o nosso trabalho global, o presente relatório de estágio foi dividido em dois capítulos.

O primeiro capítulo está centrado no nosso desempenho da atividade letiva, desenvolvida no 1º e no 2º semestres do ano letivo de 2010/2011 no 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.

No segundo capítulo, apresentamos um estudo de investigação, enquadrado na nossa Prática de Ensino Supervisionada e cuja razão de ser da escolha do tema que referimos anteriormente, se prendeu com um interesse pessoal e também profissional.

Parte 1 - A Prática de Ensino Supervisionada

Capítulo 1. O Contexto de Estágio

1. A Educação Musical no Ensino Básico

1.1. Lei de Bases do sistema educativo

Após o 25 de Abril de 1974, as reformas educativas reuniram-se na Lei de Bases do Sistema Educativo, a Lei nº46/86 de 14 de Outubro onde, no seu articulado, se destacam alguns artigos pela sua pertinência relevante no que se refere a este estudo.

Capítulo I

Âmbito e Princípios

Artigo 1º

Âmbito e Definição

A presente lei estabelece o quadro geral do sistema educativo.

O sistema educativo é um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.

O sistema educativo tem por âmbito geográfico a totalidade do território português - Continente e Regiões Autónomas-, mas deve ter uma expressão suficientemente flexível e diversificada, de modo a abranger a generalidade dos países e dos locais em que vivam comunidades de portugueses ou em que se verifique acentuado interesse pelo desenvolvimento e divulgação da cultura portuguesa.

Artigo 2º

Princípios Gerais

1-Todos os portugueses têm direito à educação e cultura, nos termos da Constituição da República.

5-A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva”.

Artigo 3ºPrincípios Organizativos

O sistema educativo organiza-se de forma a:

b) Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico;

c) Assegurar a formação cívica e moral dos jovens;

f) Contribuir para a realização pessoal e comunitária dos indivíduos, não só pela formação para o sistema de ocupações socialmente úteis, mas ainda pela prática e aprendizagem da utilização criativa dos tempos livres;

CAPÍTULO II

Organização do sistema educativo

Artigo 4º

Organização geral do sistema educativo

1 - O sistema educativo compreende a educação pré-escolar, a educação escolar e a educação extra-escolar.

Artigo 7.º

Objectivos

São objectivos do ensino básico:

b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;

Artigo 8.º

Organização

1 - O ensino básico compreende três ciclos sequenciais, sendo o 1.º de quatro anos, o 2.º de dois anos e o 3.º de três anos, organizados nos seguintes termos:

a) No 1.º ciclo, o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas;

b) No 2.º ciclo, o ensino organiza-se por áreas interdisciplinares de formação básica e desenvolve-se predominantemente em regime de professor pai área;

c) No 3.º ciclo, o ensino organiza-se segundo um plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas, e desenvolve-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas.

1.2. Princípios e Orientações Educativas

A introdução das artes na educação tem sido desde sempre uma questão problemática. A organização curricular em vigor, contempla o domínio das artes na educação, quer em relação à música ou outras formas de expressão. Desta forma, as orientações curriculares são centradas no aluno como pessoa, no pensamento, na sociedade, na cultura e cidadania, cujos três grandes domínios organizadores das aprendizagens técnico-artístico-musicais são: Interpretar, compor e ouvir. Estes domínios consolidam experiências musicais e pedagógicas bastante diversificadas assentes na vivência e na experimentação artística e estética, situadas em épocas diferentes, tipologias e culturas musicais quer do passado, quer do presente.

As orientações curriculares, utilizadas no ensino, estão pensadas no sentido de providenciar aos alunos, práticas artísticas diversificadas e adequadas aos vários contextos onde a ação educativa é dada, de modo a que se possa possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em cinco domínios, segundo as Orientações Programáticas do Ministério da Educação, (2001):

-desenvolvimento de competências no domínio de práticas vocais e instrumentais diferenciadas;

-desenvolvimento de competências para compor, arranjar e improvisar em diferentes estilos e géneros musicais;

-desenvolvimento do pensamento e imaginação musical, i. é, a capacidade de imaginar e relacionar sons;

-compreensão e apropriação de diferentes códigos e convenções que constituem as especificações dos diferentes universos musicais e da poética musical em geral;

-desenvolvimento de competências para apreciação, discriminação e sensibilidade sonora e musical de diferentes estilos e géneros musicais, de uma forma crítica, fundamentada e contextualizada. (Ministério da Educação- Orientações Programáticas, 2001)

Por outro lado, as orientações curriculares estão pensadas e organizadas:

-De acordo com os novos desafios que se colocam à escola, à educação, aos alunos e aos professores no âmbito de pensar a educação e a formação artístico-musical em torno das competências;

-Para encorajar os professores de educação musical a planearem a formação em séries conectadas e interligadas de acordo com os territórios e os contextos sociais e culturais onde desempenham as suas actividades. No âmbito do projecto da escola e da inserção e desenvolvimento comunitário, por exemplo, podem organizar-se outro tipo de projectos como um coro, aprendizagem de determinados instrumentos musicais, aprendizagem de determinados estilos (música da renascença, Pop, World Music);

-Entendendo os artistas em geral, e os músicos em particular, como pensadores, que, com as suas ideias e olhares, contribuíram e contribuem para a compreensão de diferentes aspectos da vida quotidiana e da história humana e social.

“Estas orientações estão construídas em torno de cinco eixos fundamentais: prática artística, produção, animação, criação e investigação. Eixos que se constituem como elementos estruturantes no desenvolvimento de diferentes tipos de competências, ...incentivando a formação ao longo da vida e potenciando o conhecimento e o desenvolvimento do património artístico-musical.” (Ministério da Educação- Orientações Programáticas, 2001)

1.2.1. Educação Artística

As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.

As artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida. Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (ME- DEB, 2001)¹

A Educação Artística no Ensino Básico desenvolve-se, maioritariamente, através de quatro grandes áreas artísticas presentes ao longo dos três ciclos:

- Expressão Plástica e Educação Visual;
- Expressão e Educação Musical;
- Expressão Dramática/ Teatro;
- Expressão Físico-motora/ dança;

¹ Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais (ME-DEB, 2001, p.149)

No 1º Ciclo as quatro áreas são trabalhadas, de forma integrada, pelo professor da turma, podendo ser coadjuvado por um professor especialista.

No 2º ciclo verifica-se um aprofundamento na área de Educação Musical...

No 3º Ciclo o leque de escolhas à disposição do aluno é alargado. Permanece a Educação Visual como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta da escola (Educação Musical, Oficina de teatro...)

As artes, nomeadamente a educação musical como parte integrante do currículo do Ensino Básico contribui para o desenvolvimento dos princípios e valores do currículo e das competências gerais porque:

- Constituem parte significativa do património cultural da humanidade;
- Promovem o desenvolvimento integral do individuo, pondo em ação capacidades afetivas, cognitivas, cinestésicas e provocando a interação de múltiplas inteligências;
- Mobilizam, através da prática, todos os saberes que um indivíduo detém num determinado momento, ajudam-no a desenvolver novos saberes e confere novos significados aos seus conhecimentos;
- Permitem afirmar a singularidade de cada um, promovendo e facilitando a sua expressão, podendo tornar-se uma “mais-valia” para a sociedade;
- Facilitam a comunicação entre culturas diferentes e promove a aproximação entre as pessoas e os povos;
- Usam como recurso elementos da vivência natural do ser humano (imagens, sons e movimentos) que ele organiza de forma criativa;
- Proporcionam ao indivíduo, através do processo criativo, a oportunidade para desenvolver a sua personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo;
- São um território de prazer, um espaço de liberdade, de vivência lúdica, capaz de proporcionar a afirmação do individuo reforçando a sua autoestima e a sua coerência interna, fundamentalmente pela capacidade de realização e conseqüente reconhecimento pelos seus pares e restante comunidade;
- Facilitam as interações sociais e culturais constituindo-se como um recurso incontornável para enfrentar as situações de tensão social, nomeadamente as de correntes da integração de indivíduos provenientes de culturas diversa (ME- DEB, 2001).

1.2.2. Experiências de Aprendizagem

Para desenvolver as suas capacidades artísticas e fortalecer a sua identidade pessoal e social, o Documento do Currículo Nacional do Ensino Básico- Competências Essenciais- refere que o aluno deve ter a oportunidade de vivenciar aprendizagens diversificadas aquando da sua educação básica, devendo promover-se experiências de aprendizagem tais como:

- Práticas de investigação;
- Participação em realizações artísticas;
- Utilização das tecnologias de informação e comunicação;
- Assistência a diferentes espetáculos;

- Contacto com diferentes tipos de culturas artísticas;
- Conhecimento do património artístico nacional.

A literacia das artes e no caso da educação musical, a aquisição de competências específicas e o uso de sinais e símbolos particulares tem como função perceber e converter mensagens e significados bem como o entendimento de uma obra de arte no seu contexto social e cultural, implicando competências transversais nomeadamente (ME-DEB, 2001):

- Apropriação das linguagens elementares das artes;
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- Desenvolvimento da criatividade;
- Compreensão das artes no contexto.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME-DEB, 2001), o desenvolvimento destas quatro competências visa as seguintes competências específicas:

a)Apropriação das linguagens elementares das artes:

- Adquirir conceitos;
- Identificar conceitos em obras artísticas;
- Aplicar conhecimentos em novas situações;
- Descodificar diferentes linguagens e códigos das artes;
- Identificar técnicas e instrumentos e ser capaz de aplicar com correcção e oportunidade;
- Compreender o fenómeno artístico numa perspectiva científica,
- Mobilizar todos os sentidos na percepção do mundo envolvente;
- Aplicar adequadamente vocabulário específico.

b) Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação

- Aplicar as linguagens e código de comunicação de ontem e de hoje;
- Ser capaz de interagir com os outros sem perder a individualidade e autenticidade;
- Ser capaz de se pronunciar criticamente em relação à sua produção e à dos outros;
- Relacionar-se emotivamente com a obra de arte, manifestando preferências para além dos aspectos técnicos e conceptuais;
- Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas artísticas;
- Utilizar as tecnologias de informação e comunicação na prática artística;
- Intervir em iniciativas para a defesa do ambiente, do património cultural e do consumidor no sentido da melhoria da qualidade de vida;
- Participar activamente no processo de produção artística;
- Compreender os estereótipos como elementos facilitadores, mas também empobrecedores da comunicação;
- Ter em conta a opinião dos outros, quando justificada, numa atitude de construção de consensos como forma de aprendizagem comum.

-Cumprir normas democraticamente estabelecidas para o trabalho de grupo, gerir materiais e equipamentos colectivos, partilhar espaços de trabalho e ser capaz de avaliar esses procedimentos;

c) Desenvolvimento da criatividade:

- Valorizar a expressão espontânea;
- Procurar soluções originais, diversificadas, alternativas para os problemas;
- Seleccionar a informação em função do problema;
- Escolher técnicas e instrumentos com intenção expressiva;
- Inventar símbolos/códigos para representar o material artístico;
- Participar em momentos de improvisação no processo de criação artística.

d) Compreensão das artes no contexto:

- Identificar características da arte portuguesa;
- Identificar características da arte de diferentes povos, culturas e épocas;
- Comparar diferentes formas de expressão artística;
- Valorizar o património artístico;
- Desenvolver projectos de pesquisa em artes;
- Perceber a evolução das artes em consequência do avanço tecnológico;
- Perceber o valor das artes nas várias culturas e sociedades e no dia-a-dia das pessoas;
- Vivenciar acontecimentos artísticos em contacto directo (espectáculos, exposições...)
- Conhecer ambientes de trabalho relacionados com actividades artísticas (oficinas de artistas, artesãos, estúdios de gravação, oficinas de construção de instrumentos, salas de ensaios...) e suas problemáticas/especificidades (valores, atitudes, vocabulário específico).

Todas estas competências deverão ser desenvolvidas de forma progressiva para que haja um aprofundamento dos conteúdos próprios de cada área artística.

As competências artistico-musicais desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, criação e de reflexão atendendo ao nível de desenvolvimento dos alunos.

As competências específicas visam possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em nove grandes dimensões:

-Desenvolvimento do pensamento e imaginação musical, isto é a capacidade de imaginar e relacionar sons;

- Domínio de práticas vocais e instrumentais diferenciadas;
- Composição, orquestração e improvisação em diferentes estilos e géneros musicais;
- Compreensão e apropriação de diferentes códigos e convenções que constituem as especificidades dos diferentes tipos de espectáculos musicais em interacção com outras formas artísticas;

-Conhecimento e valorização de diferentes tipos de ideias e de produção musical de acordo com a ética do direito autoral e o respeito pelas identidades socioculturais;

-Reconhecimento do papel dos artistas como pensadores e criadores que, com os seus olhares, contribuíram e contribuem para a compreensão de diferentes aspectos da vida quotidiana e da história social e cultural.

Estas dimensões consubstanciam-se em experiências pedagógicas e musicais diversificadas, baseadas na vivência e na experimentação artística e estética situada em diferentes épocas, tipologias e culturas musicais do passado e do presente, visando “potenciar através de práticas artísticas a compreensão e as interpelações entre a música na escola, na sala de aula e as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades” (ME-DEB, 2001).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME-DEB, 2001) as competências a desenvolver no Ensino da Música têm como base:

- Interpretação e comunicação;
- Criação e experimentação;
- Perceção sonora e musical;
- Culturas musicais nos contextos;

No entanto, qualquer aprendizagem que possa levar à construção de competências artístico-musicais deve ser proveniente dos três grandes domínios da prática musical: Composição, Audição e Interpretação.

Na interpretação e comunicação o aluno:

- desenvolve a musicalidade e o controlo técnico-artístico através do estudo e da apresentação individual e em grupo de diferentes interpretações;
- canta e tocar individualmente e em conjunto utilizando técnicas e práticas musicais apropriadas e contextualizadas;
- contacta com diferentes instrumentos musicais, acústicos e electrónicos;
- cria, utiliza e apropria-se de diferentes formas de notação musical (convencionais e não convencionais);
- ensaia, dirige e apresenta peças musicais;
- explora diferentes técnicas e tecnologias que poderão contribuir para a interpretação e comunicação artístico-musical;
- elabora gravações áudio e vídeo das interpretações realizadas e reflectir sobre as mesmas.

Na criação e experimentação o aluno deve:

- explora, compõe, arranja, improvisa e experimenta novos materiais sonoros e musicais com estilos, géneros, formas e tecnologias diferenciadas;
- desenvolve competências tais como a utilização da audição, imaginação, conceitos e recursos estruturais diversificados visando o seu desenvolvimento quer do seu pensamento musical, quer da sua prática artística;
- adquire conhecimentos e saberes próprios de diferentes técnicas vocais e instrumentais, de diferentes estéticas e culturas musicais para a criação sonora e musical;
- adquire conhecimentos de códigos e formas diferenciadas de representação gráfica do som;
- manipula materiais para funções comunicacionais e estéticas específicas;

- apropria-se de diferentes técnicas de produção e captação sonora, utiliza diferentes tipos de software musical (sequencialização MIDI e recursos da internet);
- faz gravações áudio e vídeo de trabalhos criativos.

Na percepção sonora e musical o aluno:

- pode ouvir, analisar, descrever, compreender e avaliar os diferentes códigos e convenções que constituem o vocabulário musical de várias culturas, através da audição, do movimento e da prática vocal e instrumental;
- desenvolve a discriminação e a sensibilidade auditiva;
- apropria-se de diferentes formas e símbolos de notação gráfica;
- utiliza terminologia e vocabulário adequado de acordo com tradições musicais do passado e do presente;
- investiga e utiliza fontes sonoras convencionais e não convencionais, electrónicas e outras;
- transcreve ... melodias, ritmos e harmonias;
- avalia e compara diversas obras musicais... e selecciona música com determinadas características para eventos específicos.

Culturas musicais nos contextos:

- desenvolvimento do conhecimento e da compreensão da música como construção social e como cultura;
- desenvolvimento de competências tais como a partilha de músicas do seu quotidiano e da sua comunidade;
- investiga obras musicais;
- reconhece a contribuição das culturas musicais nas sociedades contemporâneas;
- compreende as relações entre a música, as outras artes e áreas do conhecimento, identificando semelhanças e diferenças técnicas, estéticas e expressivas.

1.3. Ensino da Música

1.3.1. 1º Ciclo do Ensino Básico

A) Princípios Orientadores

São Princípios Orientadores das práticas musicais no 1º Ciclo do ensino Básico²:

- O desenvolvimento da imaginação e da criatividade da criança, através de experiências diversificadas;
- O alargamento do quadro de referências artísticas e culturais da criança;

² Com base em: Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1º Ciclo do Ensino Básico

- O aproveitamento dos conhecimentos e competências da criança realizadas em diferentes contextos formativos, formais e não formais;
- A escolha de repertório musical de qualidade abrangendo épocas, estilos, culturas e efectivos instrumentais diversificados;
- A utilização de terminologias adequadas a épocas, estilos e contextos artísticos;
- A programação de actividades inclusivas atendendo à diversidade existente como por exemplo as questões de género, as questões de identidade sócio-cultural, a aptidão musical e as necessidades educativas especiais;
- A promoção de um ambiente educativo de conhecimento e de respeito pelo outro;
- A articulação do ensino da música com outras áreas do saber artístico, científico, humanístico e tecnológico; A valorização do património artístico, em particular, o património musical português;
- O respeito pelos direitos de autor;
- A colaboração com diferentes instituições (escolares, artísticas e outras) bem como com criadores, intérpretes, produtores e técnicos no desenvolvimento de projectos artísticos.

Na planificação das actividades musicais considera-se fundamental que o professor tenha em conta:

- o que os alunos vão aprender;
- como vão aprender;
- o repertório que vão estudar;
- as competências adquiridas e outros resultados da aprendizagem.

Considera-se que uma abordagem que tenha em conta, em primeiro lugar, o todo e depois a parte permite uma compreensão do fenómeno musical mais eficaz. Neste sentido, é fundamental que as crianças vivenciem um amplo e diversificado repertório musical através da audição, do canto, do movimento e da dança, da prática instrumental, da experimentação, improvisação e criação.

1.3.2. 2º Ciclo do Ensino Básico³

a) Princípios Orientadores

Princípios Orientadores de Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico:

- A música integra-se na Educação estética a que todo o cidadão deve ter acesso. Constitui uma parte essencial de um currículo equilibrado em que as artes aparecem na educação com os seus objectivos próprios e inconfundíveis, face ao conjunto das disciplinas presentes.
- A música é uma forma do conhecimento cuja linguagem é o som. A experiência musical e criativa é a base de todas as aprendizagens. As vivências e os pensamentos musicais dos

³ Com base em: Programa de Educação Musical (2º Ciclo); (Programa aprovado pelo Despacho nº124/91, de 31 de Julho, publicado

alunos são o ponto de partida de um caminho que começa na criação espontânea e se desenrola através de estágios progressivamente mais complexos e elaborados do fenómeno musical.

- A música, ao longo da sua história, manifestou-se através de formas e estilos muito diversos. É tarefa da educação dar a conhecer as suas vastíssimas possibilidades expressivas, promovendo uma audição e escuta musical de largo espectro, em que os diferentes tipos de produção musical estejam presentes.
- Fazer música é a questão mais importante. Teoria e infirmação são meios e suportes que, por si só, não levam à compreensão musical. Nunca puderam substituir-se ao envolvimento pessoal dos alunos com a arte.
- A música na sala de aula é o centro de actividade musical da escola, de onde partem todas as outras actividades musicais extra curriculares. A sua meta é o desenvolvimento do pensamento musical dos alunos.

b) Princípios Organizadores

- A estrutura curricular que se apresenta tem por base princípios que propõem uma organização dos conceitos musicais de acordo com a Teoria da Estrutura, de Jerome Bruner e a sua conseqüente construção em termos de um currículo em espiral.
- A música constitui-se como disciplina que tem como um dos seus objectivos fundamentais o desenvolvimento do pensamento musical dos alunos, através da compreensão de conceitos musicais, os quais se adquirem a partir de elementos básicos.
- Toda a aprendizagem deverá ser organizada em termos de uma espiral de conceitos em que se assume como uma forma de organizar o conhecimento, sem o fragmentar e isolar do contexto musical que lhe deu significado, numa unidade de interacção dos factores musicais.
- De acordo com estes princípios, o aluno poderá explorar, criar e pensar a música como um músico.

c) Finalidades

- Contribuir para a educação estética.
- Desenvolver a capacidade de expressão e comunicação.
- Sensibilizar para a preservação do património cultural.
- Contribuir para a socialização e maturação psicológica.
- Desenvolver o espírito crítico.

d) Objectivos Gerais

Os objectivos gerais desta disciplina apresentam-se organizados em três domínios: atitudes e valores, capacidades e conhecimentos. Não deverão no entanto, ser considerados como pertencendo somente à categoria onde estão incluídos, visto que se relacionam e influenciam mutuamente.

Domínio das atitudes e valores:

- Valorizar a sua expressão musical e a dos outros.
- Valorizar o património musical português.
- Fruir a música para além dos seus aspectos técnicos e conceptuais, manifestando preferências musicais.
- Desenvolver o pensamento criativo, analítico e crítico, face à qualidade da sua produção musical e à do meio que o rodeia.

Domínio das capacidades:

- Desenvolver a motricidade na utilização de diferentes técnicas de produção sonora a nível vocal, instrumental e tecnológico.
- Desenvolver a memória auditiva, no que respeita aos diferentes conceitos da Música e sua representação.
- Utilizar correctamente regras de comunicação orais e escritas.

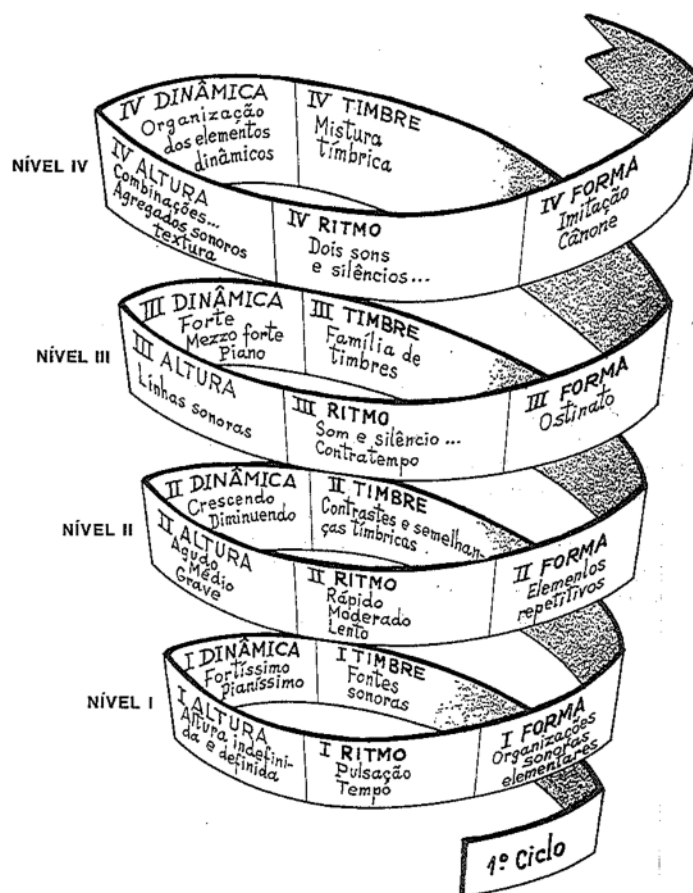
Domínio dos conhecimentos:

- Adquirir conceitos da Música: timbre, dinâmica, ritmo, altura e forma.
- Identificar conceitos musicais em obras de diferentes géneros, épocas e culturas.
- Identificar características da música portuguesa.

e) Conteúdos

Os conteúdos estão organizados em diferentes níveis que, por sua vez, estão encadeados numa espiral.

Os níveis da espiral explicitam uma etapa de aprendizagem e acção. Cada nível seguinte envolve um campo de compreensão musical mais alargado e mais complexo em termos dos elementos e conceitos musicais. Em cada nível estão contemplados todos os parâmetros numa perspectiva que permita sempre a sua interligação e apropriação criativa. No entanto, como toda a aprendizagem é cumulativa e evolutiva, todas as aprendizagens musicais de um nível são integráveis nos níveis seguintes. Também é importante salientar que devem ser encaradas como enquadramentos abertos, não restritivos, isto é, permanentemente susceptíveis de ser acrescentados com novas informações, segundo a sensibilidade do professor e os interesses dos alunos.



ESPIRAL DE CONCEITOS adaptada de Manhattanville Music Curriculum Program*

Quadro 1 - Espiral de conceitos representativa do Programa de Educação Musical em Portugal

1.3.3. 3º Ciclo do Ensino Básico⁴

A) Princípios Orientadores

- Providenciar oportunidades de formação no contexto formal e/ou informal, de maneira a que o aluno explore, experimente e utilize diferentes tipos de instrumentos musicais acústicos e eletrónicos bem como a voz;
- Fomentar a discussão e a partilha dos diferentes tipos de opções técnicas, estéticas, comunicacionais e emocionais que se colocam no desenvolvimento do trabalho artístico-musical;
- Experimentar, investigar, compreender e discutir acerca de uma variedade de estilos e composições musicais de acordo com os diferentes aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e estéticos em que são produzidos;

⁴ Com base em: Música- Orientações Curriculares (3º Ciclo), Ministério da Educação (DEB, 2001)

- Aproveitar as aprendizagens de fora da escola. Por exemplo um aluno que saiba tocar guitarra eléctrica, bandolim, violino etc., pode e deve utilizar essa competência no interior da turma e da escola;
- Produzir, organizar e participar em diferentes tipos de espectáculos musicais destinados a públicos diferenciados. Por exemplo colegas da turma, escola, pais, comunidade;
- Convidar músicos profissionais e amadores para apresentarem, no interior da escola, as suas criações e os seus pontos de vista;
- Manipular as diferentes tecnologias e media bem como compreender o impacto que têm nas sociedades contemporâneas.

B) Objectivos Gerais

- Desenvolve e aperfeiçoa a prática vocal e instrumental;
- Produz e participa em diferentes tipos de espectáculos musicais, vocais e instrumentais;
- Aprofunda a compreensão e a utilização do vocabulário musical e dos princípios composicionais;
- Compreende a música como construção humana, social e cultural e as interrelações com os diferentes quotidianos e áreas do saber;
- Aprofunda o conhecimento do trabalho de músicos e compositores de culturas musicais diferenciadas;
- Desenvolve o pensamento crítico que sustente as opiniões, as criações e interpretações;
- Aprofunda os conhecimentos de utilização de diferentes tecnologias e software;
- No 3º Ciclo, as orientações programáticas assentam nas experiências pedagógicas e musicais baseadas na vivência e experimentação artística do aluno.
- Tendo em conta os diferentes tipos de contextos socioculturais e os níveis particulares de desenvolvimento individual de cada aluno, as competências artístico-musicais desenvolvem-se através dos mais diversificados processos de apropriação de sentidos, técnicas, experiências de reprodução, criação e de reflexão.
- Assim, as orientações curriculares estão organizadas por módulos com temas diferenciados e de duração variável, que passamos a enunciar:
 - -Formas e estruturas- modos de organização e estruturação musicais;
 - -Improvisações- exploração da improvisação musical;
 - -Melodias e arranjos- em torno da canção;
 - -Memórias e tradições- em torno da música portuguesa;
 - -Música e movimento- em torno de danças e coreografias;
 - -Música e multimédia- as diferentes utilizações dos materiais sonoros e musicais;
 - -Música e tecnologias- manipulando sons acústicos e electrónicos;
 - -Músicas do mundo- explorando outros códigos e convenções;

- -Pop e Rock- em torno dos estilos musicais;
- -Sons e sentidos- processos de criação musical;
- -Temas e variações- em torno do desenvolvimento de ideias musicais.

2. Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

Escola Básica Nossa Senhora da Piedade

2.1. Caracterização da Escola

A Escola Básica do 1ºCiclo Nossa Senhora da Piedade, antiga Escola nº 4, situa-se na Rua João Evangelista, na Cidade e Distrito de Castelo Branco. Faz parte do Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos e está localizada numa zona central da cidade, perto de estabelecimentos públicos tais como a Biblioteca Municipal, a Câmara Municipal, Cine Teatro Avenida, entre outros.

A Escola foi requalificada pela Câmara Municipal da Castelo Branco durante o ano letivo de 2008/2009. Funciona em regime normal, sendo as suas atividades (letivas e não letivas) distribuídas por dois turnos, com oferta das Atividades de Enriquecimento Curricular e a Componente de Apoio à Família (escola com prolongamento de horário das 7:30h às 18.30h e almoços).

A Escola conta com oito salas, das quais sete são para o ensino regular e uma das salas transformada numa Unidade de Apoio à Multideficiência, uma biblioteca integrada na Rede de Bibliotecas Escolares, uma sala de Professores, uma sala de atendimento, uma sala de audiovisuais, uma cantina e, ainda, uma sala polivalente que, na maior parte das vezes, funciona como ginásio. A Escola conta com sete professores e quatro assistentes operacionais.

2.1.1. A sala de aula - equipamentos

A sala onde decorreram as nossas aulas de Educação Musical, como observadora e como professora-estagiária, no âmbito da prática supervisionada, era ampla e com luz natural, visto um dos lados da sala apresentar janelas grandes que dão para o exterior. Os lugares dos alunos estavam dispostos por três colunas de mesas, cada uma com dois lugares, perfazendo um total de quinze mesas, suficientes para um número total de dezanove alunos, sobrando alguns lugares. A sala estava munida de um quadro fixo destinado a escrever com giz, três armários e a secretária do professor titular.

2.1.2. Recursos materiais e didáticos

Apesar de ser uma Escola do 1º Ciclo, esta possuía algum material relacionado com a disciplina de Expressão Musical, nomeadamente alguns instrumentos musicais (pequena percussão) que, infelizmente, se encontravam em mau estado. Para além destes instrumentos, o único material didático disponível era um leitor de cd.

Apesar de existir este material na escola, verificámos que esta não está preparada para a prática letiva da disciplina de Expressão/Educação Musical, visto que durante a nossa prática tivemos de fazer sempre alterações físicas na sala de aula.

2.1.3. Caracterização da turma

O estágio decorreu na turma A do 1º ano da EB1 Nossa Senhora da Piedade tendo início no dia 4 de Novembro e finalizando no dia 21 de Janeiro. A turma tinha um total de dezanove alunos, com uma média de seis anos de idade, maioritariamente do sexo feminino (11 meninas). Destes dezanove alunos, é de salientar que dois deles eram portadores de Necessidades Educativas Especiais.

2.2. Desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

As aulas ministradas no 1º Ciclo do Ensino Básico à turma A do 1º ano, da EB 1 Nossa Senhora da Piedade, realizaram-se entre os meses de Novembro de 2010 e Fevereiro de 2011, de acordo com o quadro 1.

Data	Atividade	Conteúdos	Observação
5/10/10 6/10/10	Aula de Observação	Estudo do Meio: O Outono	Observação da aula lecionada pela Professora Cooperante. Teve como objetivo o aprofundamento do conhecimento da turma.
11/10/10 12/10/10	Aula de grupo	Estudo do Meio: O Outono: Factos, acontecimentos e frutos. Matemática: Consolidação dos números até 5	Aula lecionada pelas quatro professoras-estagiárias do grupo. Aprofundamento do conhecimento da turma e das suas capacidades.
18/11/10 19/11/10	Aula de grupo	Estudo do Meio: Conhecer a existência de objetos tecnológicos, relacionando-os com a sua utilização em casa.	Aula lecionada pelas quatro professoras-estagiárias do grupo. Consciencialização por parte dos alunos para a utilização de objetos tecnológicos e a sua relação com a música,

09/12/10 10/12/10	Aula Individual	Estudo do Meio À descoberta de si mesmo: Ao longo do ano realizam-se algumas festas: o Natal À descoberta dos materiais e objetos: garrafas musicais.	Aula individual. Consciencialização por parte dos alunos para a importância da intensidade (forte/piano), do andamento (lento/rápido) e da utilização de materiais recicláveis na música.
16/12/10 17/12/10	Aula de Grupo	Estudo Meio Festividades: O Natal	Aula lecionada pelas quatro professoras-estagiárias do grupo. Ensaio e concerto de Natal.
27/01/11 28/01/11	Aula Individual	Língua Portuguesa As vogais; Os ditongos; As consoantes (L,C,M,D,N,R,P,T,V) Matemática Os números de um a dez	Aula individual. Interligação com a matéria lecionada pela Professora Cooperante.

Quadro 2 - Calendarização das aulas no 1º Ciclo do Ensino Básico

As aulas lecionadas decorreram tendo por base a planificação anual das disciplinas de Estudo do Meio, Língua Portuguesa e Matemática, sendo de salientar a liberdade que o Professor Cooperante deu na escolha dos temas e conteúdos das duas aulas que o professor-estagiário deveria preparar e lecionar.

Os temas das duas aulas foram escolhidos pelo Professor Cooperante, e as músicas escolhidas foram ao encontro dos conteúdos abordados durante a semana, facilitando o processo de ensino e aprendizagem a partir do interesse revelado pelos alunos.

Da observação das aulas, pudemos constatar que os alunos aderiram muito bem às atividades realizadas e um gosto pelas músicas que abordavam a matéria dada pelo Professor Cooperante.

Os objetivos e as estratégias chave das aulas tinham como fundamento proporcionar aos alunos o gosto e a sensibilidade pela música através da audição e interpretação vocal e instrumental das canções, alargando o seu leque de conhecimentos em relação a alguns conceitos musicais, como a dinâmica e o reconhecimento de andamentos.

Assim, a 1ª intervenção prática, dividida em duas aulas de 45 minutos, teve como temas:

- i. “À descoberta de si mesmo; Ao longo do ano realizam-se algumas festas: o Natal” e
- ii. “À descoberta dos materiais e objetos: garrafas musicais”.

Na primeira aula, lecionada no dia 9/12/2010, e para abordar o primeiro tema, escolhemos uma canção de Natal intitulada “À volta do Pinheiro” começando pela sua audição e conseqüente memorização da letra com ajuda de mímica. Seguidamente, passámos à aprendizagem de uma coreografia de Natal intitulada “O estranho mundo de Jack”, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora dos alunos. Na segunda aula, lecionada no dia 10/12/2010, escolhemos uma música infantil bastante conhecida dos alunos, para a sua execução instrumental ser mais fácil e poderem desfrutar do seu momento como instrumentistas. Assim, para ajudar os alunos utilizámos um musicograma, contudo, a imitação foi o meio mais eficaz de reprodução da música por parte dos alunos.)

2.2.1. Planificações das aulas, guiões e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Apresentamos neste ponto, para cada ciclo de intervenção na Prática, conjuntos de duas aulas, a planificação, o guião e a reflexão. Por fim, uma reflexão final sobre a Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos			
Escola Básica Sra. Da Piedade			
Supervisor		Professor Cooperante	
Prof. António Pedro	Prática de Ensino Supervisionada I		Prof. Conceição Coelho
	Estagiária: Sónia Barroqueiro		

Sumário: Aprendizagem da canção *À volta do pinheiro* e da coreografia *What's This*. Interpretação do musicograma *Dó, Ré, Mi a Mimi*.

Semana: 6 de Dezembro a 10 de Dezembro		Tempos: 90 minutos		Nível Etário: 1º Ano	Número de Alunos: 19
Conteúdos	Competências	Atividades	Recursos	Avaliação	
<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do Meio <ul style="list-style-type: none"> ○ À descoberta de si mesmo: Ao longo do ano realizam-se algumas festas: o Natal ○ À descoberta dos materiais e objetos: garrafas musicais 	<ul style="list-style-type: none"> • Ouve e canta de maneira afinada a canção; • Executa corretamente os movimentos de uma dança; • Distingue andamento lento e rápido; • Distingue diferentes Intensidades: forte e piano; • Interpreta o <i>musicograma</i> de uma canção; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Canção: <i>À volta do Pinheiro</i> (anexo 1 - materiais utilizados no 1ºCiclo) ○ Aprendizagem e memorização da letra e do texto; ○ Coreografia: <i>What's this?</i> (anexo 1) ○ Interpretar a coreografia de Natal com adereços alusivos à época; • Musicograma: <i>Dó, Ré Mi a Mimi</i> (anexo 1) <ul style="list-style-type: none"> ○ Leitura do musicograma; ○ Interpretação do musicograma nos instrumentos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitor de CD's • Quadro • Giz • Cartolina • Materiais reciclados • Adereços de Natal • Garrafas de vidro • Corante alimentar de diversas cores 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação 	

Quadro 3 - Planificação das aulas dos dias 9/12/2010 e 10/12/2010

Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos Escola Básica Sra. Da Piedade Prática de Ensino supervisionada I e II	
Guião Aula Individual Estagiária: Sónia Barroqueiro	
Supervisor Prof. António Pedro	Professor Cooperante Prof. Conceição Coelho
9 de Dezembro de 2010	
Canção <i>À volta do Pinheiro</i> <ul style="list-style-type: none">· Ensinar o texto e a melodia da canção;· Ouvir a canção;· Cantar a canção;· Mimar a canção;	
Coreografia de Natal <i>What's This?</i> <ul style="list-style-type: none">· Exemplificar a coreografia;· Ensinar as várias partes da coreografia;· Imitar os movimentos da estagiária;· Reproduzir a coreografia desde o início utilizando um adereço de Natal;	
Dia 10 de Dezembro de 2010	
Estratégia Motivacional <ul style="list-style-type: none">- Dividir os alunos em grupos de três e quatro elementos (cinco grupos);- Apresentar o instrumento musical construído com materiais recicláveis (garrafas de vidro);- Associar o instrumento reciclável com o seu instrumento de percussão correspondente, comparando o som;	
Musicograma <i>Dó, Ré, Mi a Mimi</i> <ul style="list-style-type: none">- Dispor os alunos em meia-lua distribuídos por cinco mesas;- Apresentar o musicograma e explicar o significado de cada símbolo;- Audição da música <i>Dó, Ré, Mi a Mimi</i>, executada pela estagiária, no instrumento construído com materiais recicláveis;- Repetição da música;- Execução da música desde o início;	

Quadro 4 - Guiões das aulas dos dias 9 e 10/12/2010

Reflexão da 1ª Intervenção na Prática Supervisionada (9/12/2010 e 10/12/2010)

Dia 9 de Dezembro de 2010

No início da aula, deparámo-nos com um número reduzido de alunos devido ao facto de a maioria deles estar doente. Contudo, lamentando a situação, iniciámos as nossas atividades com normalidade.

Após suscitar o interesse dos alunos, cantando uma canção, estes sentiram vontade de nos imitar, procedendo, através deste método ao ensino da canção. Aproveitámos a oportunidade para explicar como se identifica o refrão de uma canção. Esta explicação foi bem compreendida pelos alunos que conseguiram assim identificar o refrão da canção ensinada.

Como segunda atividade planificada para esta aula, escolhemos uma coreografia de Natal chamada *What's this?*, tema este retirado do filme de Tim Burton “O estranho mundo de Jack”.

Para melhorar a *performance* dos alunos, dispusemo-los em linha, para poderem executar a coreografia com uma maior liberdade de movimentos. Em primeiro lugar exemplificámos a coreografia do início ao fim. Em seguida, ensinámos as várias partes da coreografia através da imitação, com consequente memorização (não integral, mas sim parcial). Todos os movimentos de lateralidade foram realizados em espelho, sem referir direita e esquerda, pois levaria a confusões.

Depois de realizar algumas vezes a coreografia, e verificar que os alunos já tinham memorizado alguns dos movimentos chave, distribuímos com a ajuda das colegas estagiárias, uns adereços de Natal que consistiam nuns “pompons” feitos com papel de seda nas cores vermelho para a mão esquerda e verde para a mão direita, para realizarmos mais uma vez a coreografia.

É de salientar que, durante toda a aula estiveram presentes e participaram nas atividades, para além da Professora Titular da Turma, outra professora, a animadora cultural da escola e as restantes estagiárias de Educação Musical.

É de referir também que, dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE), só se encontrava na sala um deles, que teve um comportamento exemplar.

Concluindo, pensamos que os objetivos propostos para esta aula foram conseguidos.

Sentimos como principal problema, o facto de, a disposição dos alunos na sala não ter sido otimizada, pelo que na aula seguinte, seria tido em consideração este aspeto.

Dia 10 de Dezembro de 2010

A estratégia motivacional utilizada para esta aula, da nossa primeira intervenção na prática, foi o elemento surpresa proporcionado pelo facto de as mesas da sala estarem colocadas em semicírculo e não haver nada em cima delas.

Iniciámos a aula pedindo aos alunos que se sentassem no chão em frente às mesas. Em seguida introduzimos o tema da aula “Garrafas Musicais” colocando a questão “Podemos tocar notas musicais com garrafas e água?”. Esta questão despertou a curiosidade dos alunos.

Após o diálogo motivacional, obtivemos respostas afirmativas. Mostrámos o instrumento musical, previamente construído com garrafas de vidro, água e corante alimentar, e comparámos o seu som com um instrumento musical verdadeiro, neste caso, o jogo de sinos. Passámos a explicar as suas semelhanças (o som) e as diferenças (materiais), o que os alunos compreenderam.

Em seguida, dividimos os alunos em grupos de três elementos cada, distribuídos por cinco mesas. A cada mesa correspondia uma nota musical e uma cor diferente. As cores escolhidas foram: vermelho, laranja, amarela, verde-claro e verde-escuro. E mesmo antes de explicarmos porque é que tínhamos escolhido aquelas cores, os alunos conseguiram associá-las a cores do arco-íris.

No fim de todos terem experimentado o instrumento, passámos a explicar o musicograma que iríamos utilizar a seguir. Escolhemos a canção *Dó, ré, mi a Mimi* e para cada nota escolhemos uma cor: Dó= vermelho; Ré= laranja; Mi= amarelo; Fá= verde-claro; Sol= verde-escuro. Explicámos que a cada cor correspondia uma nota musical, bem como a cada garrafa. No fim de exemplificarmos o musicograma, e de os alunos conseguirem realizá-lo, introduzimos também a letra da canção.

Depois de saberem a letra da canção, introduzimos os conceitos de Forte/Piano (fraco) e de Agudo (fino) e Grave (grosso).

Para melhor entenderem estes conceitos, demos exemplos muito básicos como:

Para os conceitos de Forte/ Piano:

Forte - rugir do Leão, comboio, avião...

Piano- Chilrear dos pássaros...

Para os conceitos de Agudo/ Grave:

Agudo - a voz das crianças

Grave- a voz do pai

Dados estes exemplos, os alunos foram capazes de dar exemplos tais como: Forte - Elefante, Piano - rato, Agudo - passarinhos e Grave - o leão.

Dados estes exemplos, pudémos constatar que os alunos compreenderam os conceitos ensinados, exemplificando-os nos instrumentos.

No final da aula, os alunos executaram mais uma vez o musicograma aplicando o conceito de piano, o que foi bem sucedido.

Assim, podemos concluir que os objetivos programados para esta aula foram conseguidos. Desta vez a distribuição espacial da aula resultou bem.

A segunda intervenção na prática, também dividida em duas aulas, teve como temas :

i. “As vogais, os ditongos e as consoantes” e

ii. “Os números de 1 a 10 ”

Na primeira aula para exemplificar o primeiro tema escolhemos a história das vogais a canção *IOA! IUÉ!*, começando pela audição e memorização da letra novamente com a ajuda de mímica. Na segunda aula escolhemos para 1ª atividade a canção *Os meus dez dedos*, procedendo à sua audição e memorização. Como segunda atividade, escolhemos uma lengalenga de forma a consolidar os números de um a dez.

Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos Escola Básica Sra. Da Piedade		
Supervisor	Professor Cooperante	
Prof. António Pedro	Prática de Ensino Supervisionada I Estagiária: Sónia Barroqueiro	Prof. Conceição Coelho

Sumário: Aprendizagem das Canções: *IOÁ! IUÉ, Os meus dez dedos, O velho da serra. Lenga-lenga Copo, copo, jericopo*

Semana: 24 a 28 de Janeiro		Tempos: 90 minutos	Nível Etário: 1º Ano	Número de Alunos: 19	
Conteúdos	Competências	Atividades	Recursos	Avaliação	
<ul style="list-style-type: none"> • Língua Portuguesa <ul style="list-style-type: none"> ○ As vogais ○ Os ditongos ○ As consoantes (L,C,M,D,N,R,P,T,V) • Matemática <ul style="list-style-type: none"> ○ Os números de um a dez 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica as vogais e os ditongos; • Identifica pequenas palavras formadas com algumas consoantes e a partir dos ditongos; • Identifica os números até dez; • Distingue as intensidades: forte e piano; • Ouve e canta as canções de modo afinado; 	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégia Motivacional: História das vogais (anexo 1- materiais utilizados no 1º Ciclo) • Canção: IOÁ! IUÉ!!! (anexo 1) Aprendizagem da canção; • Canção: Os meus dez dedos (anexo 1) Aprendizagem da canção; • Lenga- lenga Copo, copo, jericopo (anexo 1) Aprendizagem da lenga-lenga; Jogo com a lenga-lenga aplicando os números; 	<ul style="list-style-type: none"> • Humanos: <ul style="list-style-type: none"> ○ A voz • Materiais: <ul style="list-style-type: none"> ○ Leitor de CD ○ Quadro ○ Giz ○ Cartolinas com as vogais e com as consoantes; • Copo de plástico; 	<ul style="list-style-type: none"> • Grelha de observação 	

Quadro 5 - Planificação das aulas dos dias 27/01/2011 e 28/01/2011

Agrupamento de Escolas António Sena Faria de Vasconcelos Escola Básica Sra. Da Piedade Prática de Ensino supervisionada I	
Guião Aula Individual Estagiária: Sónia Barroqueiro	
Supervisor Prof. António Pedro	Professor Cooperante Prof. Conceição Coelho

-	
27 de Janeiro de 2011	
Estratégia Motivacional <ul style="list-style-type: none">· Ouvir a história das vogais	
As vogais e os ditongos <ul style="list-style-type: none">· Reconhecer as vogais (a, e, i, o, u)· Formar os ditongos (ai, au, ei, eu, oi, ou, ãe, ão)· Formar pequenas palavras com recurso aos ditongos e a algumas consoantes (p, m, n, l, t, r, d, v, c)	
Canção: IOÁ! IUÉ!!! <ul style="list-style-type: none">· Ouvir a canção;· Ensinar a letra e a melodia da canção;· Cantar a canção através da imitação;· Mimar a canção;	
28 de Janeiro de 2011	
Canção: Os meus dez dedos <ul style="list-style-type: none">· Ouvir a canção;· Ensinar a letra e a melodia da canção;· Cantar a canção através da imitação;· Mimar a canção;	
Lenga-lenga: Copo, copo jericopo <ul style="list-style-type: none">· Sentar os alunos numa roda;· Ensinar a lengalenga;· Depois de memorizada a lengalenga, realizar um jogo de roda, utilizando os números de um a dez;	
Canção: O velho da serra <ul style="list-style-type: none">· Ouvir a canção;· Ensinar a letra e a melodia da canção, insistindo mais no refrão;· Cantar a canção através da imitação;· Mimar a canção;	

Quadro 6 - Guiões das aulas dos dias 27 e 28/01/2011

Reflexão da 2ª Intervenção na Prática Supervisionada (27/01/2011 e 28/01/2011)

Dia 27 de Janeiro de 2011

Esta foi a nossa segunda intervenção na prática, de novo com duas aulas em dois dias consecutivos. O tema abordado na primeira foi “As vogais”.

A estratégia motivacional que escolhemos para esta aula foi a audição da História das Vogais, que logo cativou a atenção dos alunos. Estavam muito interessados e desde o início da história perceberam que o tema que iríamos abordar seria as vogais, de modo a conseguir identificá-las no meio da história, através do desenho que fomos fazendo no quadro.

De seguida distribuímos pelos alunos, cartolinas com as vogais, e perguntámos-lhes se podíamos juntar as letras duas a duas e se elas se podiam ler dessa maneira, ao que os alunos responderam afirmativamente. Fizemos várias combinações, como por exemplo, ai e au, ei e eu, oi e ou, ui e iu, ão e ãe. Quando perguntámos como se chamavam os conjuntos de duas vogais, os alunos depressa responderam que eram os ditongos. Aproveitando os ditongos e algumas das consoantes já estudadas, construíram pequenas palavras tais como: pai, pau, vai, teu, vou, viu, mão, mãe, entre outras.

Depois deste jogo de palavras, demos esta atividade por terminada e passámos a ensinar-lhes a canção das vogais chamada *IOÁ! IUÉ!*. Numa primeira abordagem, os alunos ouviram a canção. De seguida, ensinámos o refrão e cada uma das quadras, terminando a aula cantando repetidamente toda a canção com os alunos.

No final da aula, achámos que os eles tinham participado com bastante empenho incluindo a aluna com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Desta vez, o outro aluno com NEE não esteve tão participativo como de costume.

Assim e para concluir, penso que os alunos atingiram os objetivos propostos para esta aula e divertiram-se aprendendo, o que pensamos que também é muito importante.

Dia 28 de Janeiro de 2011

No início do que supostamente seria uma aula normal, deparámo-nos com alguns problemas. O primeiro foi que, devido às obras de reparação do aquecimento da escola, a turma tinha sido mudada de sala, para a de expressão plástica, sala esta que era muito pequena para a primeira atividade que tínhamos planificado. Quando perguntámos se podíamos ir para a sala polivalente, disseram-nos que não, pois iria decorrer aí uma atividade; também não pudemos ir para a biblioteca, pois a outra turma de primeiro ano tinha sido deslocada da sua sala para lá. Posto isto, fomos falar com a coordenadora da escola, que só chegou às 13h30min, mas que de imediato disponibilizou a sua sala, uma vez que a referida atividade na sala polivalente seria com a sua turma. Passados dez minutos, demos início à primeira atividade proposta. É de salientar que ninguém nos avisou deste problema, mesmo tendo chegado à escola mais cedo e procurado soluções.

Passámos, assim, a ensinar a lengalenga *Copo, copo, jericopo*, à qual os alunos acharam bastante graça, e que logo aprenderam. Quando já estava memorizada, passámos à realização de um jogo de roda, com a referida lengalenga, desta vez com a utilização dos números de um a dez. O jogo consistia em passar o copo de aluno em aluno dizendo a lengalenga respeitando a métrica das palavras, explorando e consolidando os conceitos de pulsação (lenta), e a contagem dos números até dez. A atividade foi recebida com agrado por todos os alunos, incluindo os de NEE.

Terminada esta atividade passámos a ensinar a canção *Os meus dez dedos*. Como era uma canção bastante pequena, os alunos depressa a aprenderam.

Devido aos problemas do início da aula, e ao tempo perdido tentando solucioná-los, não tivemos tempo para ensinar a canção *O velho da serra*, cujo objetivo era ensinar unicamente o refrão que abordava os temas das duas aulas, números e vogais.

Apesar de tudo, pensamos que a aula correu bastante bem e os alunos responderam com muito entusiasmo às atividades propostas.

2.3. Reflexão Final sobre a Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

Desde os seus primórdios o homem tornou-se inventor, não só pela curiosidade natural mas também pela sua sobrevivência. Assim, ao longo dos tempos os seus sucessores ajudaram a criar as primeiras grandes civilizações.

Desde os primeiros utensílios rudimentares, ao fabrico de ferramentas e às descobertas tecnológicas, a evolução aconteceu e continua a acontecer, século após século. Grande prova desta evolução foi a capacidade científica que o Homem teve de se levar à aventura no espaço bem como ao aumento do seu conforto no Planeta.

Tudo isto, teve como base as aprendizagens que o Homem fez anteriormente, dando fundamento à teoria de Vigotsky que diz que: “*Nenhuma aprendizagem parte do zero*”.

Partindo deste princípio, posso concluir que a educação teve a capacidade de se adaptar à evolução de todas as coisas tendo como consequência ou meio impulsionador, o sistema educativo desde há séculos, mas não como o conhecemos agora.

A educação nem sempre foi administrada da mesma forma, mas o produto final que se procurou e se procura é sempre o mesmo: o Homem culto e inteligente, com capacidade para transformar o mundo.

Assim, todos os meios utilizados nas aulas tiveram como finalidade a compreensão dos conteúdos escolares por parte dos alunos, cumprindo os objetivos propostos. Contudo, nem sempre é fácil, quaisquer que sejam os meios, métodos ou técnicas utilizadas, transmitir conhecimento aos alunos. Tanto as barreiras estruturais, como as físicas e humanas, são uma realidade mas o facto de as transpor pode tornar-se num ato heroico.

Na sociedade presente, o aluno vive rodeado de tudo quanto é som, imagem e novas tecnologias; assim sendo, tudo o que se afaste desta realidade está condenada ao fracasso.

Hoje em dia, a escola já não é um espaço fechado e protegido das influências exteriores. Sejam quais forem as tendências atuais, tanto a escola como os Professores são confrontados com novas tarefas como a de fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos fornecendo-lhes chaves para uma verdadeira compreensão da sociedade.

Durante a Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico, aprendi que, a escola é encarada como um lugar de aprendizagens, onde o Professor transmite o saber ao aluno; a escola é um espaço onde são facultados meios para construir tanto o conhecimento, como as atitudes e valores bem como as competências. É por isso que a escola é considerada um dos pilares da sociedade e do conhecimento.

Apesar de dar aulas há oito anos, senti-me nervosa, principalmente na minha primeira aula individual. Apesar disto, penso que as minhas aulas foram bem sucedidas e os alunos desenvolveram bem as competências propostas.

Foi uma experiência bastante enriquecedora e elucidativa, principalmente face a alguns problemas com que nos deparamos no nosso dia a dia como profissionais.

Foi notória a evolução dos alunos do 1º Ciclo ao longo das aulas, quer em termos de comportamento quer em relação à sua postura perante as atividades propostas, principalmente os alunos com NEE. Notei uma maior evolução no menino pois, no início era um aluno completamente desinteressado e perturbador, devido à sua condição de NEE. Na última aula, era já uma criança completamente diferente, bem comportada e com uma postura bem diferente do início do meu Estágio. Em relação à menina, também houve uma evolução, mas devido à sua teimosia, características particulares da sua condição, a sua postura em relação às aulas foi diferente da do menino, contudo, sempre realizou as atividades propostas.

Penso que, como Professora estagiária, desempenhei um bom papel, conseguindo resolver problemas e superar obstáculos que de vez em quando se colocaram à minha frente. Alguns destes problemas, como a questão do “dedo no ar” para falar, não foi bem resolvida, pois a turma era muito ativa e a curiosidade dos alunos e a sua ânsia para responder eram mais fortes, levando a que por vezes estivessem todos a falar ao mesmo tempo. Este problema só era contornado quando lhes falava muito baixinho, apercebendo-se que algo não estava bem levando a que se controlassem mais um pouco. Penso que no 1º ano de Escolaridade este problema não tem uma dimensão muito grande, contudo, é necessário resolvê-lo.

3. Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico

Escola Básica Integrada Afonso de Paiva

3.1. Caracterização da Escola

A Escola Básica Integrada Afonso de Paiva situa-se na Rua Dr. Francisco José Palmeiro, pertencente à Cidade e Distrito de Castelo Branco. Iniciou a sua atividade em Outubro de 1972 com o nome de Escola Preparatória Afonso de Paiva. Em 1973, passou a integrar a rede de escolas que “iniciaram a experimentação do novo 3º ciclo - 7º, 8º e 9º ano” (in: Projecto Educativo 2007- 2010).

Entre os anos de 1980 a 1995, a Escola funcionou apenas como Escola do 2º Ciclo do Ensino Básico e só a partir de 1995 é que passou a integrar o 3º Ciclo do Ensino Básico, passando a designar-se EB 2,3 Afonso de Paiva. No ano letivo de 2006/2007, com a atribuição de duas salas ao 1º Ciclo do Ensino Básico, passou a designar-se Escola Básica Integrada Afonso de Paiva.

A Escola Básica Integrada Afonso de Paiva é sede do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, do qual fazem parte oito estabelecimentos de ensino, cujos níveis de ensino vão desde o Pré-escolar ao 3º Ciclo do Ensino Básico, designadamente:

- Jardim de Infância quinta das Violetas
- Jardim de Infância de Salgueiro do Campo
- Jardim de Infância de Freixial do Campo
- Jardim de Infância de Sarzedas
- EB 1/ Jardim de Infância do Castelo
- EB 1 de Santiago
- EB 1 Mina (inclui pólo de Salgueiro do Campo)
- EB 1 de Sarzedas

Antes da sua requalificação, a sede de Agrupamento obedecia a uma tipologia definida para todas as escolas de sede de distrito, sendo constituída por quatro pavilhões independentes, cada um com sete a oito salas de aula, um bloco para trabalhos oficinais e outro bloco para serviços administrativos e estruturas de apoio. Esta tipologia foi designada por Paiva Brandão, o nome do arquiteto que concebeu o modelo.

A Escola foi requalificada durante o ano letivo de 2009/2010 e conta agora com vinte salas de aula normais, dez salas específicas, um refeitório, uma biblioteca, uma sala de professores com bar, um pavilhão gimnodesportivo, um bloco onde funcionam as aulas do 1º Ciclo do Ensino Básico e ainda três campos de jogos exteriores.

Situa-se numa zona de elevada densidade populacional da cidade, cujos habitantes se inserem num nível social de classe média a classe média baixa. No seu meio envolvente existem bairros sociais onde prevalece a Etnia Cigana e estruturas de apoio social importantes como o Hospital Amato Lusitano, o Centro de Saúde, o instituto da Juventude, os Quartéis dos Bombeiros Voluntários e da Guarda Nacional Republicana, a APPACDM de Castelo Branco e o Pavilhão Municipal.

3.1.1. A sala de aula - equipamentos

A sala de aula onde decorreram as aulas de Educação Musical era uma sala específica para o ensino desta disciplina. Era bastante ampla com alguma luz natural, pois possuía janelas viradas para o exterior. Os lugares dos alunos estavam dispostos em forma de um retângulo formado por mesas, perfazendo um total de treze mesas suficientes para um número total de 25 alunos, sobrando um lugar. A sala estava munida de um quadro fixo, pautado, destinado a escrever com giz. Na mesa do professor havia um computador.

3.1.2. Recursos materiais e didáticos

Como suporte ao trabalho por nós desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada, existia na sala de aula uma arrecadação com material didático, nomeadamente:

- aparelhagem com leitor de cd
- teclado (sintetizador)
- baixo elétrico
- bateria
- instrumentos Orff: xilofones, metalofones, jogos de sinos, pandeiretas, clavas, triângulos, guizeiras, caixas-chinesas, pratos, blocos de dois sons, reco-recos, bombos, entre outros.

Verificámos deste modo que a sala se encontrava bem equipada para a prática letiva desta disciplina.

3.1.3. Caraterização da turma do 2º Ciclo do Ensino Básico

A prática supervisionada desenvolvida no 2º Ciclo do Ensino Básico decorreu na turma 4 do 6º ano, na sede do Agrupamento. A turma era constituída por um total de 25 alunos, sendo 14 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. As idades destes alunos estavam compreendidas entre os dez e os treze anos, sendo maioritário o grupo dos alunos com onze anos.

De salientar na turma a existência de uma aluna com Necessidades Educativas Especiais (NEE) devido a problemas auditivos e défice cognitivo profundo, para a qual foi elaborado um Programa Educativo Individual (PEI).

3.2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico

As aulas ministradas no 2º Ciclo do Ensino Básico à turma 4 do 6º ano, da Escola Básica Afonso de Paiva, realizaram-se entre os meses de Dezembro de 2010 e Março de 2011, conforme evidencia o quadro 6.

Data	Atividade	Conteúdos	Observação
29/11/10	Aula de Observação	Ensaio da Peça "Aura Lee"	Observação da aula lecionada pelo Professor Cooperante. Teve como objetivo o aprofundamento do conhecimento da turma.
06/12/10	Aula de grupo	Andamentos: .Adagio .Moderato .Allegro Ensaio da peça "Aura Lee"	Aula lecionada pelas três professoras-estagiárias do grupo. Aprofundamento do conhecimento da turma e das suas capacidades.
10/01/11	Aula individual	Ritmo: .a semicolcheia Formas: . Binária . Ternária . Rondó	Aula individual. Audição e execução (corporal) de sequências rítmicas utilizando a figura rítmica - semi-colcheia. Audição e reconhecimento das formas.
31/01/11	Aula Individual	Ritmo: .a tercina	Aula individual. Audição e execução (corporal) de sequências rítmicas utilizando a figura rítmica - tercina.
21/02/11	Aula individual	Altura: .Escala Diatónica .Alterações .Intervalos	Aula individual. Audição Consciencialização por parte dos alunos para o facto de a música ser formada por intervalos e alterações.
14/03/11	Aula de grupo	Todos os conteúdos lecionados até à data.	Teste de avaliação.

Quadro 7 - Calendarização das aulas no 2º Ciclo do Ensino Básico

As aulas lecionadas decorreram tendo por base a planificação anual, o Currículo Nacional do Ensino Básico e o Programa da disciplina de Educação Musical, salientando a liberdade que o Professor Cooperante deu na escolha dos temas e conteúdos das três aulas que o professor-estagiário deveria planificar e lecionar.

Os temas das duas aulas foram escolhidos de acordo com o Professor Cooperante, e os excertos musicais apresentados escolhidos de forma a irem de encontro aos conteúdos abordados no programa da disciplina, facilitando o processo de ensino e aprendizagem a partir do interesse revelado pelos alunos.

Da observação das aulas, pudemos constatar que os alunos aderiram muito bem às atividades realizadas e revelaram gosto pelas músicas propostas.

Os objetivos e as estratégias chave das aulas tinham como fundamento proporcionar aos alunos o gosto e a sensibilidade pela música através da audição e interpretação vocal e instrumental das peças, alargando o seu leque de conhecimentos em relação a alguns conceitos musicais, como o ritmo, a forma e a altura.

Assim, a 1ª aula teve como temas o ritmo e a forma. Para o ritmo, a figura escolhida foi a semicolcheia, pelo que se procedeu à sua exemplificação tendo como apoio uma ficha com vários exemplos.

Seguidamente passámos ao segundo tema da aula. Procedeu-se a uma breve explicação do que era uma forma, em geral, com alguns exemplos do quotidiano fazendo assim o paralelo para a música. Abordámos três formas diferentes, sendo os vários exemplos auditivos e visuais (ficha) para cada forma, e a sua consolidação feita através da audição e resposta por parte dos alunos.

A segunda aula teve novamente como tema o ritmo. Desta vez a figura rítmica escolhida foi a tercina pelo que se procedeu à sua exemplificação tendo como apoio uma ficha de trabalho com vários exemplos auditivos e visuais.

A terceira aula teve como tema a altura, dividido em três subtemas, a escala diatónica, os intervalos e as alterações. De seguida procedeu-se à explicação e exemplificação de cada um dos subtemas com recurso a cartazes e a uma ficha de trabalho com exemplos dos de cada um.

Ao longo das três aulas, pudemos constatar que os alunos se mostraram bastante interessados e colaborantes, revelando um grande entusiasmo e adesão às atividades propostas. O facto de serem curiosos e mostrarem alguma facilidade de compreensão revelou-nos que os alunos, de um modo geral, desenvolveram boas competências sobre os conhecimentos transmitidos.

3.2.1. Planificações das aulas e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Neste ponto apresentamos as planificações e correspondentes reflexões das aulas que lecionámos no 2º Ciclo do Ensino Básico. Por fim, uma reflexão final sobre a Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico.

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva			
Supervisor		Professor Cooperante	
Prof. António Pedro	Prática de Ensino Supervisionada I e II		Prof. Carlos Vicente
_____	Estagiária: Sónia Barroqueiro		_____

Sumário: A semicolcheia.
Formas: binária, ternária e rondó.

Semana: 10 a 14 de Janeiro		Tempos: 90 minutos		Nível Etário: 6º Ano		Número de Alunos: 24	
Conteúdos Gerais	Conteúdos Específicos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação		
<ul style="list-style-type: none"> · Ritmo · Forma 	<ul style="list-style-type: none"> · Figuras rítmicas: <ul style="list-style-type: none"> · a semicolcheia · Forma Binária · Forma ternária · Forma Rondó 	<ul style="list-style-type: none"> · Relacionar a pulsação com a duração do som; · Saber a duração da semicolcheia; · Compreender o conceito de forma; · Identificar formas musicais com dois temas diferentes; · Identificar formas musicais com dois temas diferentes e regresso ao tema inicial; · Reconhecer as formas Binária e Ternária; · Reconhecer formas musicais com dois ou mais temas; · Reconhecer a forma Rondó; 	<ul style="list-style-type: none"> · Diálogo com os alunos de modo a introduzir os temas em estudo; · Reprodução de ritmos diversos com a voz, com o corpo e com instrumentos de percussão; · Leituras rítmicas e melódicas; · Audição e classificação de obras musicais quanto à forma; · Explicação dos vários andamentos remetendo para exemplos musicais anteriormente apresentados; · Consolidação de conhecimentos através da audição de exemplos musicais novos; 	<ul style="list-style-type: none"> · Humanos: <ul style="list-style-type: none"> · Voz e corpo · Materiais: <ul style="list-style-type: none"> · Leitor de cd · Instrumental Orff · Quadro · Caderno · Ficha de trabalho 1 (anexo 2-materiais utilizados no 2º Ciclo) 	<ul style="list-style-type: none"> · Grelha de avaliação 		

Quadro 8 - Planificação da aula do dia 10/01/11

Reflexão da aula do dia 10/01/2011

Esta foi a nossa primeira regência de aula no 2º Ciclo do Ensino Básico. Como nunca tínhamos lecionado Educação Musical a crianças com idades entre os 10 e os 12 anos sentimo-nos um pouco nervosa, pois não sabíamos como os alunos iriam responder.

Os temas da nossa aula foram a semicolcheia e as forma: binária, ternária e rondó. Iniciámos a aula com um breve diálogo com os alunos onde lhes explicámos a matéria que iríamos abordar. Em primeiro lugar explicámos a parte rítmica - semicolcheia, relacionando a pulsação com a duração do som, conceito que os alunos rapidamente entenderam. Após a parte teórica e esclarecimento de algumas dúvidas, fizemos algumas leituras rítmicas.

Na segunda parte da aula introduzimos o conceito de forma, começando por explicar que todos os objetos têm forma, e que era devido a ela que eles se tornavam reconhecíveis. Depois fizemos a ligação com as formas musicais explicando que todas as músicas têm uma forma. Para melhor compreenderem, escolhemos vários exemplos musicais para cada forma e também distribuímos por cada aluno uma ficha de trabalho com a matéria dada.

No fim de esclarecidas todas as dúvidas foi a altura de testar os alunos levando-os a reconhecer auditivamente as formas, o que eles fizeram sem dificuldade aparente.

Fiquei muito contente com o resultado final, pois os alunos mostraram-se interessados e compreenderam a matéria dada.

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva		
Supervisor		Professor Cooperante
Prof. António Pedro	Prática de Ensino Supervisionada I e II Estagiária: Sónia Barroqueiro	Prof. Carlos Vicente
_____		_____

Sumário: A tercina.

Semana: 3 1 de Janeiro a 4 de Fevereiro		Tempos: 90 minutos		Nível Etário: 6º Ano	Número de Alunos: 24
Conteúdos Gerais	Conteúdos Específicos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
· Ritmo	· Figuras rítmicas: · a tercina	· Relacionar a pulsação com a duração do som; · Saber a duração da tercina; · Reproduzir ritmos diversos e a tercina;	· Diálogo com os alunos de modo a introduzir os temas em estudo; · Reprodução de ritmos diversos com a voz, com o corpo e com instrumentos de percussão; · Leituras rítmicas e melódicas;	· Humanos: · Voz e corpo · Materiais: · Quadro · Caderno Ficha de trabalho 2 (anexo 2- materiais utilizados no 2º Ciclo)	· Grelha de avaliação

Quadro 9 - Planificação da aula do dia 31/01/2011

Reflexão da aula do dia 31/01/2011

Esta foi a nossa segunda regência de aula no 2º Ciclo do Ensino Básico e, uma vez mais, coube-nos ensinar ritmo.

O tema para esta aula foi a figura rítmica - tercina. Começámos por relacionar a pulsação com a duração do som. Depois de explicada esta parte, fizemos alguns exercícios de leitura rítmica e melódica.

Segundo Mialaret⁵ (1974), que neste particular, mantém a atualidade, “ ... a experimentação é fundamental na sala de aula com materiais diversos e de várias formas, permitindo que a partir de descobertas sensoriais os alunos desenvolvessem formas pessoais de se expressar através da manipulação.”

Para melhor consolidar a matéria abordada escolhemos também algumas leituras rítmicas utilizando várias partes do corpo. Estes exercícios, desde logo, motivaram os alunos, apesar de serem um pouco difíceis. Ultrapassadas as dificuldades os alunos realizaram os exercícios com grande entusiasmo pedindo, inclusive, para os repetirem várias vezes e para os realizarem sem a nossa ajuda, o que nos agradou imenso, pois pudemos observar que a matéria tratada tinha ficado consolidada.

⁵ Mialaret, G. (1974). *A aprendizagem da leitura*. Lisboa: Editorial Estampa

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva		
Supervisor		Professor Cooperante
Prof. Helena Francisco	Prática de Ensino Supervisionada I e II Estagiária: Sónia Barroqueiro	Prof. Carlos Vicente
_____		_____

Sumário: Escala Diatónica.
As alterações (Sustenido, bemol e bequadro).
Os intervalos de 2ª maior, 2ª menor, 3ª maior e 3ª menor.

Semana: 21 a 25 de Fevereiro		Tempos: 90 minutos		Nível Etário: 6º Ano	Número de Alunos: 25
Conteúdos Gerais	Conteúdos Específicos	Objetivos	Atividades	Recursos	Avaliação
. Altura	<ul style="list-style-type: none"> · Escala Diatónica · Alterações · Intervalos 	<ul style="list-style-type: none"> · Reconhecer a escala diatónica de Dó; · Reconhecer as alterações: sustenido, bemol e bequadro; · Reconhecer os intervalos de 2ª menor, 2ª Maior, 3ª menor e 3ª Maior; 	<ul style="list-style-type: none"> · Diálogo com os alunos de modo a introduzir os temas em estudo; · Exercícios de identificação das alterações na partitura; · Exercícios de reconhecimento visuais e auditivos: tons, meios-tons e intervalos; 	<ul style="list-style-type: none"> · Humanos: · Voz e corpo · Materiais: · Quadro · Ficha de trabalho 3 (anexo 2-materiais utilizados no 2º Ciclo); · Sintetizador 	-Grelha de avaliação

Quadro 10 - Planificação da aula do dia 21/02/2011

Reflexão da aula do dia 21/02/2011

Esta foi a nossa terceira e última regência de aula individual, no 2º Ciclo do Ensino Básico. Confessamos que estávamos mesmo muito nervosas, pois a aula que tínhamos preparado era muito teórica e estávamos com receio de que a turma não se motivasse o suficiente para não dispersarem as atenções.

Assim, para temas da aula escolhemos a escala diatónica, os tons e meios-tons da escala, as alterações (Sustenido, bemol e bequadro), e os intervalos de 2ª Maior e menor e de 3ª Maior e menor.

De seguida, passámos a explicar que a escala era a organização consecutiva das sete notas musicais com repetição da primeira nota no final, e que o nome que se dá à escala é sempre o da primeira nota. Explicámos também que aos espaços existentes entre cada nota se chamam tons e meios-tons.

Na segunda parte da aula explicámos a função das alterações - sustenido, bemol e bequadro, insistindo em que as alterações servem para subir (#) e descer (b) a altura da nota e não para aumentá-la e que o bequadro servia para anular a função das outras duas alterações. Fizemos questão de repetir várias vezes que as alterações servem para subir e descer a altura da nota, pois os alunos, por várias vezes, disseram que serviam para aumentar a nota.

Na terceira e última parte da aula, e aproveitando as capacidades da turma, explicámos que, à distância que existe entre duas notas, se chama intervalo, existindo vários dentro de uma escala. Exemplificámos e explicámos intervalos de 2ª Maior e menor e de 3ª Maior e menor. Para melhor compreenderem explicámos que nos intervalos maiores há sempre tons inteiros e nos intervalos menores há tons e meios-tons, o que facilitou a aprendizagem dos alunos.

Na parte final da aula fizemos alguns exercícios no quadro pondo em prática todos os conhecimentos proporcionados aos alunos, cujo resultado consideramos que foi muito bom.

Desta aula, pudemos concluir que a maior parte dos alunos compreenderam a função das alterações bem com a classificação dos intervalos.

Apesar do nosso nervosismo inicial, ficámos muito satisfeita pois a turma não desmotivou e permaneceu sempre interessada perante uma aula que foi inteiramente teórica.

3.3. Reflexão Final sobre a Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico

Sejam quais forem as tendências, a escola e os professores encontram-se constantemente confrontados com novas tarefas, quer sejam elas fazer da escola um lugar mais atraente para os alunos, quer seja através do fornecimento de chaves, estratégias, para que estes possam verdadeiramente compreender a sociedade.

Hoje em dia, a Escola é um espaço onde são facultados meios para a construção de um conhecimento, de atitudes, valores e competências, sendo considerada um dos pilares da sociedade e do conhecimento.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo do Ensino Básico, aprendi que a escola é encarada como um lugar de aprendizagens, onde o Professor permite o encontro do saber e do aluno; a escola é um espaço onde são facultados meios para construir tanto o conhecimento como as atitudes e valores ou como as competências. É por isso que a escola é considerada um dos pilares da sociedade e do conhecimento.

No que se refere à minha experiência como professora, e apesar de no início estar bastante apreensiva em relação ao 2º Ciclo do Ensino Básico, a experiência com alunos desta faixa etária foi muito enriquecedora.

É de salientar que a turma onde realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada, não era uma turma muito comum, pelo menos no que respeita à disciplina de Educação Musical, mostrando sempre muito interesse e uma capacidade de resposta acima da média. Contudo, nem sempre foi fácil transmitir novos conhecimentos, levando-me a utilizar estratégias diferentes das que já tinha utilizado. No geral, a turma atingiu os objetivos a que me propus para cada aula.

4. Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico

Escola Básica Cidade de Castelo Branco

4.1. Caracterização da Escola

A Escola Básica Cidade de Castelo Branco situa-se na Rua de São Miguel das Palmeiras no Bairro Ribeiro das Perdizes pertencente à Cidade e Distrito de Castelo Branco.

O Agrupamento de Escolas Cidade de Castelo Branco foi homologado a 5 de julho de 2003 e, a 1 de agosto desse mesmo ano, era empossada a primeira Comissão Provisória. Só em 16 de junho de 2004 é que o Primeiro Concelho Executivo tomou posse, após processo eleitoral do qual fez parte toda a comunidade educativa. Este Concelho Executivo manteve-se até março de 2009, quando foi eleito para o cargo de Diretor do Agrupamento, o docente Jerónimo Barroso, tomando posse a 22 de abril de 2009.

Do Agrupamento fazem parte os seguintes estabelecimentos: EBI Cidade de Castelo Branco (escola sede), EB1 da Boa Esperança, EB1 do Matadouro, EB1 Escalos de Baixo, EB1 da Mata, JI Boa Esperança, JI Bloquinho e JI Escalos de Baixo.

4.1.1. A sala de aula - equipamento

A sala de aula onde decorreram as aulas de Educação Musical era uma sala específica para o ensino desta disciplina. A sala era bastante ampla com alguma luz natural, pois possuía janelas viradas para o exterior. Os lugares dos alunos estavam dispostos em filas formadas por cadeiras com apoio para os alunos escreverem, perfazendo um total de 20 cadeiras, suficientes para um número total de 13 alunos por grupo, sobrando sete lugares. A sala estava munida de dois quadros fixos sendo um pautado e outro liso, ambos destinados a escrever com giz. Na mesa do professor havia um computador.

4.1.2. Recursos materiais e didáticos

Como suporte ao trabalho por nós desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada, existia na sala de aula o seguinte material didático, nomeadamente:

- aparelhagem com leitor de cd
- teclado (sintetizador)
- baixo elétrico
- guitarra clássica
- bateria
- instrumentos Orff: xilofones, metalofones, jogos de sinos, pandeiretas, clavas, triângulos, guizeiras, caixas-chinesas, pratos, blocos de dois sons, reco-recos, bombos, entre outros.
- um projetor de vídeo
- um amplificador.

Verificámos deste modo que a sala se encontrava bem equipada para a prática letiva da disciplina de Educação Musical.

4.1.3. Caraterização da turma do 3º Ciclo do Ensino Básico

A Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida no 3º Ciclo do Ensino Básico decorreu na turma C do 7º ano de escolaridade da sede do Agrupamento EBI Cidade de Castelo Branco. A turma era constituída por 26 alunos, sendo 11 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. As idades destes estavam compreendidas entre os onze e os treze anos, sendo o grupo dos alunos com doze anos maioritário.

È de referir que a turma estava dividida em dois grupos, pelo que cada um só tinha uma aula de 45 min em vez de 1h30min.

4.2. Desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico

As aulas de Educação Musical ministradas no 3º Ciclo do Ensino Básico à turma C do 7º ano, da EB Cidade de Castelo Branco realizaram-se entre os meses de março e junho de 2011.

As aulas lecionadas decorreram tendo por base a planificação anual, o Currículo Nacional e o Programa da disciplina, sendo de salientar que o tema para planificar e lecionar foi escolhido pelo Professor Cooperante.

Os conteúdos das duas aulas foram escolhidos de acordo com o Professor Cooperante, e os excertos musicais apresentados escolhidos de forma a irem ao encontro dos conteúdos abordados no programa da disciplina, facilitando o processo de ensino e aprendizagem a partir do interesse revelado pelos alunos.

Data	Atividade	Conteúdos	Observação
16/02/11	Aula de Observação	Géneros Musicais: A Música Rock	Observação da aula lecionada pelo Professor Cooperante. Teve como objetivo o aprofundamento do conhecimento da turma.
23/02/11	Aula de grupo	Géneros Musicais: A Música Rock Timbre: Instrumentos de percussão	Aula lecionada pelas quatro professoras-estagiárias do grupo. Aprofundamento do conhecimento da turma e das suas capacidades.
23/03/11	Aula individual	A Música Rock	Aula individual. Audição e visualização de excertos da música Rock na década de 1960 - 70.
04/05/11	Aula Individual	Altura: .harmonia .melodia Ritmo: .colcheia .síncopa Timbre: .flautas de Bisel e xilofones A Música Rock	Aula individual. Execução (instrumental) das partes da 1ª e 2ª flauta e dos xilofones soprano, contralto e baixo.
01/06/11	Aula de grupo	Todos os conteúdos lecionados até à data	Aula de grupo. Aula de avaliação individual dos alunos.
08/06/11	Aula de grupo	Todos os conteúdos lecionados até à data.	Aula de grupo. Aula de avaliação individual dos alunos.

Quadro 11 - Calendarização das aulas do 3º Ciclo do Ensino Básico

Da observação das aulas, pudemos constatar que os alunos aderiram muito bem às atividades realizadas e revelaram gosto pelas músicas selecionadas.

Os objetivos e as estratégias chave das aulas tinham como fundamento proporcionar aos alunos o gosto e a sensibilidade pela música através da audição e interpretação instrumental da peça, alargando o seu leque de conhecimentos em relação a alguns conceitos musicais, como a Música Rock.

Assim, a 1ª aula teve como tema a Música Rock na década de 1960-70. Como as aulas eram só de 45 minutos, grande parte da aula serviu para explicar o que foi a música durante a década de 1960-70. Para tal efeito, recorremos às novas tecnologias, visualizando e ouvindo vídeos dos vários grupos representativos dessa década. A outra parte da aula foi dedicada à prática instrumental.

A 2ª aula foi dedicada novamente a o tema Música Rock, abordando alguns conteúdos tais como a altura, o ritmo e o timbre. A segunda parte da aula foi dedicada ao ensaio da peça “Música Rock”

Ao longo das duas aulas, pudemos constatar que os alunos se mostraram bastante interessados e colaborantes, revelando um grande entusiasmo e adesão às atividades propostas. O facto de serem curiosos e mostrarem facilidade de compreensão revelou que os alunos, de um modo geral, desenvolveram boas competências sobre os conhecimentos transmitidos.

4.2.1. Planificações das aulas e reflexões sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Neste ponto apresentamos as planificações e correspondentes reflexões das aulas individuais em que desenvolvemos a nossa Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico e terminamos com uma reflexão global referente a este Ciclo de Ensino.

Agrupamento de Escolas Cidade de Castelo Branco			
Supervisor		Professor Cooperante	
Professora Helena Francisco	Aula Individual Prática de Ensino Supervisionada III Estagiária: Sónia Barroqueiro		Professor João Paulo Leitão
_____			_____

Sumário: A música Rock na década de 1960- 1970.

Semana: 21 a 25 Março		Tempos: 45 minutos		Nível Etário: 7º Ano	Número de Alunos: 26
Conteúdos Gerais	Objetivos	Competências	Atividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ○ A Música Rock 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver e aperfeiçoar a prática instrumental; ○ Saber os graus da escala; ○ Executar no instrumental Orff os encadeamentos harmónicos da música rock; ○ Compreender a música rock no contexto da década de 1960-70; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Realiza exercícios de coordenação das duas mãos no instrumental Orff ; ○ Executa no instrumental Orff os encadeamentos harmónicos da música rock utilizando as notas dos bordões; ○ Executa no instrumental Orff os encadeamentos harmónicos da música rock; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Diálogo com os alunos de modo a introduzir o tema em estudo; ○ Audição/ visualização de vários exemplos musicais da música Rock da década de 1960-70 ○ Praticar no instrumental Orff (xilofones e metalofones) a coordenação das duas mãos; ○ Tocar os bordões na pulsação; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Projetor ○ Quadro ○ Instrumental Orff ○ Caderno ○ Giz ○ Dvd - vídeos rock ○ Power Point com a peça <i>Música Rock</i> (anexo 3 - materiais utilizados no 3º Ciclo) 	

Quadro 12 - Planificação da aula do dia 23/03/2011

Reflexão da aula do dia 23/03/11

Esta foi a nossa primeira regência de aula, no 3º Ciclo do Ensino Básico. Como nunca tínhamos lecionado Educação Musical a alunos já adolescentes, com idades entre os 12 e os 14 anos, sentimo-nos um pouco nervosa, pois não sabíamos como os alunos iriam reagir.

Nesta primeira aula, optámos por dividir a aula em duas partes, a primeira mais teórica e a segunda prática.

Assim, na primeira parte, falámos um pouco sobre a Música Rock na década de 1960 e todas as consequências que daí advieram para a música. Para melhor entenderem o que se passou nessa década, levamos para a aula alguns vídeos musicais dos grupos mais conhecidos da época.

Na segunda parte da aula, os alunos fizeram exercícios livres nos xilofones e metalofones, pois a sua coordenação de mãos assim o requeria. Depois, os alunos tocaram alguns bordões da peça que iriam apresentar em público.

Desta aula, podemos concluir que os alunos se mostraram interessados e bastante curiosos em relação à década de 1960 e apesar de não terem feito muitas perguntas, conseguimos perceber por observação direta a sua curiosidade e o seu interesse.

Pontos fortes - pensamos que um dos pontos fortes da nossa aula foi tê-la dividido em duas partes, sendo uma teórica e outra prática.

Pontos fracos - o facto de a turma estar dividida em dois grupos dificultou o trabalho com todos os alunos nos instrumentos propostos na peça.

Agrupamento de Escolas Cidade de Castelo Branco			
Supervisor		Professor Cooperante	
Professora Helena Francisco	Aula Individual Prática de Ensino Supervisionada III Estagiária: Sónia Barroqueiro		Professor João Paulo Leitão
_____			_____

Sumário: Da peça “Música Rock”, execução das partes da flauta e dos xilofones soprano, contralto e baixo.

Semana: 2 a 6 de Maio		Tempos: 45 minutos		Nível Etário: 7º Ano	Número de Alunos: 26
Conteúdos Gerais	Objetivos	Competências	Atividades	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ○ Altura <ul style="list-style-type: none"> ○ Harmonia ○ Melodia ○ Ritmo <ul style="list-style-type: none"> ○ Colcheia ○ Síncopa ○ Timbre <ul style="list-style-type: none"> ○ Xilofone Soprano ○ Xilofone Contralto ○ Xilofone Baixo ○ Flauta de bisel ○ A Música Rock 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolver e aperfeiçoar a prática instrumental; ○ Interpretar na flauta de bisel a melodia rock ○ Executar as várias partes da melodia nos xilofones soprano, contralto e baixo 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Desenvolve e aperfeiçoar a prática instrumental ○ Executa as várias partes instrumentais ○ Toca individualmente ou em grupo a peça musical abordada 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Consolidação da interpretação da melodia da 1ª flauta; ○ Revisão da melodia da 2ª flauta; ○ Após a consolidação das tarefas anteriores, os alunos irão executar a melodia das duas flautas; ○ Leitura e realização das partes do xilofone soprano, xilofone contralto e xilofone baixo tendo em atenção a pulsação da música. ○ Após a realização das atividades anteriores, introdução das duas flautas; 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Projetor ○ Quadro ○ Instrumental Orff ○ Flauta de Bisel ○ Caderno ○ Giz ○ Power Point com a peça <i>Música Rock</i> (anexo 3 - materiais utilizados no 3º Ciclo) 	Observação direta

Quadro 13 - Planificação da aula do dia 04/05/2011

Reflexão da aula do dia 04/05/2011

Esta foi a nossa segunda regência de aula, no 3º Ciclo do Ensino Básico. Para esta aula tinha sido pedido aos alunos que estudassem em casa as partes da 1ª e 2ª flautas, com a finalidade de fazermos uma revisão das mesmas e prosseguirmos com os outros instrumentos.

Iniciámos a aula ouvindo a parte da primeira flauta e depois da segunda. Esta atividade levou mais tempo do que o previsto, pois os alunos não tinham estudado e tivemos que estudar com eles e tirar as dúvidas que foram aparecendo.

Na segunda parte da aula conseguimos recuperar algum tempo pois os alunos que estavam nos xilofones empenharam-se e conseguiram ler as suas partes da peça, do início ao fim.

Pontos fortes - apesar de os alunos não terem estudado, conseguimos motivá-los e conseguiram executar as duas partes da flauta bastante melhor.

Pontos fracos - continuo a insistir que o facto de a turma estar dividida em dois grupos é prejudicial quer para quem está a lecionar, quer para os alunos pois durante as nossas aulas nunca estiveram todos juntos para se poderem ouvir num todo, e terem noção do que os colegas estavam a tocar.

A flexibilidade curricular e a desejável articulação entre as disciplinas deveria permitir conciliar aspetos como estes, de conseguir juntar, quando necessário, a turma.

4.3. Reflexão Final sobre a Prática de Ensino Supervisionada no 3º Ciclo do Ensino Básico

Foi a partir do comportamento, do interesse, da adesão e da motivação dos alunos, em relação às atividades propostas e às estratégias utilizadas nas aulas lecionadas, que pudemos constatar que, na generalidade, foram bem sucedidas.

O facto de utilizarmos elementos visuais nas aulas, quer fossem eles cartazes, audiovisuais, internet, computador, permitiu que a atenção dos alunos fosse captada com mais facilidade, promovendo uma maior motivação e facilidade no processo de aprendizagem.

Este aspeto permitiu-nos refletir e constatar que, o facto de os alunos estarem expostos diariamente a estímulos visuais são mais facilmente estimulados através da visão. O facto de utilizarmos elementos coloridos e com movimento nas nossas aulas torna o elemento visual bastante apelativo e eficaz junto dos alunos.

Contudo, são as novas tecnologias uma realidade cada vez mais presente na maioria das nossas escolas que, hoje em dia, captam mais a atenção dos nossos alunos, que se entusiasma e se deixam deslumbrar a cada nova descoberta tecnológica.

Quer no ensino da língua portuguesa, da matemática, das línguas estrangeiras, como da música, as novas tecnologias são de grande utilidade, enriquecendo as aprendizagens dos alunos bem como a sua motivação.

O contacto com instrumentos musicais (instrumental Orff), fossem eles os convencionais ou não, também despertava um grande interesse nos alunos, principalmente nos alunos do 3º Ciclo, pois na sua grande maioria nunca o tinham tido.

No que se refere à nossa experiência como professora, e apesar de no início estar bastante apreensiva em relação ao 3º Ciclo do Ensino Básico, a experiência com alunos desta faixa etária foi muito enriquecedora.

O tema em estudo para o 3º Ciclo foi o Rock, e foi através das novas tecnologias (internet) que demos a conhecer aos alunos o início daquilo que é, hoje em dia, a música Rock. Puderam ver e ouvir como eram os grupos rock nos seus primórdios, como muitas das roupas e estilos de cabelo que hoje usam eram as mesmas que se usavam há 40, 50 anos. O facto de poderem visualizar imagens da época, ajudou-os a compreender e a interiorizar melhor o espírito da música rock que iriam executar.

É de salientar que a turma onde realizamos a nossa Prática de Ensino Supervisionada foi uma turma que nos recebeu de braços abertos, mostrando sempre muito interesse em todas as atividades propostas e uma capacidade de resposta bastante boa. Contudo, nem sempre foi fácil transmitir novos conhecimentos, levando-nos a utilizar estratégias diferentes das que já tínhamos utilizado.

No geral, a turma atingiu os objetivos a que me propus para cada aula.

4.4. Conclusão

Desde o início do nosso estágio que, o interesse e entusiasmo demonstrados quer pelos alunos, quer pelos Professores cooperantes, Professores supervisores e pelos nossos colegas de grupo, fez-nos acreditar que seríamos bem sucedidas. Acreditamos que o percurso que escolhemos em relação á nossa forma de lecionar foi dos mais acertados, no entanto, o que hoje funciona numa aula, pode não funcionar na aula seguinte, o que nos levou a concluir que no trabalho de docente tem que haver uma constante reflexão sobre a melhor forma de lecionar.

Trabalhar nos três Ciclos do Ensino Básico, onde a idade dos alunos era tão próxima, principalmente no 2º e 3º Ciclo, levou-nos a que, sempre que possível, o trabalho dos alunos passasse pela prática instrumental convencional e não convencional, utilizando instrumentos musicais tais como o instrumental Orff, e os sons corporais. Ambas práticas instrumentais resultaram bastante bem.

No 1º Ciclo a experiência com instrumentos não convencionais, realizados com materiais recicláveis, cativou o interesse dos alunos, o que levou à sua vontade de voltar a experimentar este tipo de instrumentos. No 2º Ciclo, apesar de termos utilizado os dois tipos de instrumentos o que fascinou mais o interesse dos alunos foi a utilização dos sons corporais, que resultaram bastante bem aquando da consolidação da matéria dada. No 3º Ciclo, a experiência com os instrumentos convencionais pensamos que foi muito gratificante para os alunos, pois na sua grande maioria, o contato com estes tinha sido mínimo, o que levou os alunos a encarar a prática instrumental com entusiasmo acrescido. Das apresentações em público, que foram possíveis nos três Ciclos, onde notámos uma maior satisfação e entusiasmo, apesar de haver alguma timidez, provavelmente devido à idade, foi no 3º Ciclo, onde os alunos superaram as suas inseguranças, através do trabalho em grupo, a entreaajuda e a concentração, qualidades que a música potencia.

Em relação aos materiais utilizados nos três Ciclos do Ensino Básico, foram os materiais áudio-visuais (vídeos, power-point's, musicogramas, entre outros) que melhor resultaram e que melhor atraíram a atenção dos alunos.

Pensamos que o trabalho desenvolvido nos três Ciclos durante a nossa Prática de Ensino Supervisionada, tenha despertado nos alunos um maior interesse pela música.

**Parte II- Estudo de Investigação “A Cultura Musical dos
alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico”**

Capítulo 2. Estudo de Investigação “A Cultura Musical dos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico”

1. Introdução

Se vivêssemos num mundo perfeito, a cultura deveria fazer parte das vidas de todas as pessoas desde o seu nascimento até à sua morte. A expressão artística, no nosso caso, a Música/Educação Musical, tem uma influência muito positiva no desenvolvimento emocional e na formação global das crianças. Para além da música, os hábitos culturais dos pais também influenciam, sem dúvida, estes dois aspetos da vida das crianças/jovens.

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança, art. 29 “a educação deve promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades...”.

Cabe à escola um papel muito importante no desenvolvimento de competências em cada indivíduo, competências essas que passam pela autoformação como um processo de construção.

Em relação à formação de cada indivíduo e segundo Santos (2002, p.15), a escola “...já não deve apenas preocupar-se com a transmissão e aquisição de conhecimentos, mas com a necessidade de que o aluno aprenda a pensar, desenvolvendo competências do pensar”. Cabe à escola “defender o direito humano à educação e participação cultural”⁶, sendo que “a cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo”⁷.

Como aponta Tracana citando Letria (2000, p.7) ...as primeiras e mais decisivas batalhas da cultura, é na escola que têm de ser travadas... é aí que se criam, se fixam e fidelizam os públicos que irão assegurar a perenidade de manifestações culturais. É na escola que começa a educar-se a sensibilidade artística e a predisposição cultural daqueles que irão ser os públicos e a interveniente massa crítica das próximas décadas.

É na escola que grande parte das crianças e jovens têm o seu primeiro contato com atividades culturais, acesso a uma biblioteca, a instrumentos musicais, a espaços onde se desenvolvem atividades culturais, começando, assim, a criar hábitos quer de leitura quer de audição musical. Desta forma, a escola tem um papel muito importante “surge, assim, como um centro de estudo onde se formam cidadãos profissionalmente responsáveis e cientificamente cultos, mas também um local onde podem explorar os seus gostos e ambições noutros campos, nomeadamente na área artística” (Tracana, 2008, p. 8)

Apesar de vivermos numa época em que existe realmente uma democratização da arte em geral e dos públicos, principalmente devido à evolução dos meios tecnológicos, meios esses que grande parte da população possui ou tem acesso a eles, não quer dizer necessariamente que seja um sinal de cultura. Assim, e apesar destes meios nos facultarem um acesso rápido e fácil a

⁶ - Unesco (Org) Roteiro para a Educação Artística, p.5

⁷ - Unesco (Org) Roteiro para a Educação Artística, p.5

grande parte das produções artísticas que juntamente com a massificação da educação e da cultura, estamos a deixar cair no esquecimento o registo de substrato que as músicas e cantigas, de facto, deviam possuir como entidades artísticas convincentes e convenientes. Estes meios, muitas vezes, limitam a oferta cultural, pelo que a escola tem assim um papel importantíssimo na real e efetiva formação cultural e na educação do gosto e da sensibilidade das crianças e dos jovens. Os média influenciam de tal forma as civilizações avançadas ansiosas por uma cultura democratizada, que estão a promover um espírito pouco atento, interessado e seletivo, dando origem a uma banalização indiscriminada da cultura. “É vital, pois, investir na educação, na cultura e na formação do gosto” (Tracana, 2008, p. 8) e poder vir, posteriormente, a considerar este aspeto na planificação do ensino da Educação Musical.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Conceito de Cultura

Podemos tentar definir Cultura como algo de que os indivíduos fazem parte, onde nascem e crescem, ou como um núcleo onde os indivíduos de um determinado grupo estão incluídos durante toda a sua existência e que pode ser entendida como uma construção coletiva. No interior deste núcleo os indivíduos vão crescendo e desenvolvendo-se ao tornarem-se especialistas na arte de interpretar a cultura. Assim, ao crescerem no seio de uma determinada cultura, da qual são parte integrante, os indivíduos vão utilizar a linguagem como um utensílio cultural mediador da interação com os outros.

Segundo Benedict (s/d, p.15):

A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo vem ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta. Quando começa a falar ele é o frutuzinho da sua cultura, e quando crescido e capaz de tomar parte nas actividades desta, os hábitos dela são os seus hábitos, as crenças dela são as suas crenças, as incapacidades dela são as suas incapacidades.

Para Bruner (1996, p.4):

...a cultura forma a mente e dota-nos com um conjunto de ferramentas com as quais construímos, não apenas os nossos mundos mas as próprias concepções de nós próprios e dos nossos poderes (...) conclui que a cultura, embora feita ela própria pelo Homem, forma e torna possível o funcionamento de uma mente humana distinta (...) de modo que aprender e pensar são sempre situados numa cultura e sempre dependentes da utilização de recursos culturais.

Durante bastante tempo, a cultura foi tida como única e universal, pois ela designava tudo o que a humanidade tinha produzido em termos materiais, filosóficos, literários, científicos e artísticos. Foi considerada única porque se referia ao que de melhor fora produzido e universal porque se referia à própria humanidade. A educação era vista como um caminho a percorrer para atingir as formas mais elevadas de cultura e atingir um certo *status* cultural que, até então, só algumas famílias ou grupos sociais “mais educados” possuíam.

No século XVIII, os intelectuais alemães, passaram a chamar de *Kultur* à sua contribuição para a humanidade, principalmente no que os diferenciava do resto do mundo e o que eles consideravam como superior. Assim, a Cultura passou a ser escrita no singular, porque era considerada única, e com letra maiúscula pois era vista como ocupando um estatuto muito elevado.

Ao ser considerada singular e única, passou a ser exemplo e um modelo a seguir pelas outras sociedades. Este facto levou a que se criasse uma diferenciação entre alta e baixa cultura. Subentendia-se como alta cultura, homens cultivados que já tinham atingido o *status*

mais elevado, e baixa cultura como aqueles que ainda não tinham atingido esse tal *status* elevado.

Desta forma a cultura tornou-se elitista.

Segundo D'Andrade (1984, pp.88-119):

... existem pelo menos três grandes pontos de vista sobre a natureza da cultura. Um é a noção de cultura como conhecimento, ou como acumulação de informação. O conjunto dessa informação é muito grande, mesmo em sociedades muito simples, e a sua acumulação pelos indivíduos não carece ser partilhada se na distribuição do conhecimento forem preservadas algumas compreensões básicas de ligação. Segundo este ponto de vista a cultura é algo que se vai acumulando, e não tem que ser altamente integrada, porque, por exemplo, o conhecimento necessário para lidar com a doença ou com a morte não tem conexão obrigatória com a habilidade de caçar ou construir casas, por exemplo. Uma segunda visão é a de que a cultura consiste em estruturas conceptuais que criam a realidade central da pessoa de modo que ela habite o mundo que imagina. Segundo este ponto de vista, a cultura não é apenas partilhada mas intersubjectivamente partilhada, de modo que cada qual assume que os outros vêem as mesmas coisas que ele vê. E não é particularmente acumulada. A terceira visão ocupa o espaço entre a cultura como conhecimento e a cultura como realidade construída, e trata a cultura e a sociedade como se fossem praticamente a mesma coisa, algo feito de instituições como a família, a fábrica, o mercado, a quinta, a igreja. Como sistemas ou agrupamentos de normas definindo papéis relacionados com variados *status*.

Já para LeVine (1984, p. 67), “cultura é uma organização partilhada de ideias que inclui os padrões intelectuais, morais e estéticos prevaletentes numa comunidade e no significado das acções cumulativas.”

Lapassade (1991, p. 116), “a cultura é o conjunto de normas, de valores e de modelos de comportamento de um determinado grupo” e Cole (citado por Carlos Nogueira Fino, 2000, p. 19), considera “a cultura de um determinado grupo como o conjunto de artefactos historicamente acumulados por esse grupo.”

Por mais que tentemos dar um sentido exato ao termo “cultura”, através de infundáveis definições, haverá sempre desacordos sobre a maneira como é aplicado a esta ou qualquer outra realidade. Assim pensamos que o conceito de cultura, com todas as suas ambiguidades, modos de vida e pensamentos, é compreendido no seu sentido lato.

Segundo Veiga-Neto (2003,p. 7):

Aceitou-se, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor - fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários etc. Nesse sentido, a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade. Assim, a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia monocultural. E, para dizer de uma forma bastante sintética, a educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura, tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos.”

2.2. Conceito de Música

A música é algo que faz parte do nosso quotidiano e seria difícil imaginar o nosso mundo sem ela. Todos sabemos que a música se sente, vive, mas chegarmos a uma definição concreta do que é a música, é algo que se tenta há já vários séculos e ainda não se conseguiu chegar a um consenso universal. Edward Elgar (citado por Waug, 2000, p.9) dizia: “a minha ideia é que há música no ar, há música à nossa volta, o mundo está cheio de música e cada um tira para si simplesmente aquela de que precisa.” A música exerce tal poder em nós, quer seja de forma inofensiva e passiva que muitas vezes nos conduz a estados de espírito quase impossíveis de descrever. Para muitos autores, definir o fenómeno Música ainda enfrenta uma grande dificuldade.

Para Waug (2000, p.10):

Música é um conceito extraordinariamente difícil de descrever por palavras. Ao longo dos séculos, centenas e centenas de definições foram produzidas, muitas das quais parecem andar às voltas em círculos, e só algumas são genuinamente merecedoras de reflexão. Alguns maravilham-se perante a beleza celestial da música, enquanto outros tentam reduzir a arte a uma fórmula científica adequada...

Segundo Leonard Bernstein (1954, p. 12):

Os espíritos mais racionalistas da história desde sempre estiveram envoltos por uma ligeira névoa mística, quando o assunto música é abordado, reconhecendo o encanto e a combinação altamente satisfatória de matemática e magia que é a música. (...) Quando Platão fala de música-técnico como é acerca de quase todas as matérias- ele perde-se em vagas generalizações acerca de harmonia, amor, ritmo, e aquelas deidades que estariam, possivelmente, na base de uma melodia. Mas ele sabia que não havia nada melhor do que a música marcial para inspirar e arrastar um soldado para a batalha.

Já para Borba e Lopes-Graça, (1999, p.274), Música é:

Arte de combinar os sons de modo a agradar o ouvido para, pondo em acção a inteligência, falar aos sentimentos e comover a alma. Como ciência, a música aprecia os sons nas suas relações com a melodia, o ritmo e a harmonia. Não auferindo do mundo sensível senão o material sonoro que prepara, modela e combina, a música é uma arte puramente espiritual e subjectiva. Conforme as modalidades ou modos de expressão de que dispõe, a música é, de harmonia com estas diferenciais características, profana, religiosa, erudita, popular, vocal, instrumental, homófona, polifónica, pura, descritiva, imitativa, mecânica, mensural, dramática, coral, sinfónica, teatral, etc.

Para Stravinsky, (1935, 2000, pp.69-71):

“Considero a música, pela sua essência, impotente para *expressar* o que quer que seja: um sentimento, uma atitude, um estado psicológico, um fenómeno da natureza, etc. A *expressão* não foi nunca a propriedade imanente da música. A razão de ser desta não é de forma alguma condicionada por aquela. Se, como é quase sempre o caso, a música parece exprimir qualquer coisa, trata-se apenas de uma ilusão e não de uma realidade. É simplesmente um elemento adicional que, por uma convenção tácita e inveterada, lhe atribuímos, imposto como uma etiqueta, um protocolo, enfim, uma aparência, e que, por hábito ou inconsciência, chegamos a confundir com a sua essência.

A música é o único domínio em que o homem realiza o presente. Por imperfeição da sua natureza, o ser humano está destinado a sofrer o ser do tempo - das suas categorias de passado e de futuro - sem nunca poder tornar real, logo estável, a do presente.

O fenómeno da música foi-nos dado com o único fim de instituir uma ordem nas coisas, incluindo - e principalmente - uma ordem entre *o homem e o tempo*. Para ser realizado, exige, pois, necessariamente e unicamente, uma construção. Efectuada a construção, atingida a ordem, tudo está dito. Seria vão procurar nela ou esperar dela outra coisa. É precisamente essa construção, essa ordem atingida que produz em nós uma emoção de um carácter absolutamente particular, que nada tem em comum com as nossas sensações correntes e as nossas reacções resultantes de impressões da vida quotidiana. Não é possível precisar melhor a sensação produzida pela música do que identificando-a com a que provoca em nós a contemplação do jogo das formas arquitectónicas. Goethe compreendia-o bem ao dizer que a arquitectura é uma música petrificada."

António Vitorino de Almeida (1993, pp. 12-13) afirma que:

Encarada como associação de fenómenos vibratórios e estudada como ciência exacta, como o fazia Pitágoras, ou construída em termos de especulação mental e imaterial, a música é sempre um modo de transmissão de ideias, uma linguagem, uma forma de comunicação que tanto pode descrever-nos os cenários de um quotidiano grotesco, como transportar-nos para estados meditativos de transcendência metafísica. Eu não hesitaria em afirmar que a música constitui um dos mais eficazes elos de comunicação entre as pessoas e usa de um poder admirável - mas ao mesmo tempo assustador - de penetração nos inquietantes mundos do subconsciente (...) A música que nós ouvimos é um fenómeno vibratório e talvez advenha daí a tremenda força e eficiência com que ela age na nossa sensibilidade. Por outro lado a música que se desenvolve (sem som) no pensamento também se pode revestir de um carácter inultrapassavelmente obsidiante - o que não deverá deixar de se considerar perigoso (...) A música nunca é potencialmente inofensiva: deverá ser, em teoria iluminadora e esclarecedora; mas também pode alienar e estupidificar, independentemente, até do maior ou menor grau de qualidade técnica e artística de que se revista (...) A música é uma conselheira da inteligência.

Embora seja difícil definir o conceito de música, muitos foram os autores que contribuíram para se chegar a um conceito universal. Alguns deles são referenciados por Alexander Waug (2000), na sua obra *Música Clássica - Outra Forma de Ouvir*, e das quais escolhemos algumas que pensamos ser bastante interessantes e pertinentes:

- a música é a linguagem universal da humanidade (Henry Wadsworth Longfellow, 1807-1882);
- a música é a arte de pensar os sons (Jules Combarieu, 1859-1916);
- a música é a aritmética dos sons tal como a óptica é a geometria da luz (Claude Debussy, 1862-1918);

Para Andrade (1995, p. 46-51):

...a Música se tornou um símbolo de compreensão livre, universal, independente de educação, uma manifestação de pura intuição. Isso: pode-se muito bem dizer que a Música é intuição pura, pura significando aqui independência absoluta de compreensibilidade consciente abstrata. A música é expressão compreensível de natureza intuitiva.

A Música é uma arte sintética por excelência, não só porque mais que nenhuma outra funde o ser psicológico e o fisiológico, como porque sendo vaga necessariamente pelos fatores diretos de que dispõe e que já por si mesmos (ritmo e som) estilizações de elementos naturais ela não pode particularizar o mundo do fenômenos.

Apesar de apresentarmos algumas definições de música, podemos encontrar muitas outras. Podemos dizer que a música é a combinação do som, silêncio e da intenção artística que cada intérprete consegue transmitir.

Pensamos que a música é a organização e representação dos mais variados sons com sentido. É a linguagem universal, praticada por todos os seres vivos, racionais e irracionais, dos quais o homem, e ao contrário da linguagem verbal, não é o único com capacidade para a articular.

2.3. Cultura musical

Depois das breves definições que tentámos dar sobre cultura e sobre música, podemos dizer que não há uma definição universal de cultura musical assim como de cultura.

Para Merriam (1964, pp. 21-23, 303), cultura é:

o comportamento aprendido e acumulado do homem...o Homem se move através do tempo, do espaço e na sociedade, mas é único em termos de cultura. É ela que imprime em nós uma identidade como pessoas, cidadãos. Não podemos deixar de considerá-la como moldura para as ações educativas, pois ela é mobilizadora. É um agente transformador.

O comportamento artístico é um dos universais na experiência humana, assim como os sistemas social, económico e político. Todos os homens em todos os lugares incluem todos esses aspectos de comportamentos aprendidos na organização de suas vidas. Embora a cultura seja dinâmica, a mudança é uma constante na experiência humana. Mas a cultura é também estável, ou seja, nenhuma cultura muda em grandes quantidades e da noite para o dia; os tecidos de continuidade perpassam cada cultura, e portanto a mudança deve ser sempre considerada em contraposição a uma base de estabilidade.

Mas Certeau (1995, p. 141) nos lembra que “Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.

Merriam, citado por Freire (1992, p. 20) considera:

música como comportamento humano e parte funcional da cultura humana, sendo parte integrante de sua totalidade e refletindo a organização da sociedade em que se insere. Embora considere que o som musical e o resultado de processos de comportamento humano que são modelados por valores, atitudes e crenças das pessoas de uma cultura particular, Merriam buscou, através da comparação de diversas sociedades, chegar a funções sociais da música, por ele consideradas como "universais culturais", ou seja, encontráveis em todas as culturas.

Considerando todas as definições de cultura em geral, podemos dizer que um povo com uma cultura musical é aquele que tem acesso ao conhecimento e à informação.

2.4. A escola enquanto espaço sociocultural

Segundo Dayrell (1996):

... a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado o efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.

Podemos entender a escola como um espaço social próprio, organizado de duas formas: por um lado, institucionalmente, em que os sujeitos obedecendo a um conjunto de normas e regras, que procuram delimitar e unificar a sua ação; por outro lado, quotidianamente, uma rede de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem imposições de normas e estratégias individuais e/ou coletivas, alianças e conflitos, transgressões e acordos.

2.5. A relação escola família

Ao observar a instituição Escola e a instituição Família, considerando as suas semelhanças e diferenças, compreendendo-as sob o olhar denso da cultura, levam-se em consideração os cidadãos, homens e mulheres, enquanto sujeitos sociais e históricos, presentes e atuantes na história da sociedade, tão enraizada de divisores das classes sociais, que separam constantemente os homens da natural condição de igualdade.

Diante desta realidade, a Escola, enquanto instrumento de educação, enfrenta grandes desafios quanto às ações que promove. A família é espaço sociocultural quotidiano e histórico no processo de socialização, relaciona-se com as instituições de ensino, tornando-se berço de atitudes, bem como de mudanças ou de estagnação da realidade na qual a sociedade a insere, pois é delas que partem os sujeitos sociais que irão manter, ou mudar, a si próprios, conseqüentemente, a realidade onde estão inseridos.

Assim, uma relação escola - família, desenvolvida de maneira responsável e comprometida com o avanço da sociedade, é crucial para a evolução de um país.

Cada vez mais, há a necessidade da relação Família/Escola estar em perfeita harmonia.

Ao contrário do que muitos pais pensam, a escola não é “aquele lugar” onde as crianças passam os dias, com a obrigação de aprender, e onde os professores têm todas as responsabilidades. A escola faz parte do quotidiano familiar da criança e os pais devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem.

A escola é uma instituição que complementa a família. Juntas, tornam-se lugares agradáveis para a convivência dos nossos filhos e alunos. A escola não deveria viver sem a família e nem a família deveria viver sem a escola. Uma depende da outra na tentativa de alcançar o maior objetivo, qual seja, o melhor futuro para o filho e educando e, automaticamente, para toda a sociedade.

Para os pais, participar na escola não deve ser só “receber informações”. É necessário que façam sugestões e tomem decisões em conjunto com os professores. Assim, os professores e pais não se devem ver como inimigos pois são ambos um complemento importante na educação das crianças.

A proximidade dos pais ao esforço diário dos professores é um ponto que faz grande diferença nos resultados da educação nas escolas. Se as famílias cooperarem e ajudarem o professor e comunicarem com este de uma forma positiva, o seu trabalho pode ser mais fácil e satisfatório; assim, os pais também assumirão uma atitude mais favorável face aos professores e encarando-os com mais simpatia. Contudo, são poucas as escolas que podem dizer que têm uma relação de proximidade com os pais (família), ou que realizam ações neste sentido. Estas ações, que visam atrair os pais para a escola, podem ser uma ótima saída para formar melhor os alunos dentro dos padrões de estudos esperados e no sentido da cidadania.

Porém, o que se tem vindo a observar é que, por um lado a escola reclama constantemente da ausência das famílias no acompanhamento do desempenho escolar das crianças, da falta de pulso das mesmas para colocar limites aos filhos, e da dificuldade que muitas delas encontram em transmitir valores éticos e morais considerados importantes para a convivência em sociedade. Por outro lado, as famílias, reclama da escola, pelo facto desta lhes exigir que se responsabilizem mais pela aprendizagem das crianças, da ausência de um currículo mais voltado para a transmissão de valores e para a preparação dos alunos perante os desafios não-académicos da sociedade e do mundo do trabalho.

O que na verdade falta é uma maior integração e comunicação entre a escola e a família. Ao mesmo tempo que se é aluno também se é filho e vice-versa, o que faz com que a família e a escola estejam interligadas. Para isso, é importante que se entendam quais as funções e responsabilidades de cada uma, para não se cair no “jogo do empurra”, onde o aluno acaba por ficar no meio, quando, na realidade, é ele a personagem com maior importância para ambas.

Contudo, ao pensarmos nos alunos como filhos e cidadãos, vemos que é impossível colocar à parte, escola, família e sociedade, pois a tarefa de ensinar, não compete apenas ao professor. Ele aprende através da família, dos amigos, das pessoas consideradas significativas, dos meios de comunicação, do quotidiano. Por isso, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola necessita do envolvimento de todos.

Família e escola precisam, juntas, de criar uma força de trabalho para superarem as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva; para isto, é fundamental que se encarem como parceiras, pois ambas são responsáveis pelo que produzem.

É imprescindível que família e escola atuem juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando, pois é através da educação que se vão constituir em agentes institucionais capazes de exercer o seu papel para a mudança da estrutura social.

Atualmente, os pais devem estar cada vez mais atentos aos seus filhos, principalmente ao que eles dizem, ao que eles fazem, às suas atitudes e aos seus comportamentos. Contudo, não são só os pais que têm que estar atentos a estes aspetos, a escola também tem que estar atenta, embora nem sempre seja tarefa fácil.

A maneira como os filhos/alunos comunicam connosco (família/ professores), seja através da sua ausência, da sua rebeldia, do seu afastamento, do seu recolhimento, do choro, do

silêncio, das zangas por pouca coisa, da mudança na maneira de vestir, da descida das notas, é muito importante, e não deve ser ignorada. É através destes comportamentos que eles tentam dizer aos pais (família) qualquer coisa, aos quais, com frequência no dia-a-dia não se lhes dá a devida atenção.

Por vezes é através destes comportamentos que os nossos alunos/filhos tentam pedir ajuda. É aqui que a relação escola/família assume a sua importância. Uma simples conversa entre professores e pais, onde estes possam expressar as suas opiniões, vai ser uma mais valia na tentativa de entender melhor os filhos/alunos.

A construção desta parceria deveria partir dos professores, que são profissionais, visando, com a proximidade dos pais da escola, que a família esteja cada vez mais preparada para ajudar os seus filhos. Muitas famílias sentem-se impotentes, ao receberem os problemas dos seus filhos, que lhes são passados pelos professores, visto não estarem preparadas para tal.

Para isso é necessário haver uma consciencialização muito grande, para que todos se sintam envolvidos neste processo que é educar os filhos/alunos constantemente.

Segundo Davies (1989, pp.37,38)

- Com o envolvimento dos pais podemos ajudar as crianças.
- Com o envolvimento dos pais podemos ajudar os pais.
- Com o envolvimento dos pais podemos ajudar as escolas.
- Com o envolvimento dos pais podemos esperar melhorias na sociedade democrática.

A comunicação entre a escola/família pode ser reforçada, por exemplo, se os pais vigiarem os trabalhos de casa e assegurarem que os filhos (alunos) estudam diariamente o tempo necessário. Com isto, os professores esperam que os pais contribuam para o bom comportamento dos alunos na escola, promovendo e desenvolvendo atitudes favoráveis à aprendizagem.

A autodisciplina, a responsabilidade, a ambição moderada e o gosto pelo trabalho bem feito encontram-se em famílias de todas as classes sociais e, em qualquer dos casos, constituem variáveis poderosas do sucesso educativo (Davies, 1993; p.31).

A transferência de um capital cultural, por parte dos pais para os seus filhos, pode ajudá-los a vencer na escola.

Há toda uma vantagem no envolvimento dos pais (família) na escola. Este envolvimento, quer seja através do acompanhamento do trabalho dos filhos ou pelo diálogo aberto com o professor, promove o sucesso escolar.

De facto, como refere Marques (1991, pp. 20, 21) na vida escolar, o contacto entre o educador e a família do educando é fundamental. A aproximação informal tem a sua importância, e assenta em diversas razões, como: a tranquilidade com que os pais observam a permanência segura dos seus filhos na escola; a motivação dos próprios alunos- quando percebem que a escola e a família se interessam pela sua educação.

Assim, é necessário repensar a relação entre estas duas instituições, promovendo mudanças significativas. Não será uma tarefa fácil pois, existem inúmeros mecanismos de exclusão que rejeitam não somente as vontades e os desejos de mudanças, como os pais que não valorizam a interação com as escolas dos seus filhos, ou, a escola que mantendo a tradição impede uma maior aproximação entre elas.

A cumplicidade família/escola é efetivamente um produto histórico e algo que se joga nos dois sentidos: a família e a escola modernas fazem-se em articulação recíproca. Transportada do passado para o presente, essa cumplicidade constitui uma relação estruturante da condição da infância moderna.

Assim, e para sintetizar, não conseguimos perceber o que acontece e o que se passa dentro da escola, e o que é a escola, sem compreender o que se passa fora dela. Deste modo, a família constitui, sem dúvida, um poderoso e persistente agente de construção ou de erosão do relevo escolar.

3. Problemática em estudo

3.1. Questões orientadoras da investigação

- i. Quais são as preferências musicais dos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico (3ºCEB)?
- ii. De que modo a frequência de Clubes/ Escolas de Música, Bandas, Grupos musicais influencia a cultura musical dos alunos?
- iii. Em que medida a escola influencia o desenvolvimento da cultura musical dos alunos?
- iv. Será que a família dos alunos influencia as suas escolhas musicais?

3.2. Objetivos da Investigação

- i. Conhecer aspetos relativos à cultura musical dos alunos do 3º CEB.
- ii. Conhecer as principais influências da cultura musical dos alunos.

4. Metodologia

Com a nossa investigação tentaremos descrever e interpretar, sob a forma de palavras, os dados que iremos recolher acerca da Cultura Musical dos alunos, com base nas suas opiniões manifestadas nas respostas a inquéritos por questionário. Pretendemos, pois, compreender a forma como estes alunos se enriquecem culturalmente.

Assim, podemos dizer que o nosso estudo é de natureza qualitativa, descritiva, visto este procurar uma perceção particular daquilo que iremos pesquisar, ou seja, o específico e não o generalizável.

4.1. A investigação qualitativa em Educação

A pesquisa qualitativa apresenta cinco características básicas que definem esse tipo de estudo (Bogdan e Biklen, 1982, citado por Ludke e André, 1986):

- 1- O ambiente natural funciona como a fonte directa dos dados e ao investigador cabe o papel principal na recolha dos mesmos;
- 2- Os dados recolhidos são na sua maioria de carácter descritivo;
- 3- O processo surge para o investigador como principal preocupação ao invés do estudo;
- 4- Tentativa de entender o ponto de vista e o interesse dos participantes;
- 5- A análise dos dados tende a assumir um carácter indutivo

Na investigação em Educação, as abordagens qualitativas foram ganhando um lugar com um destaque cada vez maior ao longo das últimas décadas.

Para Ludke e André (1986, p.11) “...é cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores na área da Educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas”.

Ponte (2006, p.2) considera que:

“É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.”

Consideramos, que dentro da Investigação qualitativa, o nosso estudo é um Estudo de caso-
Estudo de Caso-

Como referem Coutinho & Chaves (2002, pp. 221-224):

...se é verdade que na investigação educativa em geral abundam sobretudo os estudos de caso de natureza interpretativa/qualitativa, não menos verdade é admitir que, estudos de caso existem em que se combinam com toda a legitimidade métodos quantitativos e qualitativos.

Ainda segundo estes autores, que se apoiam numa vasta revisão de literatura,

...o facto de o investigador estar pessoalmente implicado na investigação confere aos planos qualitativos um forte cariz descritivo, daí que a grande maioria dos investigadores considere o estudo de caso como uma modalidade de plano qualitativo.

Considerando toda a bibliografia analisada, podemos dizer que o estudo de caso representa uma abordagem metodológica de investigação, que é especialmente adequada quando procuramos, explorar, descrever e compreender acontecimentos, e que este constitui uma estratégia de pesquisa nas Ciências Sociais.

Podemos dizer que, o estudo de caso é uma investigação com características próprias, incidindo sobre situações específicas únicas e especiais, descobrindo o que essa investigação tem de fundamental e específico, cuja finalidade é compreender um determinado fenómeno ao qual o investigador atribui importância e em que a amostra ou sujeitos do estudo, são fundamentais pois constituem o cerne da investigação. O seu objetivo geral é explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar, podendo considerar que, quase tudo pode ser um estudo de caso.

O estudo de caso é considerado, em relação à modalidade de investigação, e segundo a maioria dos autores, como um estudo com cariz descritivo cuja modalidade passa pelo plano qualitativo.

Em relação à validade do estudo, o estudo de caso, e segundo vários autores, não deve ser generalizado, devido à especificidade do “caso”. Representa assim, um método de investigação relevante numa pesquisa intensiva e aprofundada de um determinado objeto de estudo, que se encontra bem definido e que visa compreender a singularidade e globalidade do caso em simultâneo.

4.2. Técnicas de recolha de dados

4.2.1. Inquérito por questionário

O inquérito é “a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências sociais e na sociedade em geral” (Ghiglione e Matalon, 1978).

Segundo Ferreira, (1986, p. 167), “toda a acção de pesquisa se traduz no acto de perguntar. Isto é válido para todo o questionário científico. Tudo se resume a saber fazer perguntas e a identificar os elementos constituintes da resposta.”

De acordo com a autora que acabámos de citar, “inquérito é, de facto, a técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral.”

Segundo Quivy, (1998, p. 188), “o inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores”

A vantagem do inquérito por questionário prende-se com a forma simples da sua aplicação, podendo ser realizado em qualquer lugar, não sendo necessária a utilização de quaisquer aparelhos sofisticados. Pode ser aplicado em grande escala e, ao mesmo tempo podemos escolher os indivíduos aos quais o queremos aplicar.

É uma forma prática de recolher informação relativa a atitudes, opiniões e conhecimentos relacionados com os sujeitos que constituem a amostra em estudo. É um processo que se pode considerar económico e cómodo aquando da existência de limitações temporais, permitindo também o anonimato do inquirido e não sendo influenciado pelo investigador no momento da recolha de dados.

Uma das desvantagens, do inquérito por questionário, prende-se com o facto de os inquiridos responderem de forma a criarem uma boa impressão, podendo os dados recolhidos não refletirem exactamente o que o inquirido pensa ou faz.

O objetivo geral do questionário que elaborámos para inquirir os alunos da nossa turma de Prática de Ensino Supervisionada do 3º Ciclo do Ensino Básico, é conhecer a cultura musical dos alunos através de respostas de escolha múltipla, tentando identificar tendências, tendo como estratégia a obtenção de respostas diretas e claras, bem como de resultados mais precisos, para uma melhor interpretação dos dados aquando da sua análise e de criar a possibilidade de utilizar tais resultados nas mudanças práticas do ensino.

4.3. Contexto Sociocultural do estudo

A riqueza do património sociocultural e arquitetónico é visível na cidade. Da proximidade da Escola EBI Cidade de Castelo Branco, onde o nosso estudo foi desenvolvido, da riqueza do património, destacam-se alguns monumentos como a Ermida de Nossa Senhora de Mércules, a Ermida de S. Martinho e a Ermida de Sant'Ana. A romaria mais importante da região e da cidade é, exatamente a romaria da Nossa Senhora de Mércules, realizada na segunda semana após a Páscoa, na respetiva Ermida e terrenos circundantes, que se situam a 2/3 km da cidade, relativamente próximos da Escola-sede.

As associações de bairro existentes na cidade desempenham um papel importante na dinamização cultural, recreativa e desportiva. De entre as várias associações existentes, podemos destacar as que desenvolvem a sua atividade em bairros que ficam nas imediações das Escolas e Jardins de Infância do Agrupamento de Escolas Cidade de Castelo Branco: a Associação Recreativa e Cultural “As Palmeiras”, a Associação do Bairro do Cansado e a Associação Recreativa do Bairro da Boa Esperança.

Foi neste contexto que o nosso estudo se desenvolveu.

4.3.1. Caracterização da Turma

A caracterização dos sujeitos, que em seguida se apresenta, foi feita com base nos dados do Dossier de Direção de Turma. Tendo em conta os objetivos do nosso estudo elegemos como sujeitos da investigação, os alunos da turma C do 7º ano da Escola Básica Integrada Cidade de Castelo Branco, visto esta ser a turma onde realizámos a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Conforme já referimos, na Parte I deste Relatório de Estágio, a turma do 7º C era constituída por 26 alunos, sendo onze do sexo masculino e quinze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os onze e os treze anos, sendo um aluno de onze anos, 21 alunos de doze anos e quatro alunos de treze anos de idade. Todos eles estavam dentro da idade de escolaridade obrigatória, sendo também todos eles de nacionalidade portuguesa.

Os agregados familiares dos alunos variavam entre os três e os cinco elementos. Três alunos viviam com pais separados e os restantes 23 alunos viviam com os pais juntos. No que diz respeito ao número de irmãos, um dos alunos tinha um irmão, dois alunos tinham três irmãos, três alunos tinham dois irmãos e nove alunos não tinham irmãos.

As idades dos pais estavam compreendidas entre os 30 e os 50 anos, sendo que os pais de quinze alunos tinham idades entre os 40 e os 49 anos. As habilitações dos pais variavam entre o 1º Ciclo do Ensino Básico e o doutoramento sendo a maior incidência no nível secundário e licenciatura. No que diz respeito à situação profissional dos pais dos alunos era mais representativo o setor terciário, com vinte dos alunos cujos pais tinham pais com trabalho efetivo, 5 alunos tinham pais desempregados.

No percurso escolar dos alunos da turma, todos frequentaram a educação pré-escolar; 22 dos alunos nunca tiveram uma retenção enquanto quatro dos alunos já tinham sido retidos. As

retenções ao longo do percurso foram no 2º, 5º 6º e 7º anos. Apenas um aluno repetia este ano o 7º ano de escolaridade.

Referente ao estudo diário, 38% dos alunos disse realizar um estudo diário, mas 62% afirmaram não o fazer. No que dizia respeito ao estudo diário oito dos alunos referiam estudar entre 30 minutos e 1 hora, três dos alunos referem estudar menos de 30 minutos, e um aluno referiu estudar entre 1 e 2 horas.

Quanto ao local de estudo, dezasseis dos alunos disseram estudar no quarto, quatro deles na sala, um aluno refere estudar na explicação, dois disseram estudar na cozinha, um no escritório e dois não responderam. Estudavam sozinhos dezassete dos alunos, dois com explicador, três com a mãe e quatro com o pai.

Ao nível de comportamento era uma turma boa, não apresentando problemas de comportamento, embora dois alunos tivessem apresentado faltas disciplinares no ano anterior enquanto 26 dos alunos não tivessem quaisquer faltas disciplinares. Apenas um aluno beneficiou de apoio pedagógico.

No que diz respeito a alunos subsidiados pela Ação Social Escolar, nenhum aluno se encontrava no 1º escalão, quatro dos alunos estavam no 2º escalão. O 1º escalão refere-se às famílias que financeiramente têm mais carências, o 2º escalão àquelas cujas carências financeiras não são tão significativas como as do 1º escalão.

Ao nível de saúde, dois dos alunos apresentavam problemas de alergias e três de asma.

Todos eles tomavam o pequeno-almoço em casa, nove dos alunos almoçavam em casa, catorze deles almoçavam no refeitório da escola e um almoçava em casa de familiares.

No que respeita à ocupação dos tempos livres, dezasseis dos alunos ocupava o seu tempo livre com desporto, cinco dos alunos com música, três deles no computador e um na televisão.

Quanto a hábitos de deitar, catorze dos alunos da turma deitavam-se às 22 horas, nove entre as 22 e as 23 horas e um entre as 23 e as 24 horas.

Quanto à deslocação para a escola, seis dos alunos deslocavam-se a pé, e vinte de carro.

4.3.2. Os sujeitos do estudo

Tendo em conta os objetivos do nosso estudo elegemos como sujeitos da investigação, os alunos da turma C do 7º ano da Escola Básica Integrada Cidade de Castelo Branco, visto esta ser a turma onde realizámos a nossa Prática de Ensino Supervisionada.

Nas últimas semanas da nossa Prática de Ensino Supervisionada, foi entregue, a cada um dos 26 alunos da turma, um questionário de modo a ser preenchido em casa, com a colaboração da família.

Dos 26 questionários enviados, obtivemos um retorno de dezoito, o que corresponde a uma percentagem de 69,23%. São estes dezoito alunos que constituem os sujeitos do nosso estudo.

4.4. O instrumento de recolha de dados

Para podermos desenvolver o nosso projeto de investigação, passámos um inquérito por questionário (quadro 14) de forma a podermos analisar aspetos relacionados com as suas preferências musicais e as relações com a música.

Os aspetos inquiridos aos alunos tinham como objetivo, ficarmos a conhecer um pouco da sua cultura musical e, desta, forma podermos justificar a pertinência do nosso estudo, enquanto elemento relevante para colher orientação para a Prática de Ensino da Educação Musica.

Foi pedido aos alunos que respondessem ao inquérito de uma forma coerente de modo a que as suas respostas fossem o mais verdadeiras possíveis e, também, para que a análise dos dados fosse o mais fiável possível.

Em relação à aplicação do questionário, foi distribuído um por cada aluno e foi-lhes pedido que preenchessem em casa, pois a ajuda dos pais seria necessária, uma vez que o questionário também continha questões relacionadas só com os pais.

O questionário era composto por 39 questões agrupadas em três grandes categorias. As categorias estavam relacionadas:

- 1ª - Identificação do aluno;
- 2ª - Identificação da família;
- 3ª - Preferências musicais dos alunos.

Blocos	Questões
1. Identificação	1.1.Nome (facultativo) 1.1. Idade (até 31/08/2011) 1.2. Sexo: M F 1.3. Ano de Escolaridade (até 31/08/2011) 1.4. Executas algum instrumento? Sim Não Se sim, qual
2. Identificação da Família	2.1. Pai: Idade Habilitações Académicas Profissão 2.1.1. Executa algum instrumento musical? Sim Não Se sim, qual? 2.1.2. Que género/ tipo de música ouve ou com qual mais se identifica? 2.1.3. Já alguma vez assistiu a algum tipo de espetáculo/ concerto musical? Sim Não Se sim, no último ano assistiu a quantos? (Mais de 12); (Entre 8 a 12);(Entre 4 a 7); (Entre 2 a 3); (Um) 2.2. Mãe: Idade Habilitações Académicas 2.2.1. Executa algum instrumento musical? Sim Não Se sim, qual? 2.2.2. Que género/ tipo de música ouve ou com qual mais se identifica? 2.2.3. Já alguma vez assistiu a algum tipo de espetáculo/ concerto musical? Sim Não Se sim, no último ano assistiu a quantos? (Mais de 12); (Entre 8 a 12);(Entre 4 a 7); (Entre 2 a 3); (Um)

	<p>2.3. Irmãos: Tens irmãos? Sim Não</p> <p>Se respondeste SIM, preenche a seguinte tabela:</p> <table border="1" data-bbox="539 248 1334 421"> <thead> <tr> <th>(Riscar o que não interessa)</th> <th>Idade</th> <th>Ano de Escolaridade</th> <th>Profissão</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Irmão/ Irmã</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p>2.3.1. Executa algum instrumento musical? Sim Não Se sim, qual? _____</p> <p>2.3.2. Que género/ tipo de música ouve ou com qual mais se identifica? _____</p> <p>2.3.3. Já alguma vez assistiu a algum tipo de espetáculo/ concerto musical? Sim Não Se sim, no último ano assistiu a quantos? (Mais de 12); (Entre 8 a 12);(Entre 4 a 7); (Entre 2 a 3); (Um)</p>	(Riscar o que não interessa)	Idade	Ano de Escolaridade	Profissão	Irmão/ Irmã			
(Riscar o que não interessa)	Idade	Ano de Escolaridade	Profissão						
Irmão/ Irmã									
<p>3.Preferências musicais</p>	<p>3.1. Quais são os estilos/ géneros musicais que mais ouves? <i>Responde no máximo a três opções.</i> Pop / Rock; Hip-hop Música ligeira Música Clássica; Música Popular Portuguesa; Música Tradicional; Jazz; Blues; Heavy metal ;Outro Género. Qual? _____</p> <p>3.2. Escreve o nome de cinco grupos musicais e/ou compositores e/ou intérpretes com os quais te identificas.</p> <p>3.2.3. Já alguma vez assististe a algum tipo de espetáculo/ concerto musical? Sim Não Se sim, no último ano assististe a quantos? (Mais de 12); (Entre 8 a 12);(Entre 4 a 7); (Entre 2 a 3); (Um)</p> <p>3.3. Onde ouves música? No quarto; No carro; Na sala; Nas aulas de Ed. Musical; Na rua; Nas lojas; Noutro (s) locais. Qual (ais)?</p> <p>3.4. Quando ouves música? De manhã; Quando estás a estudar; À noite; Noutra (s) circunstância. Qual (ais)?</p> <p>3.5. Frequentas ou já frequentaste alguma escola, clube, banda ou grupo de música? Sim Não</p> <p>3.6. Se marcaste <u>Sim</u> na questão anterior, responde às seguintes:</p> <p>3.6.1. Qual (is) a(s) escola, clube, banda ou grupo de música que frequentas/ frequentaste</p> <p>3.6.2. Em que ano ou período letivo te inscreveste?</p> <p>3.6.3. Durante quanto tempo frequentaste/ frequentas? (riscar o que não interessa)</p> <p>3.7. Como soubeste da existência da escola, clube, banda ou grupo que frequentas? Pais; Familiares; Publicidade na escola; Amigos; Professor de Educação Musical; Outra forma. Qual</p> <p>3.8. Desde que começaste a frequentar a escola, clube, banda ou grupo de música, houve alterações positivas na tua vida? Sim Não Quais? (<i>Responde no máximo a quatro</i>) Maior apreciador de música; Maior apreciador de outras formas de arte (dança, pintura, escultura, teatro, entre outras). Outras; Mais responsável nas tarefas do dia-a-dia; Mais pontual e assíduo; Mais respeito e tolerância em relação aos colegas (mais novos e mais velhos); Melhor instrumentista.</p> <p>3.9. Desde que começaste a frequentar a escola, clube, banda, grupo de música, houve alterações negativas na tua vida? Sim Não Quais? (<i>Responde no máximo a quatro</i>) Menos tempo para estudar; Incompatibilidade com outras tarefas; Alteração da vida familiar; Menos tempo para sair/ conversar/ passar tempo com os colegas; Privação de outras atividades extraescolares; Menos rendimento escolar.</p> <p>3.10. Se já frequentaste mas deixaste de frequentar uma escola, clube, banda, grupo de música, se pudesses gostarias de voltar a frequentar? Sim Não</p> <p>3.11. Assinala com uma X os tipos de produção de espetáculos que conheces. Primavera Musical; Cultura Vibra; Cultura Politécnica; Festival Entrelaços; Festival de Tunas Académicas; Festival Scutvias; Outro (s). Qual (is)?</p> <p>3.12. Alguma vez assististe a algum espetáculo destes agrupamentos/ instituições? (Assinala com uma X aqueles a que já assististe) Orquestra Típica Albicastrense; Orfeão de Castelo Branco; Conservatório Regional de Castelo Branco; Escola de Música do Centro Social Padres Redentoristas; Bandas Filarmónicas; Cine Teatro Avenida (específica) Outro (s). Qual (is)?</p>								

Quadro 14 - Inquérito apresentado aos alunos e suas famílias

4.5. Dos dados à análise dos resultados

Neste ponto apresentamos os dados recolhidos através do Inquérito por Questionário e a sua análise.

Assim, através dos quadros 15, 16 e 17 que organizámos, e que são uma síntese das respostas recolhidas com o inquérito por questionário, pudemos apurar os resultados seguintes.

Alunos	Categorias	Pai	Mãe
Aluno 1	Habilitações Académicas	Secundário	1º Ciclo
	Profissão	Caixeiro	Operária Fabril
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Todo o tipo	Todo o tipo
	Assistência a espetáculos	Mais de 12	Entre 2 a 3
Aluno 2	Habilitações Académicas	3º Ciclo	3º Ciclo
	Profissão	Não refere	Não refere
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Pop7 rock	Pop7 rock
	Assistência a espetáculos	Entre 4 a 7	Entre 4 a 7
Aluno 3	Habilitações Académicas	3º Ciclo	3º Ciclo
	Profissão	Vendedor	Operária fabril
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Heavy metal	Pop7 rock
	Assistência a espetáculos	Não refere	Não refere
Aluno 4	Habilitações Académicas	Bacharelato	Bacharelato
	Profissão	Engenheiro	Enfermeira
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Rock	Jazz
	Assistência a espetáculos	Não refere	Não refere
Aluno 5	Habilitações Académicas	2º Ciclo	Secundário
	Profissão	Construtor civil	Empregada de escritório
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Fado / folclore	Pop7 fado
	Assistência a espetáculos	Entre 2 a 3	Entre 2 a 3
Aluno 6	Habilitações Académicas	Secundário incompleto	Bacharelato
	Profissão	GNR-BT	Comercial
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Pop7 rock	Pop7 rock/ tradicional
	Assistência a espetáculos	Entre 2 a 3	Entre 2 a 3
Aluno 7	Habilitações Académicas	Secundário	Secundário
	Profissão	Gerente	Administrativa
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Não refere	Música ligeira
	Assistência a espetáculos	Entre 4 a 7	Entre 4 a 7
Aluno 8	Habilitações Académicas	3º Ciclo	1º Ciclo
	Profissão	Funcionário do comércio	Operária fabril
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Rock	Música portuguesa
	Assistência a espetáculos	Entre 2 a 3	Entre 2 a 3
Aluno 9	Habilitações Académicas	Secundário	Secundário
	Profissão	Vendedor	Assistente social
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Pop/ rock	Música clássica
	Assistência a espetáculos	Entre 2 a 3	Um
Aluno 10	Habilitações Académicas	Mestrado	Licenciatura
	Profissão	Professor	Engenheira
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Pop/ rock	Pop/ rock
	Assistência a espetáculos	Um	Um
Aluno 11	Habilitações Académicas	Mestrado	Licenciatura
	Profissão	Professor	Funcionária pública
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Rock	Não refere
	Assistência a espetáculos	Entre 4 a 7	Um

Alunos	Categorias	Pai	Mãe
Aluno 12	Habilitações Académicas	Secundário	1º Ciclo
	Profissão	Caixeiro	Operária Fabril
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Todo o tipo	Todo o tipo
	Assistência a espetáculos	Mais de 12	Entre 2 a 3
Aluno 13	Habilitações Académicas	Licenciatura	Mestrado
	Profissão	Engenheiro	Engenheira
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Rock dos anos 60	Rock dos anos 60
	Assistência a espetáculos	Entre 4 a 7	Entre 8 a 12
Aluno 14	Habilitações Académicas	Secundário	Licenciatura
	Profissão	Gerente restauração	Técnica de biblioteca
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Não refere	Não refere
	Assistência a espetáculos	Entre 2 a 3	Entre 2 a 3
Aluno 15	Habilitações Académicas	2º Ciclo	3º Ciclo
	Profissão	Armador de ferro	Comerciante
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Música romântica portuguesa	Música romântica portuguesa
	Assistência a espetáculos	Um	Um
Aluno 16	Habilitações Académicas	Secundário	3º Ciclo
	Profissão	Operário fabril	Operária fabril
	Tipo/ géneros musicais que ouve	pop	Rock
	Assistência a espetáculos	Não refere	Não refere
Aluno 17	Habilitações Académicas	3º Ciclo	Secundário
	Profissão	Desempregado	Reformada
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Rock	Rock
	Assistência a espetáculos	Não refere	Não refere
Aluno18	Habilitações Académicas	Secundário	Secundário
	Profissão	Carteiro	Auxiliar de ação educativa
	Tipo/ géneros musicais que ouve	Pop7 rock	Pop/ rock
	Assistência a espetáculos	Entre 4 a 7	Entre 4 a 7

Quadro 15- Resumo das respostas dos pais ao inquérito por questionário

Categorias		Alunos																		
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
Sexo	Masculino				X	X				X			X				X	X		
	Feminino	X	X	X			X	X	X		X	X		X	X	X			X	
Executa algum instrumento	Sim	X	X	X			X	X		X			X	X	X	X	X		X	
	Não				X	X			X		X	X						X		
Estilos/ géneros musicais que ouve	Pop/Rock	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Hip-hop	X	X							X				X		X	X			
	Música ligeira	X								X		X								
	Música Clássica				X															
	Mús. pop. Portuguesa									X								X	X	
	Música Tradicional						X													
	Jazz				X															
	Blues																			
	Heavy Metal		X						X									X	X	
Assistência a espetáculos	Sim	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	
	Não				X					X							X			
	Quantidade	+ 12							X										X	
		Entre 8 a 12						X						X		X				
		Entre 4 a 7	X	X				X												
		Entre 2 a 3					X			X		X					X			
Um			X							X			X				X			
Local onde ouve música	No Quarto	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Na sala	X			X	X	X	X	X							X	X			
	Na rua		X																	
	No carro	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Nas aulas de Ed. Musical					X	X				X		X					X	X	
	Nas lojas						X			X	X							X		
	Noutros locais												X			X				
Frequência de Escola de Música	Sim						X				X								X	
	Não	X	X	X	X	X		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		
Alterações positivas na vida em relação à frequência da Escola de Música	Sim						X					X							X	
	Não											X								
	Quais	Maior apreciador de música.						X												X
		Maior apreciador de outras formas de arte.																		
		Mais responsável nas tarefas do dia-a-dia.																		
		Mais pontual e assíduo.																		
		Mais respeito e tolerância em relação aos colegas.																		
Melhor Instrumentista							X												X	

Categorias		Alunos																		
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
Alterações negativas na vida em relação à frequência da Escola de Música	Sim																			
	Não						X				X								X	
	Quais	Menos tempo para estudar.																		
		Incompatibilidade com outras tarefas.																		
		Alteração da vida familiar.																		
		Menos tempo para sair/ conversar/ passar tempo com os colegas.																		
		Privação de outras atividades extra-escolares.																		
Menos rendimento escolar																				
Tipos de produção de espetáculos que conhece	Primavera Musical																			
	Cultura Vibra																			
	Cultura Politécnica																			
	Festival Entrelaços																			
	Festival de Tunas Académicas																			
	Festival Scutvias																			
	Outros																			
Assistência a algum destes espetáculos	Orquestra Típica Albicastrense																			
	Orfeão de Castelo Branco																			
	Conservatório Regional de Castelo Branco																			
	Escola de Música do Centro Social Padres Redentoristas																			
	Bandas Filarmónicas																			
	Cine teatro Avenida																			
Outros																				

Quadro 16 - Resumo das respostas dos alunos ao inquérito por questionário

		Tipo/ géneros musicais que ouve	Assistência a espetáculos
Aluno 1	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop/ música ligeira	Entre 4 a 7
	Pai	Todo o tipo	Mais de 12
	Mãe	Todo o tipo	Entre 2 a 3
Aluno 2	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop/ heavy metal	Entre 4 a 7
	Pai	Pop/ rock	Entre 4 a 7
	Mãe	Pop/ rock	Entre 4 a 7
Aluno 3	Aluno	Pop/ rock	um
	Pai	Heavy metal	Não refere
	Mãe	Pop/ rock	Não refere
Aluno 4	Aluno	Pop/ rock/ música clássica/ jazz	Não assistiu
	Pai	Rock	Não refere
	Mãe	Jazz	Não refere
Aluno 5	Aluno	Pop/ rock	Entre 2 a 3
	Pai	Fado/ folclore	Entre 2 a 3
	Mãe	Pop/ fado	Entre 2 a 3
Aluno 6	Aluno	Pop/ rock/ música tradicional	Entre 4 a 7
	Pai	Pop/ rock	Entre 2 a 3
	Mãe	Pop/ rock/ música tradicional	Entre 2 a 3
Aluno 7	Aluno	Pop/ rock	Entre 8 a 12
	Pai	Não refere	Entre 4 a 7
	Mãe	Música ligeira	Entre 4 a 7
Aluno 8	Aluno	Pop/ rock/ heavy metal	Entre 2 a 3
	Pai	Rock	Entre 2 a 3
	Mãe	Música portuguesa	Entre 2 a 3
Aluno 9	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop/ música ligeira/música pop. portuguesa	Não assistiu
	Pai	Pop/ rock	Entre 2 a 3
	Mãe	Música clássica	Um
Aluno 10	Aluno	Pop/ rock	Um
	Pai	Pop/ rock	Um
	Mãe	Pop/ rock	Um
Aluno 11	Aluno	Pop/ rock/ música ligeira	Entre 2 a 3
	Pai	Rock	Entre 4 a 7
	Mãe	Não refere	Um
Aluno 12	Aluno	Pop/ rock	Entre 4 a 7
	Pai	Todo o tipo	Mais de 12
	Mãe	Todo o tipo	Entre 2 a 3
Aluno 13	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop	Um
	Pai	Rock dos anos 60	Entre 4 a 7
	Mãe	Rock dos anos 60	Entre 8 a 12
Aluno 14	Aluno	Pop/ rock	Entre 4 a 7
	Pai	Não refere	Entre 2 a 3
	Mãe	Não refere	Entre 2 a 3
Aluno 15	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop	Entre 2 a 3
	Pai	Música romântica portuguesa	Um
	Mãe	Música romântica portuguesa	Um
Aluno 16	Aluno	Pop/ rock/ hip-hop/ heavy metal	Não assistiu
	Pai	Pop	Não refere
	Mãe	Rock	Não refere

		Tipo/ géneros musicais que ouve	Assistência a espetáculos
Aluno 17	Aluno	Pop/ rock/ música pop. portuguesa	Um
	Pai	Rock	Não refere
	Mãe	Rock	Não refere
Aluno 18	Aluno	Pop/ rock/ música pop. Portuguesa/ heavy metal	Entre 8 a 12
	Pai	Pop/ rock	Entre 4 a 7
	Mãe	Pop/ rock	Entre 4 a 7

Quadro 17 - Resumo comparativo entre as respostas dos alunos e as respostas dos pais ao inquérito por questionário

De seguida passamos a apresentar algumas informações relacionadas com os sujeitos inquiridos.

Os alunos inquiridos tinham idades compreendidas entre os doze e os catorze anos.

No gráfico 1 podemos observar a distribuição por género dos alunos do 7º ano de escolaridade que responderam ao inquérito, num total de dezoito alunos, sendo oito do sexo masculino e doze do sexo feminino.

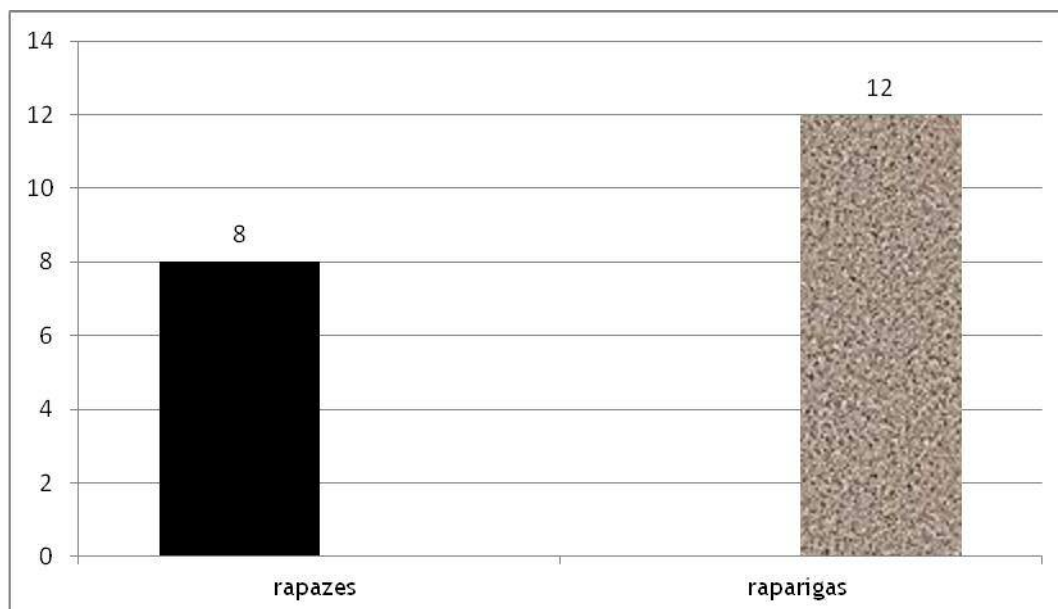


Gráfico 1 - Distribuição dos alunos por género

Em relação à questão “Executas algum instrumento musical?” obtivemos um resultado muito semelhante tanto para as respostas afirmativas (55,5%), como para as negativas (44,5%). Embora muito próximas as percentagens, podemos constatar que mais de metade dos alunos tocam um instrumento musical, como podemos observar no gráfico 2.

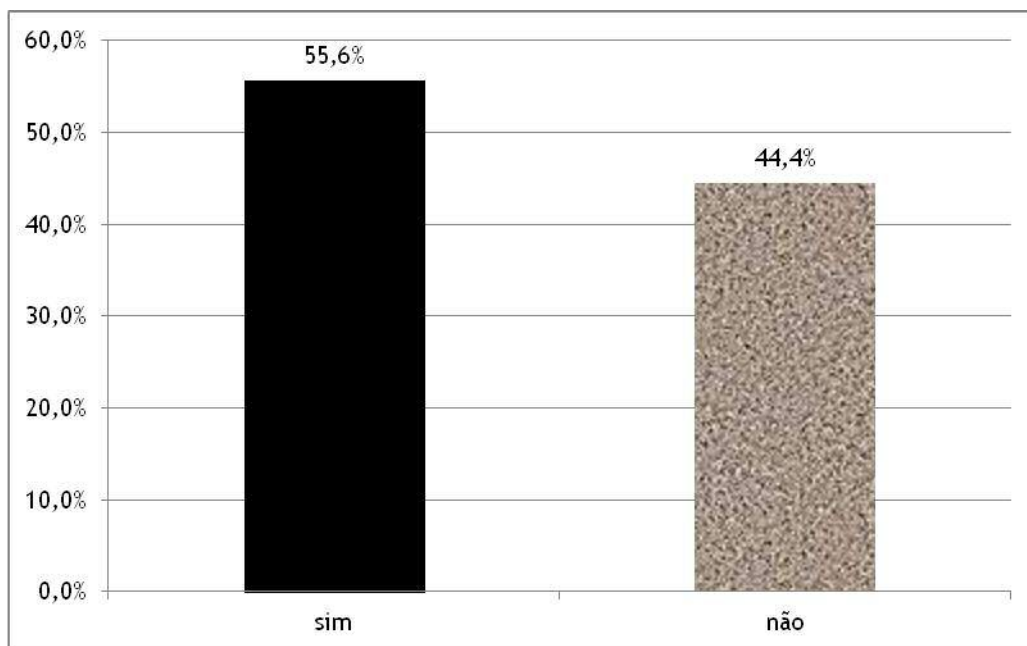


Gráfico 2 - Executa algum instrumento musical

Dos alunos que responderam **Sim** à questão “Executas algum instrumento musical?”, 38,9% responderam que só tocam flauta, 5,6% tocam flauta e violino, 5,6% flauta e bateria e 11% flauta e guitarra, sendo que os restantes 38,9% não executam nenhum tipo de instrumento musical, podendo salientar-se o facto de 61,1% dos alunos tocar algum tipo de instrumento, como podemos observar no gráfico 3.

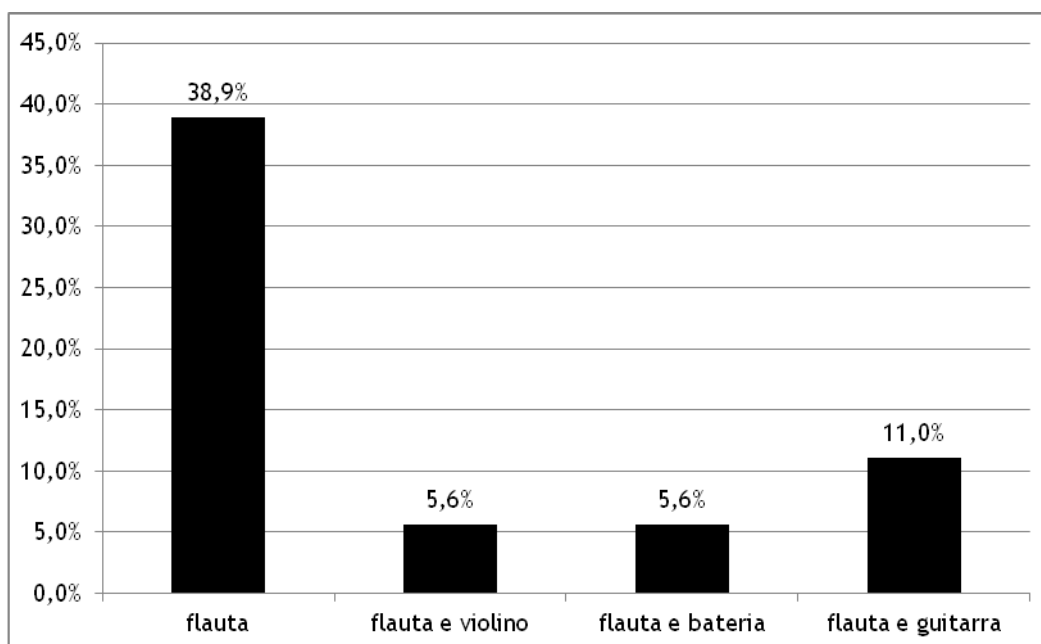


Gráfico 3 - Qual o instrumento que executa.

De seguida analisaremos as questões relacionadas com os pais dos alunos.

As suas idades estão compreendidas entre os 33 e os 50 anos e as suas habilitações literárias vão desde o primeiro Ciclo do Ensino Básico completo ao Grau de Mestre, como

podemos observar no gráfico 4. Podemos destacar o facto de que a maioria dos pais tem formação a nível do Ensino Secundário, 38,9% para os pais e 27,8% para as mães, seguido do 3º Ciclo do Ensino Básico.

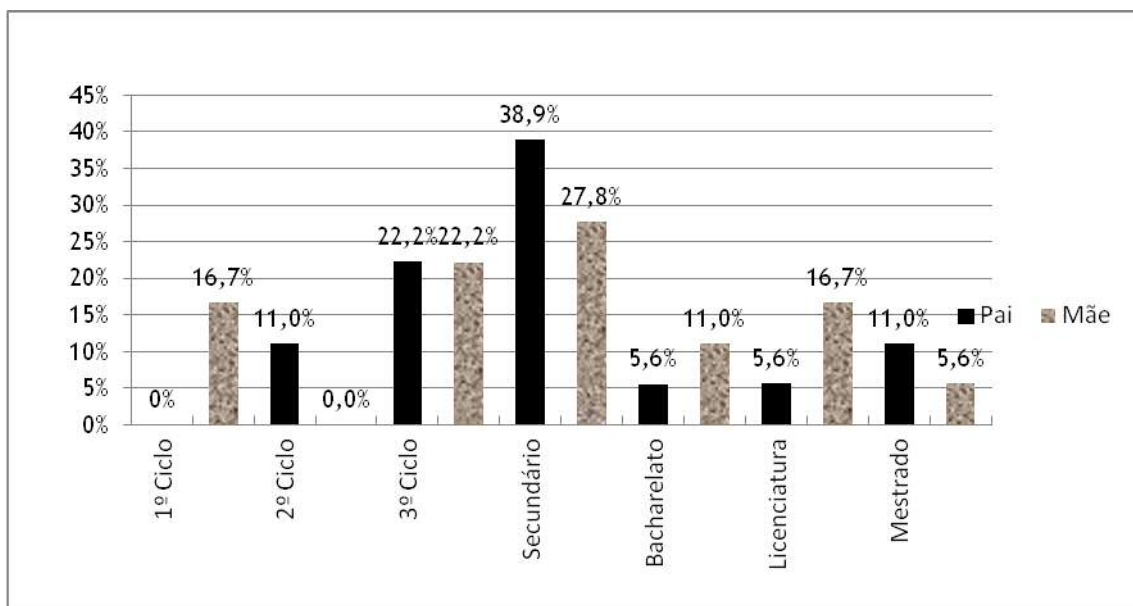


Gráfico 4 - Habilitações literárias dos Pais

Na questão colocada aos pais “Executa algum instrumento musical?” a resposta foi quase unânime para ambos (pai e mãe), com 94,4% das respostas negativas (gráfico 5).

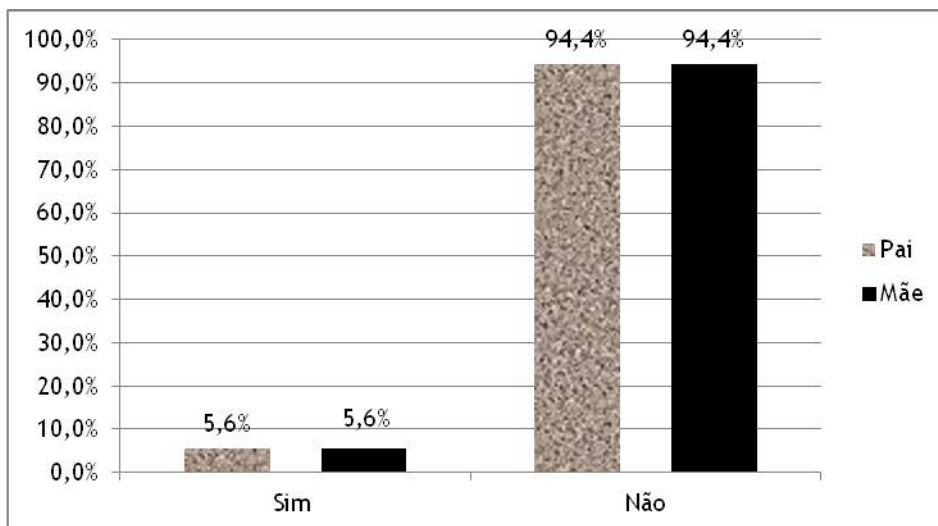


Gráfico 5 - Executa algum instrumento musical.

No género/ tipo de música que ouvem, podemos destacar que mais de metade dos pais e das mães preferem o pop/ rock, seguido de outros géneros, onde estão incluídos o fado, a música romântica portuguesa entre outros, e que alguns ouvem todo o tipo de música (gráfico 6).

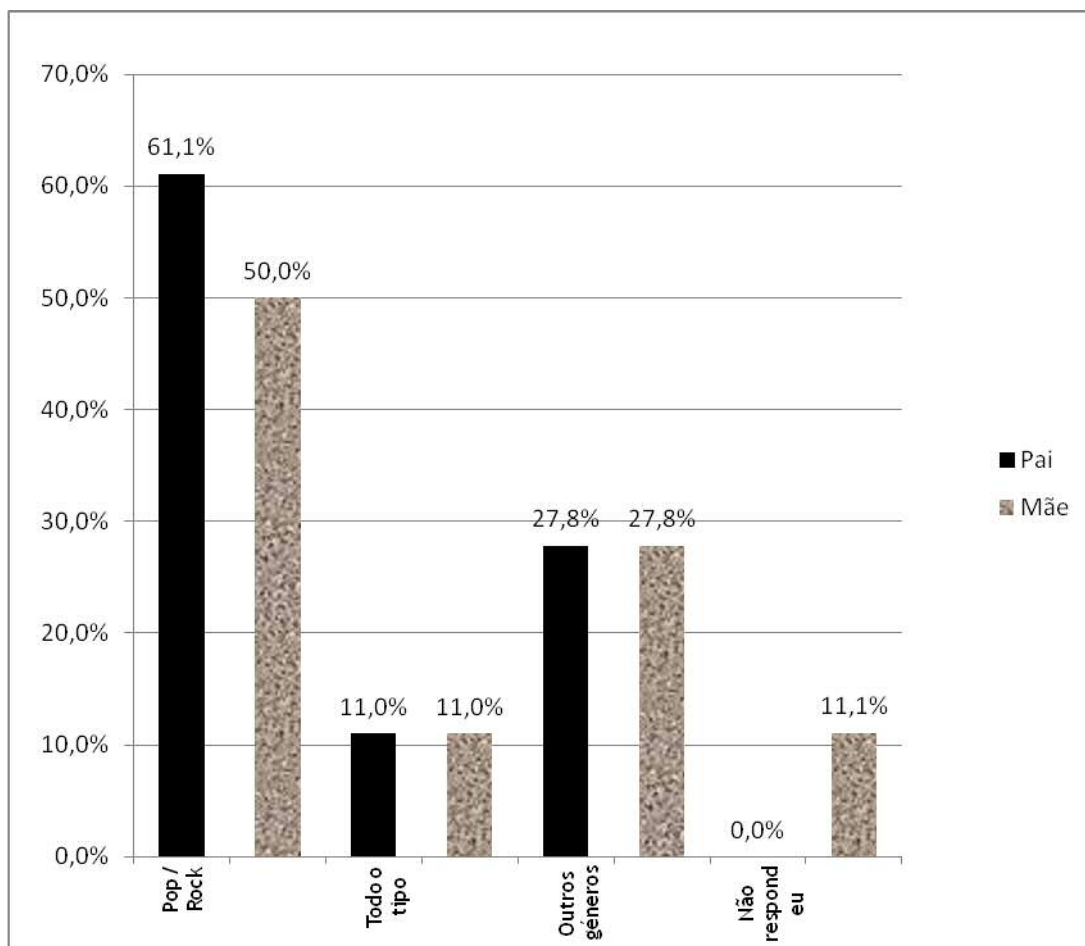


Gráfico 6 - Género/ tipo de música que ouve.

Quanto ao facto de assistirem a espetáculos/ concertos musicais, obtivemos uma resposta mais ou menos equilibrada entre pais e mães, como podemos observar nos gráficos 7 e 8.

No gráfico 7 podemos observar que a maioria dos pais e das mães assistiram a espetáculos/ concertos musicais, salientando o facto de mais de metade dos pais e mães terem assistido alguma vez.

No gráfico 8 observamos a quantidade de espetáculos/ concertos musicais a que pais e mães assistiram no último ano, com mais de metade a assistirem entre um a sete espetáculos por ano.

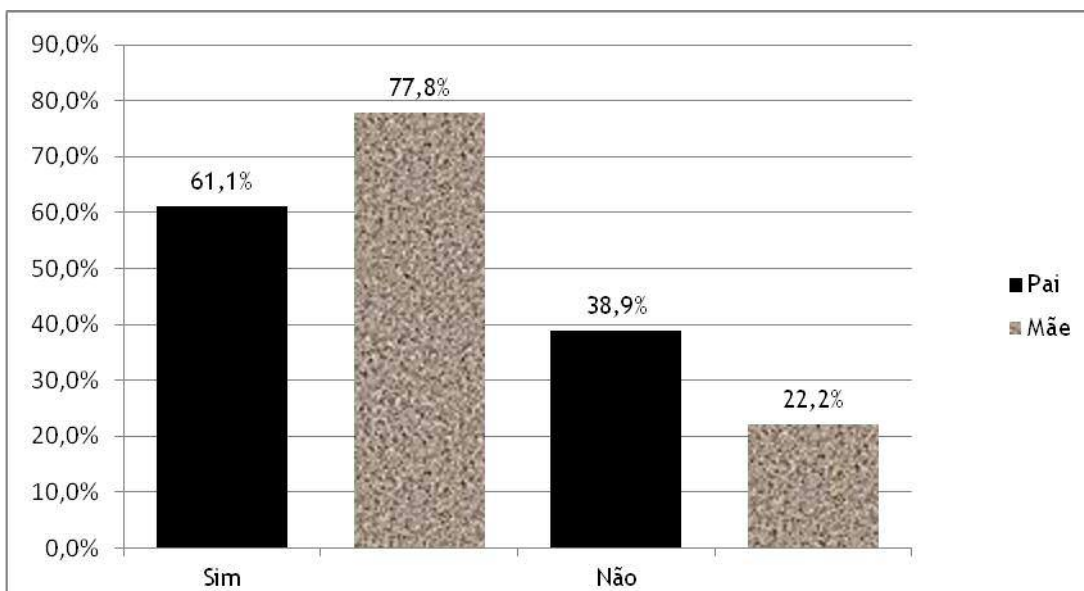


Gráfico 7 - Assistiu a espetáculos.

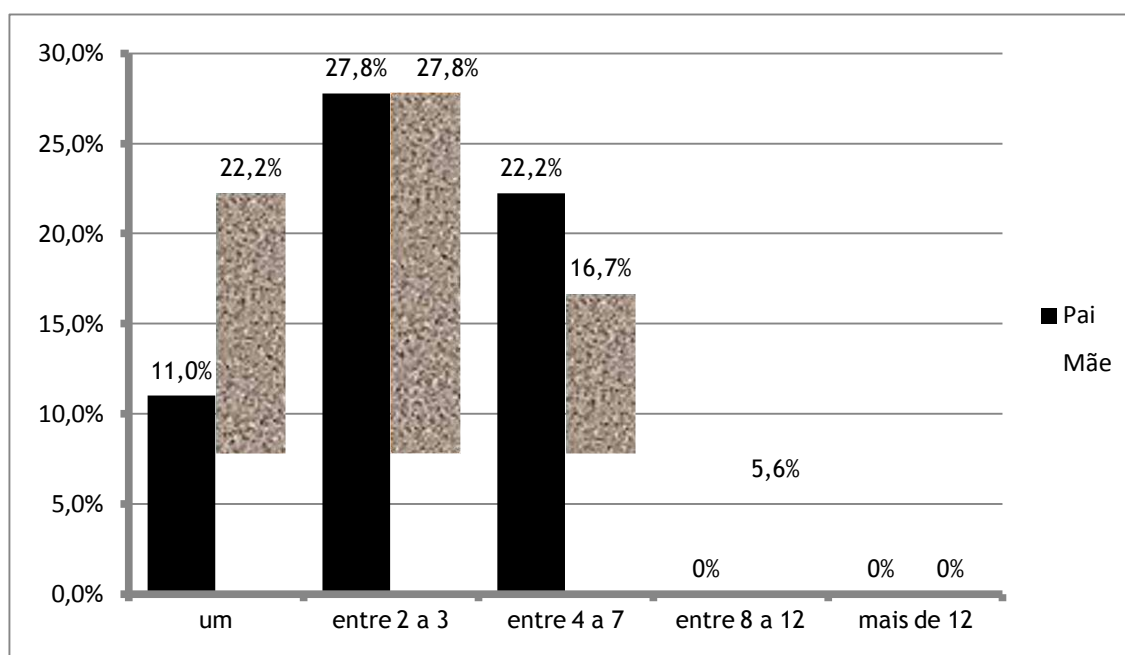


Gráfico 8 - A quantos espetáculos/ concertos musicais assistiu.

66,6% dos alunos tem irmãos, dos quais 13,3% têm mais de um, variando as suas idades entre os 10 meses e os dezanove anos. 33,3% dos irmãos tocam um instrumento musical, sendo mais uma vez a flauta, o instrumento escolhido, que pensamos ser a flauta de bisel.

Ainda relativamente às questões relacionadas com os irmãos, 46,6% assistiram a espetáculos no último ano.

Preferências musicais dos alunos.

Nos estilos/ géneros musicais que mais ouvem, 100% dos alunos inquiridos ouvem pop/ rock como género preferencial e simultaneamente outros géneros como o hip-hop, a música tradicional/ popular portuguesa e o heavy- metal, como podemos observar no gráfico 9.

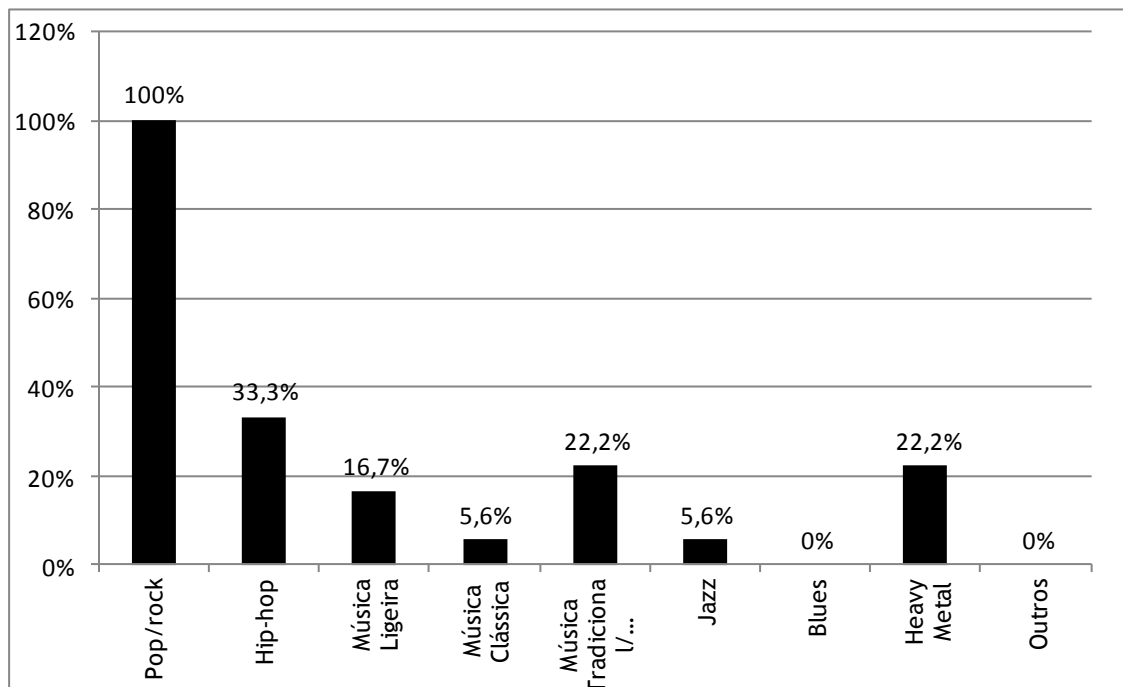


Gráfico 9 - Estilos/ géneros musicais que mais ouve.

Nos grupos musicais preferidos, o género predominante volta a ser o pop/ rock. Contudo, a maioria dos grupos mencionados pelos alunos, como exemplos são grupos de música pop (gráfico 10).

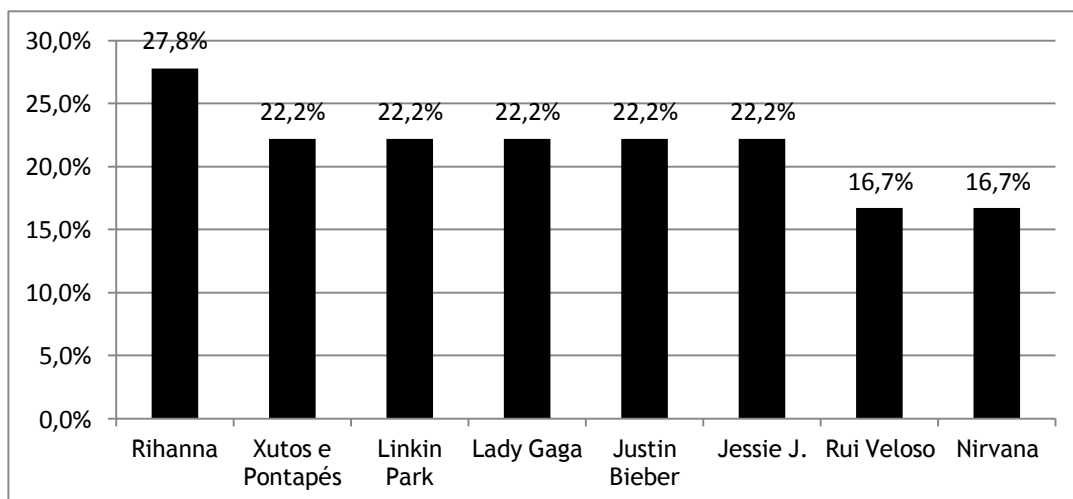


Gráfico 10 - Grupos preferidos.

No gráfico 11, podemos observar que 83,3 % dos alunos assistiu a algum tipo de espetáculo ou concerto musical, destacando-se que 16,3% dos alunos responderam que nunca assistiram a nenhum tipo de espetáculo ou concerto.

O gráfico 12 evidencia que, 83,3% dos alunos assistiu no último ano a um número de espetáculos que varia entre um a doze, com uma percentagem um pouco mais elevada para os que assistiram a um número entre os quatro a sete espetáculos.

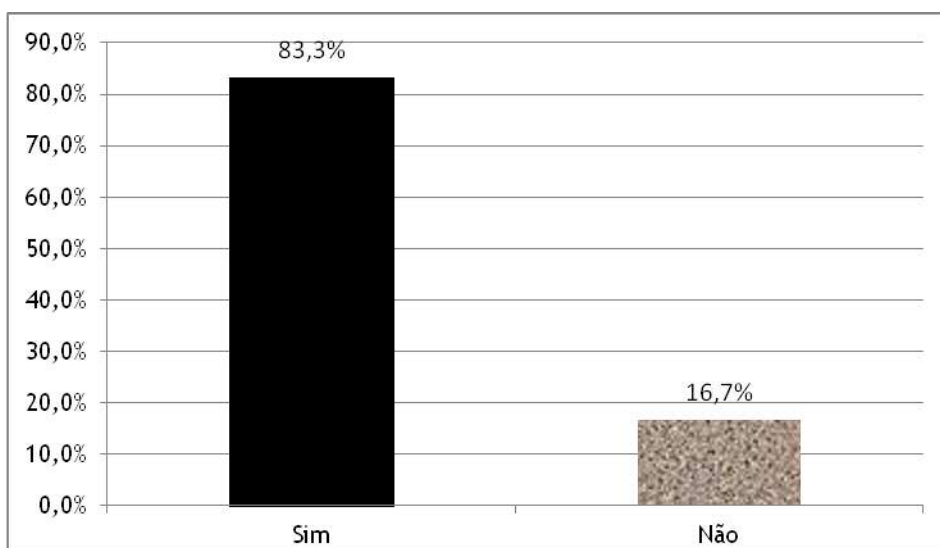


Gráfico 11 - Assistiu a espetáculos.

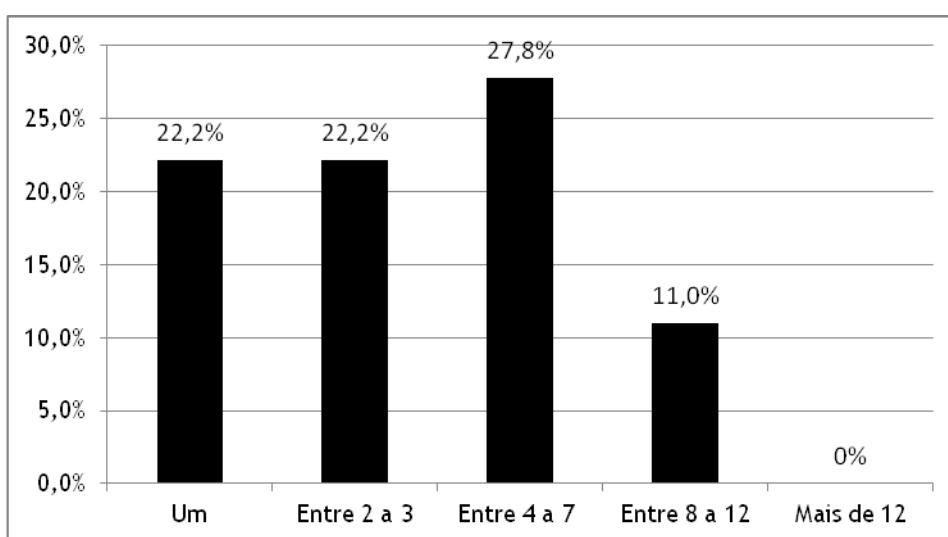


Gráfico 12 - A quantos espetáculos/ concertos musicais assistiu.

Nos gráficos 13 e 14, com as questões “Onde ouves música?” e “Quando ouves música?”, respetivamente, os alunos escolheram todas as opções propostas, destacando-se o quarto com 94,4% e o carro com 88,9% (gráfico 13) destacando-se as respostas “à noite” com 66,7% e noutras circunstâncias (não especificadas pelos alunos) com 44,4% (gráfico 14).

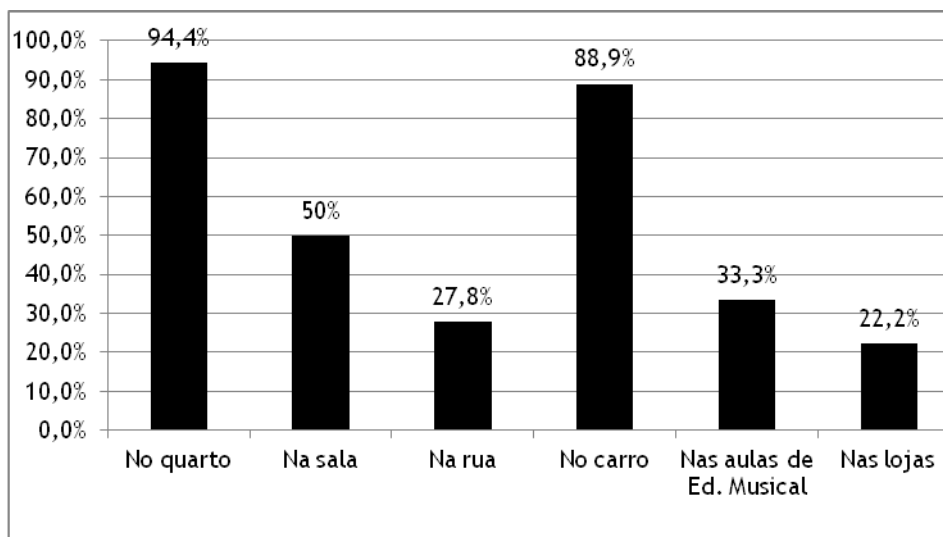


Gráfico13 - Onde ouve música.

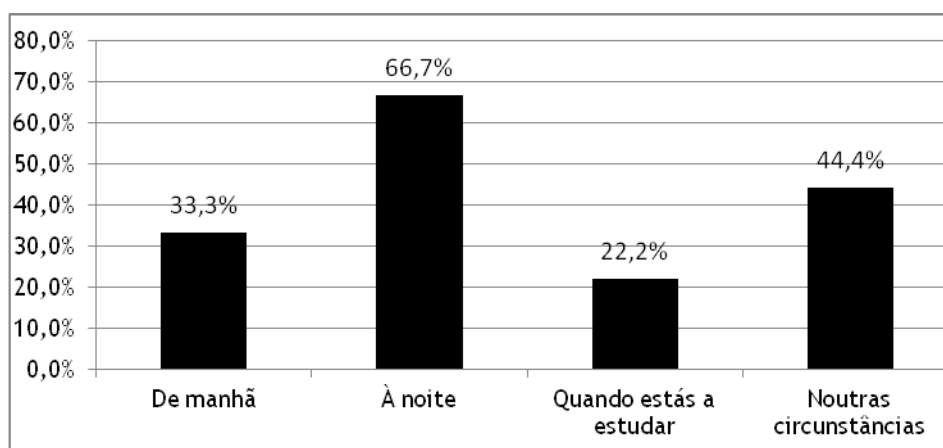


Gráfico 14 - Quando ouve música.

Na questão “Frequentas ou já frequentaste alguma escola, clube, banda ou grupo de música?” 16,7% dos alunos responderam sim, 72,2% respondeu não e 11,1% não respondeu.

Dos alunos que responderam que sim, 11,1% dos alunos frequenta a Escola de Música do Centro Social Padres Redentoristas e 5,6%, que corresponde a um aluno, já frequentou uma Escola de Música mas não recorda o nome. O aluno que frequentou a Escola de Música fê-lo durante três anos e iniciou a sua aprendizagem musical no 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB). Dos alunos que frequentam uma escola de música, um iniciou a sua aprendizagem no 4º ano do 1º CEB e o outro no 7º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico. Em relação à sua existência souberam-no através dos amigos, publicidade na escola e dos pais.

Na questão “Desde que começaste a frequentar a escola, clube, banda ou grupo de música, houve alterações positivas na tua vida?”, dois alunos responderam que sim, dizendo que se tornaram melhores instrumentistas e maiores apreciadores de música, o outro aluno respondeu que não.

Na questão “Desde que começaste a frequentar a escola, clube, banda ou grupo de música, houve alterações negativas na tua vida?”, os três alunos responderam que não.

O aluno que já frequentou uma escola, clube, banda ou grupo musical disse que não gostaria de voltar a frequentar.

Nas questões relacionadas com o conhecimento de produções de espetáculos, a grande maioria dos alunos conhece pelo menos um, como podemos observar no gráfico 15. O mais conhecido é o Festival de Tunas Académicas (61,1%), que se realiza anualmente na nossa Cidade, organizado pelos estudantes do Instituto Politécnico de Castelo Branco. A Primavera Musical é do conhecimento de 27,8% dos alunos, sendo os restantes tipos de produção musical, residuais ou nulos

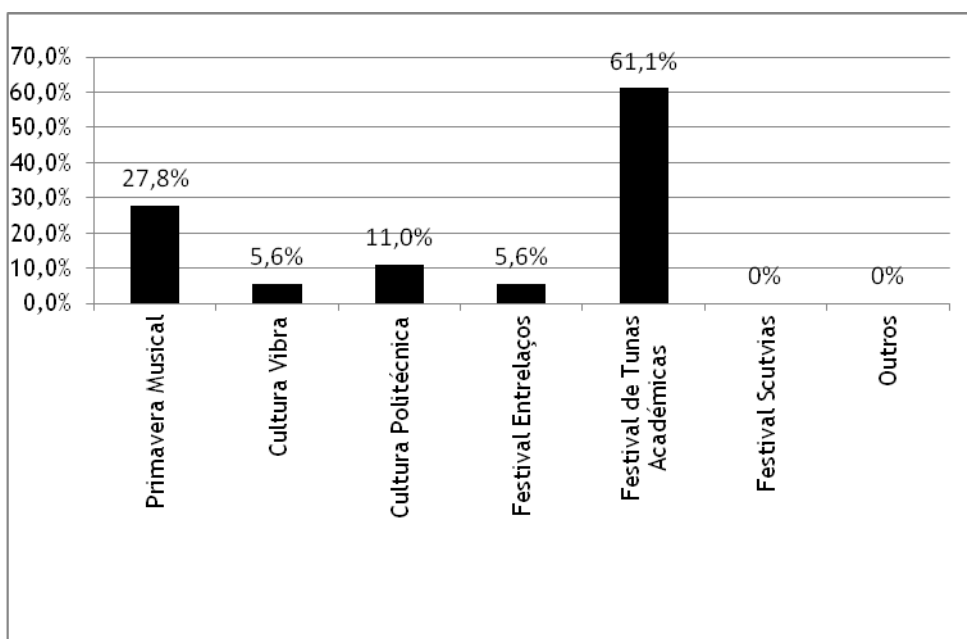


Gráfico 15 - Tipos de Produção Musical que conhece.

No gráfico 16 podemos observar que os alunos já assistiram a pelo menos um espetáculo de alguns agrupamentos e instituições da nossa região, destacando-se o Conservatório Regional de Castelo Branco com 38,9% e a Escola de Música do Centro Social Padres Redentoristas com 33,3%. Estas Instituições são Escolas de Música frequentadas por crianças desde muito cedo e a cujos espetáculos as famílias assistem.

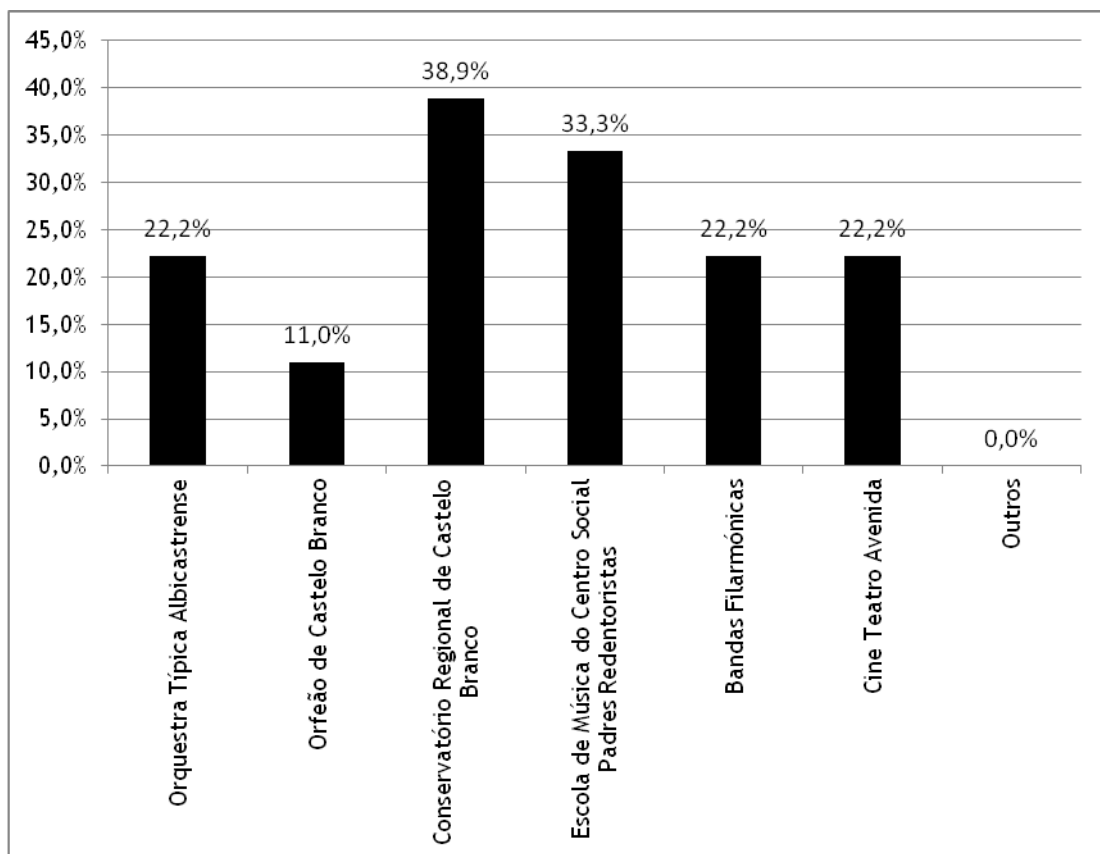


Gráfico 16 - Assistiu a algum espetáculo destes grupos/ instituições.

4.6. Conclusão

Ao considerarmos os dados recolhidos através do nosso inquérito por questionário podemos concluir que a cultura musical dos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, neste caso a turma C do 7º ano de escolaridade, está limitada a duas preferências musicais, ou seja, a dois géneros musicais que são o pop/rock e o hip-hop, géneros que são divulgados pelas grandes rádios do nosso país. Curioso é saber que, de todos os alunos inquiridos, só seis consideram ouvir música nas aulas de Educação Musical, local onde a música, supostamente, está sempre presente.

Encontrámos algumas contradições nas respostas dos alunos em relação aos géneros favoritos e aos espetáculos a que normalmente assistem. Como já tínhamos referido, os géneros preferidos pelos alunos são o pop/rock e o hip-hop, mas o tipo de espetáculos a que os alunos dizem ter assistido são, na sua maioria, espetáculos de música tradicional e popular, como por exemplo as Tunas Académicas, a Orquestra Típica Albicastrense, Bandas Filarmónicas e música clássica como os concertos da Cultura Politécnica, da Primavera Musical, do Conservatório Regional de Castelo Branco e da Escola de Música do Centro Social Padres Redentoristas. Pensamos que esta contradição se possa dever à falta de informação sobre o conhecimento de mais géneros musicais e não só aqueles com que estão mais familiarizados; ou então porque a própria cidade oferece com mais frequência espetáculos destes géneros musicais.

Quanto aos alunos que frequentam clubes, escolas de música, bandas ou grupos musicais, podemos concluir que o conhecimento dos géneros musicais não é diferente da dos outros alunos que não frequentam. Neste caso, os alunos que frequentam as escolas de música não auferiram quaisquer mais-valias.

Curioso é o facto de quando questionados os alunos acerca dos locais onde ouvem música, a grande maioria não considerou as aulas de Educação Musical como um local onde o possam fazer, talvez por considerarem que as audições faziam parte do programa da disciplina.

Quanto às habilitações académicas dos pais, os que têm uma formação entre o 3º Ciclo e o Ensino Secundário, são os que mais assistem a espetáculos.

Consideramos que os géneros/tipo de música que a maioria dos alunos ouve, assim como quanto ao número de espetáculos a que assistem, é bastante semelhante à dos pais. Como tal, podemos concluir que as preferências musicais dos pais, que se limitam a dois e três géneros, com incidência no pop/rock, têm influência nas preferências musicais dos filhos, quer seja de forma direta ou indireta pois estas coincidem com as daqueles.

Consideramos assim que há muito a fazer para que a cultura musical dos alunos possa ser o mais variada possível, passando por uma maior divulgação de todos os géneros musicais, mas em particular e necessariamente nas aulas de Educação Musical. Também a nível das rádios, deveria existir uma maior divulgação de diferentes géneros pois estas têm um grande “Poder” para o fazer. Também pela cooperação entre as escolas do Ensino Básico, do Ensino Especializado e do Ensino Superior da nossa cidade, com convites para ensaios e concertos o que seria uma excelente via para o acesso dos jovens à música. De igual modo, a assistência a espetáculos de Bandas Filarmónicas, Ranchos Folclóricos ou outros grupos de géneros musicais diferentes poderiam induzir a uma maior cultura musical. Assim, pensamos que os alunos possam, desta maneira, interagir diretamente com todos os géneros musicais.

Cabe aos Professores de Educação Musical contribuir de modo ativo para o enriquecimento da cultura musical dos alunos, seja pela intervenção direta nas aulas seja pela informação e pelo incentivo.

Consideramos, de facto, que a música é essencial para o desenvolvimento e crescimento das nossas crianças e adolescentes, facilitando a sua participação e socialização, necessitando que, ainda para além das escolas a sociedade e as decisões políticas educativas e culturais se consciencializem disso mesmo.

Bibliografia:

- Albarello, L. et all (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*: 2ª edição. Lisboa: Gradiva
- Almeida, A. (1993). *Música*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Andrade, M. (1995). *Introdução à Estética Musical*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Flávia Camargo Toni. São Paulo: Hucitec.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação*: 3ª edição. Lisboa: Gradiva
- Bernstein, L. (1954). *O Mundo da Música*. Lisboa: Edição Livros do Brasil
- Benedict, R. (s/d). *Padrões de Cultura*. Lisboa: Livros do Brasil
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1982). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora
- Borba, T. & Lopes-Graça, F. (1999). *Dicionário de Música*. Vol. 2. Porto: Mário Figueirinhas Editora.
- Boulez, P. (1985). *A Música Hoje 2*. São Paulo: Editora Perspectiva
- Bourdieu, P. (1989). *La noblesse d'État, Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bruner, J. (1996). *The culture of Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Carvalho, M. V. (1999). *Razão e Sentimento na Comunicação Musical*. Relógio d' Água Editores
- Certeau, M. (1995). *A cultura do plural*. São Paulo: Papirus.
- Cole, M. & Wertsch, J. (1996). Beyond the Individual-Social Antimony in Discussions of Piaget and Vygotsky: Acedido em 15 de Janeiro, 2012 in: <http://www.massey.ac.nz/ALock/virtual/coleavg.htm>.
- Convenção dos Direitos da Criança (1989). Nova Iorque. Acedido em 18 Março, 2011 in: <http://www.unric.org/html/portuguese/humanrights/Crianca.pdf>
- Costa, L. D. (1997). *Culturas e Escola, a sociologia da educação na formação de professores*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Coutinho, C. P. & Chaves, J. H. (2002) - *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. Revista Portuguesa de Educação, 2002, 15 (1), p. 221-243. Universidade do Minho, Portugal. Acedido em 18 de Dezembro, 2011 in: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/retrieve/940/ClaraCoutinho.pdf>.
- Davies, D. et all (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal, realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Davies, D., Marques, R., Silva, P. (1993). *Os Professores e as Famílias*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Dayrell, J. (1996). *A escola como espaço sociocultural*. In: Dayrell, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG,
- D'Andrade, R. (1984). *Cultural meaning systems*. In Richard A. S. & R. LeVine (Eds.). *Culture Theory: Essays on mind, self and emotion* (pp.88-119). Cambridge, U: Cambridge University Press
- Eco, H. (2004). *Como se faz uma tese em ciências humanas*: 11ª edição. Editorial Presença
- Eliot, T. S. (1996). *Notas para uma definição de cultura 2*. Edições Séc. XXI
- Encarnação, M. (2002). Algumas questões da Educação Musical no ensino Básico, *Revista de Educação Musical*, nºs 113 e 114, 6-10, APEM.
- Ferreira, V. (1986). *O Inquérito por Questionário na Construção de Dados Sociológicos*. In Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (org.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, 165-195
- Figueiredo, I. (2003). *A música no Ensino Básico: por uma prática artística sustentada*. *Revista Música, Psicologia e Educação*, nº 4, 13-26. CIPEM
- Fino, C. N. (2000). *Novas tecnologias, cognição e cultura: um estudo no primeiro ciclo do Ensino Básico*. Acedido em 20 de Fevereiro, 2012 in: <http://hdl.handle.net/10400.13/12>
- Fortuna, Carlos (orgs.) (1997). *Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta
- Freire, V. L. B. (1992). *Música e Sociedade*. Rio de Janeiro: ABEM.
- Freitas, C. et all (2001). *A reorganização curricular do Ensino Básico*. Coleção Cadernos do CRIAP. ASA
- Ghiglione, R., Matalon, B. (1978). *Les Enquêtes Sociologiques- Théories et Pratique*. Paris: Armand Colin
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2005). *O inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, J. F. et all (1988). *História da Educação em Portugal*. Livros Horizonte
- Gordon, E. E. (2000). *Teoria da Aprendizagem Musical*. Edições Fundação Calouste Gulbenkian
- LBSE- Lei de Bases do Sistema Educativo (2005). Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. Acedido em 16 Março, 2011 in: http://minedu.pt/np3content/?newsId=1224&fileName=lei_49_2005.pdf.
- La Passade, G. (1991). *L'Éthnosociologie*. Paris: Méridiens Klincksieck
- Lessa, E. (2000). *I Encontro de História do Ensino da Música em Portugal*. Centro de Estudos da Criança: Universidade do Minho
- Lessa, E. (2001). *II Encontro de História do Ensino da Música em Portugal*. Centro de Estudos da Criança: Universidade do Minho
- Letria, J. J. (2000). *Pela Cultura. A experiência de Cascais e outras reflexões*. Lisboa: 1ª edição de Hugin Editores
- LeVine, R. (1984). *Properties of Culture: an ethnographic view in Culture theory Essays on Mind, Self, and emotion* (PP. 88- 119). Cambridge USA: Cambridge University Press
- Ludke, M. & Andre, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU
- Marques, R. (1991). *A Escola e os Pais, como colaborar?* 3ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- Merriam, A. (1964). *The anthropology of music*. Bloomington: Northwestern University Press.
- Merriam, Sharan (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers
- Mialaret, G. e Vial, J. (1981). *Histoire Mondiale de l'Éducation*. Paris: P.U.F.
- Muylaert, R. (1993). *Marketing cultural e comunicação dirigida*: 4ª edição. São Paulo: Globo.
- Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis*: 2ª edição. Coleção Temas Portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

- Palheiros, G. B. (2005). *Educação Musical em diferentes contextos*. Revista de educação Musical, nº 117, 5-16. APEM
- Patrício, M. F. (org) (1997). *A Escola Cultural e os Valores*. Coleção Mundo dos Saberes. Porto: Porto Editora
- Ponte, J. P. (1994). *O estudo de caso na investigação em educação matemática*. Acedido a 30 de Março, 2012 in: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante-Estudo%20caso).pdf).
- Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Bolema, 25, 105-132. Este artigo é uma versão revista e actualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3 (1), pp3-18. (republicado com autorização)
- Quivy R. e Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, M. C. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Silva, S. G. O. (2008). *A relação família/ escola*. Acedido em 20 Janeiro, 2012 in: <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/a-relacao-familiaescola-477589.html>
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*: Vol. 1 e 3, Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget
- Stravinsky, I. (1935, 2000). *Chroniques de ma vie*. Paris: Denoël
- Teixeira-Lopes, J. M. (2000). *A Cidade e a Cultura... um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto
- Tracana, M. I. (2008). *Cultura musical na escola: a influência das actividades de complemento curricular*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança- Área de Especialização em Educação Musical. RepositoriUM, Universidade do Minho, Portugal. Acedido em 16 Março, 2011 in: <http://hdl.handle.net/1822/7954>
- UNESCO, Comissão Nacional (2006). *Roteiro para a Educação Artística- Desenvolver as capacidades criativas para o Séc. XXI* (Trad. Francisco Agarez).Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO (obra original publicada em 2006). Acedido em 18 Março, 2011 in: <http://www.clubeunescoedart.pt/files/livros/roteiro.pdf>
- Veiga-Neto, A. (2003, n. 23, maio./jun./jul./ago., p. 5-15). *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo. Acedido em 25 de Fevereiro, 2012 in: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/backes-pavan.pdf>
- Waug, Alexandre. (2000). *Música Clássica: Outra forma de ouvir*. Lisboa: Editorial Estampa.

Anexos

Anexo 1 - Materiais utilizados no 1º Ciclo do Ensino Básico

Canção: “À volta do Pinheiro”

Dançando à volta do pinheiro
Nesta noite de Natal,
Vamos lá ver quem é o primeiro
Que se engana e dança mal.

Este é um tempo de alegria
Tudo dança, canta e ri,
Por mais que a noite esteja fria
Todos estão quentes aqui.

Refrão:

**Abre o coração
E o sentimento vai sair
Pois Natal é mesmo assim
E é tempo do amor florir.**

Dançando à volta do pinheiro
Mas que noite bestial,
Ter a família, o mundo inteiro
Junto a mim neste Natal.

Refrão:

Dançando à volta do pinheiro
Vem aí o Pai Natal,
Mais um amigo, um companheiro
Para brincar neste Natal.

Dançando à volta do pinheiro
Mas que noite bestial,
Ter a família, o mundo inteiro
Junto a mim neste Natal.

In: Especial Natal. (s.d.) Santa Comba Dão:
Edições Convite à Música

À volta do Pinheiro



Dançando à volta do Pinheiro
Nesta noite de Natal,
Vamos lá ver quem é o primeiro
Que s'engana e dança mal.

*Este é um tempo d'alegria
Tudo dança, canta e ri,
Por mais que a noite esteja fria
Todos estão quentes aqui.*

REFRÃO:

Abre o coração
e o sentimento vai sair,
Pois Natal é mesmo assim,
E é tempo de o amor florir.

Dançando à volta do Pinheiro
Vem aí o Pai Natal,
Mais um amigo, um companheiro
P'ra brincar neste Natal.

Dançando à volta do Pinheiro
Mas que noite bestial,
Ter a família, o mundo inteiro
Junto a mim neste Natal.

REFRÃO

Dançando à volta do Pinheiro
Vem aí o Pai Natal,
Mais um amigo, um companheiro
P'ra brincar neste Natal.

Dançando à volta do Pinheiro
Mas que noite bestial,
Ter a família, o mundo inteiro
Junto a mim neste Natal.

*Tradução/ Adaptação
Autores: Fernando Paulo Gomes/
Luís Matos/ Paulo Henriques*





À volta do Pinheiro

Meio Swing

Música: Johnny Marks

(♩=♩♩) C C6/G G7/D G9

Dan-çan-do à vol - ta do Pi-nhei - ro Nes-ta noi - te de Na-tal,
Vem a - í o Pai Na-tal,

Dm G7 Dm G7 G7/D G9 C G+

Va - mos lá ver quem é o pri-mei - ro Que s'en - ga-na e dan-ça mal.
Mais um a - mi-go, um com-pa-nhei - ro Pra brin - car nes-te Na-tal.

C C6/G G7/D G9

Es - te é um tem - po d'a - le - gri - a Tu - do dan - ça, can - ta e ri,
Dan-çan-do à vol - ta do Pi-nhei - ro Mas que noi - te bes - ti - al,

Dm G7 Dm G7 G7/D G9 C C7

Por mais que a noi - te es - te - ja fri - a To - dos es - tão quen-tes a - qui.
Ter a fá - mí - lia, o mun-do in - tei - ro Jun - to a mim nes - te Na-tal.

F Em

A - bre o co - ra-ção e o sen - ti - men - to vai sa - ir, D.S. e segue

Am A^{b+} C/G F#m7(b5) D7 G7

Pois Na-tal é mes - mo as - sim, E é tem - po de o a - mor flo - rir.

C C6/G G7/D G9

Dan-çan-do à vol - ta do Pi-nhei - ro Vem a - í o Pai Na-tal,
Mas que noi - te bes - ti - al,

Dm G7 1ª Vez Dm G7 G7/D G9 C G+

Mais um a - mi - go, um com-pa-nhei - ro Pra brin - car nes-te Na-tal.
Ter a fá - mí - lia, o

2ª Vez Dm G7 G7 C Fim



Coreografia "What's This? Do filme "O estranho mundo de Jack" de Tim Burton

Introdução

⇒ 14 compassosde joelhos..... vão levantando-se pouco a pouco.....

abandar os dedos, rodar os braços sobe

⇒ 8 compassos--- Pé esquerdo/ abana os ombros // Pé direito/ abana os ombros//

⇒ Pé esquerdo/ abana os ombros// rodar as mãos com os braços no ar

8 compassos--- Rodar o braço esquerdo/ Rodar o braço direito/ Rodar braço esquerdo/

⇒ Rodar os dois braços

Parte A



(Pernas (P)) (Mãos(M)) (Ombros(O)) (Dedos(D)) (Mãos no ar (M))

Parte A'



P M O D M

Parte B

Pé esquerdo/ Rodar braços / Pé direito/ Rodar braços / Pé esq. / Rodar braços / Pé dir./
Abandar braços / Mãos (ralentando)

Parte A



P M O D M

Parte A''

abandar os braços



P M O D O M

Parte A



P M O D M
Rodar os braços e colocá-los por baixo do queixo suspirar e mãos no ar

Parte B

Pé esquerdo/ rodar braços / Pé direito/ rodar braços/ Pé esq./ rodar braços / Pé dir./ abanar braços/ Mãos (ralentando)

Parte A'''

abanar os braços



P M O D M

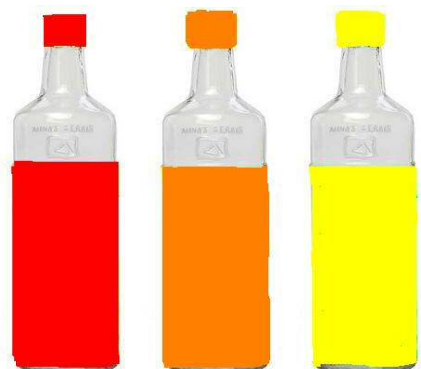
Final



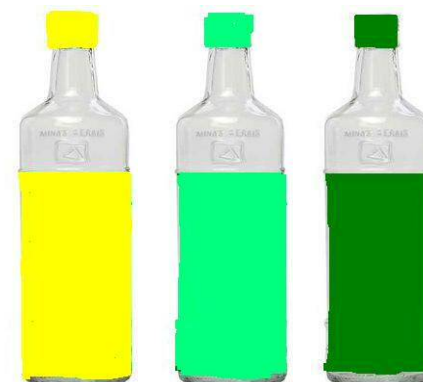
Bd Be os 2 Mãos à frente da cara Para dentro e para fora

É Natal!! Hummmmmmm...

Musicograma “Dó, Ré,



Mi a Mimi”





Legenda:



-Dó;



-Ré;



-Mi;



-Fá;



-Sol;

História das Vogais

Era uma vez uma bolinha, muito redondinha -o, que vivia muito triste porque não andava na escola.

Um dia, ao acordar, espreguiçou-se, espreguiçou-se até que lhe saiu uma perninha -a. Ficou muito contente e disse: Ah! Ah! Ah! Que bom, já posso andar ao pé-coxinho como os meninos.

Mas logo entristeceu porque reparou bem nos meninos e viu-lhes duas perninhas. Pensou: vou fazer um pouco mais de força para ficar como eles, e assim apareceu-lhe outra perna -e. Que maravilha! Eh! Eh! Fiquei mais elegante!

A bolinha, ao ver os meninos a caminho da escola, de bata, mochila e chapéu na cabeça, também quis imitá-los e então comprou um lindo chapéu. Mas a pobrezita não teve sorte. Soprou um vento muito forte que lhe arrancou o chapéu -i.

A bolinha chorava muito: i,i,i... o meu chapéu, i,i,i... De repente apareceu-lhe um senhor polícia, muito gordo, com um grande bigode -o, que lhe disse:

Oh, que tens tu? Porque choras? A bolinha ainda chorava mais i, i, i... o vento tirou-me o chapéu e a minha mãe vai zangar-se.

Então o senhor polícia deu-lhe a mão -u, e levou-a até casa.

In: Secretaria Regional de Educação da Madeira et al. (2006). Cantar, Dançar, Brincar... Santa Comba Dão: Edições Convite à Música

Canção:
“IOÁ! IUÉ!!!”

Amanhece
Pulo da cama
Lavo os dentes
Visto o pijama

Pasta às costas
Trá lá lá
E num clique
Já não estou cá!

Refrão: 2x
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o u é
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o á iu é

E lá na escola
Com as vogais
Faço palavras
E muito mais

Ainda há tempo
Para brincar
Na aula de música
A canção cantar.

Refrão: 2x
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o u é
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o á iu é

Coda:
Pasta às costas

Trá lá lá
E num clique
Já não estou cá!

Refrão: 2x
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o u é
Trá lá lá lá á
Tré lé lé lé é
I o á iu é
A e i o u

In: Secretaria Regional de Educação da Madeira et al.
(2006). Cantar, Dançar, Brincar... .Santa Comba Dão:
Edições Convite à Música

5

À descoberta das Letras...

Vogais

Competências

- Desenvolver a capacidade criativa e a imaginação
- Descobrir elementos comuns a várias palavras
- Criar o gosto pela comunicação oral e escrita

- 🎤 faixa 11: vocal
- 🎹 faixa 12: instrumental
- 📖 faixa 13: história

IOÁ! IUÉ!!!

In "Brinquedos Tradicionais
Cantados - Lígia Brazão

The musical score consists of three systems of music. The first system has a melody line with lyrics: "Lava - nhece - Pulô da - ca - ma - Casacos - den - tes - Dis - põe - o - pi - lu - ma - Pastéis". The second system has a melody line with lyrics: "cosas - Ent - la - lá - E - num - chique - já - não - estou - lá - Trá - lá - lá - lá (á) - Trê - lé - lé - lé (é)". The third system has a melody line with lyrics: "i - o - e - u - Trá - lá - lá - lá (á) - Trê - lé - lé - lé (é) - i - o - a - lu - é".

1. E lá na escola
Com as vogais
Faço palavras
E muitas mais.

2. Ainda há tempo
Para brincar
Na aula de música
A canção cantar

Sugestão de Actividade



Formar duas rodas concêntricas:

- Rodam em sentidos opostos, invertendo o sentido na segunda quadra.
- No refrão colocam-se frente a frente:
- 1.º e 2.º versos: batem o ritmo nas palmas e nas últimas sílabas (a) e (é) elevam os braços cintilando as mãos;
- 3.º verso: juntam as mãos direitas e dão meia volta;
- 4.º, 5.º e 6.º versos: repetem o esquema anterior.

Canção “Os meus dez dedos”

Tenho cinco dedos

Nesta minha mão

Tenho outros cinco

Nesta outra mão.

Vou contar os cinco

Que estão nesta mão

Mais os outros cinco

Ao todo dez são.

Um, dois, três, quatro, cinco,

Seis, sete, oito, nove, dez,

É mesmo tão fácil

Que canto outra vez.

Tenho cinco dedos

Nesta minha mão

Tenho outros cinco

Nesta outra mão.

Vou contar os cinco

Que estão nesta mão

Mais os outros cinco

Ao todo dez são.

In: MALTA, H. M.M. (2003). Canções para todo o ano - Fantasia:1ª ed. Lisboa: Texto Editora

“O Velho da Serra”

É pitosga, surdo e marreta
O velho da serra
Toca viola, pandeireta
Vai de terra em terra.

A,E,I,O,U, A,E,I,O,U
A,E,I,O,U e 1...
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e... e...

Toca viola, pandeireta
Vai de terra em terra,
É pitosga, surdo e marreta
O velho da serra.

É pitosga, surdo e marreta,
O velho da serra.

E nos dias de mercado.
No meio do seu povo,
Lá canta o mesmo fado
Num jeito sempre novo.

in: Fundão, A.M.D. (2002). “Sshiii! Pouco barulho”
Fundão: ASSEC SIM!- Sistemas de Informação e
Multimédia

A,E,I,O,U, A,E,I,O,U
A,E,I,O,U e 1...
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e 1
2,3,4,5,6,7,8,9,10 e... e...
É pitosga, surdo e marreta,
O velho da serra.

É pitosga, surdo e marreta
O velho da serra
Toca viola, pandeireta
Vai de terra em terra.

Toca viola, pandeireta
Vai de terra em terra,
É pitosga, surdo e marreta
O velho da serra.

E nos dias de mercado.
No meio do seu povo,
Lá canta o mesmo fado
Num jeito sempre novo.

O VELHO DA SERRA

Letra e música: José Reis Fontão

É pitosga, surdo e marreta,
O velho da serra
Toca viola ou pandeireta
Vai de terra em terra
Toca viola ou pandeireta
Vai de terra em terra
É pitosga, surdo e marreta,
O velho da serra.

E nos dias de mercado,
No meio de muito povo,
Lá canta o mesmo fado
Num jeito sempre novo:

A, E, I, O, U, A, E, I, O, U,
A, E, I, O, U, e
1...2 3 4 5 6 7 8 9 e 10 e
1...2 3 4 5 6 7 8 9 e 10 e
1...2 3 4 5 6 7 8 9 e 10 e
1...2 3 4 5 6 7 8 9 e 10 e

É pitosga, surdo e marreta,
O velho da serra.

Alunos da Escola EB1 - PARQUE.

Solista - Mariana Figueira.

Coro: Graça Sardinha, Carolina Raimundo, João Martins, Ana Carolina Melo, Inês Lopes, Rute Almeida, Mariana Morgadinha, Juliana Oliveira, Mariana Figueira, Vanessa Couto, Maria Ana Esteves, Anaísa Fernandes, André Oliveira, Vasco Oliveira, Fabrice Magalhães, Diogo Rodrigues, Luís Miguel Rosa, Nuno Salvado, Catarina Mouzêlo.

Piano e sintetizador (glockenspiel) - Veta Gaman

Baixo - Carlos Branco

Violinos - Paula Margarida Galhano

Guitarra clássica - Pedro Rufino

Acordeão - Paulo Neto

Clarinete - Susana Valente

16

Anexo 2 - Materiais utilizados no 2º Ciclo do Ensino Básico

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva

Ficha de Trabalho 1

Nome: _____

Ano: _____ Turma: _____ Data: ___/___/___

1-Lê com atenção as seguintes frases rítmicas.

Four musical staves showing rhythmic exercises. Staff 1: 4/4 time, quarter notes and eighth notes. Staff 2: 4/4 time, eighth notes and quarter notes. Staff 3: 2/4 time, quarter notes and eighth notes. Staff 4: 2/4 time, quarter notes and eighth notes.

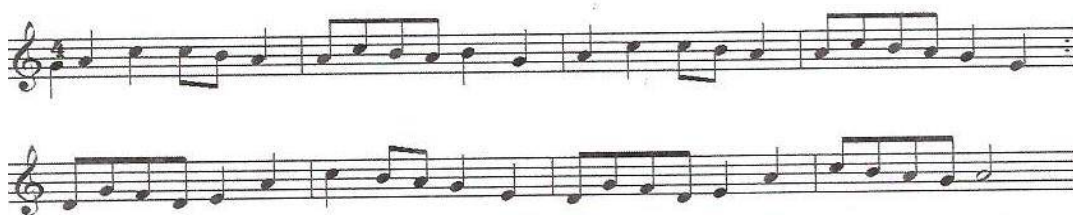
2-Lê com atenção a seguinte frase melódico-rítmica.

CUCO LOUCO
Música tradicional
Letra de Isabel Fiç

Cu-co lou-co mo-ra la' nos ra - mos ra - mos can-ta sempre igual o mes-mo can - to can - to
e no en-tan-to e' Rei do bos-que ha' ja' mui - tos a - nos.

3-Observa com atenção os seguintes exemplos musicais. Cada um deles, representa cada uma das formas que iremos aprender.

Exemplo 1- Forma Binária ou AB



Two staves of musical notation in a binary form. The top staff is in treble clef and the bottom staff is in bass clef. Both staves show a sequence of eighth and sixteenth notes, typical of a simple binary form.

Exemplo 2- Forma Ternária ou ABA



Musical score for Exemplo 2, showing a ternary form (ABA). The score is divided into two sections, A and B. Section A is marked with a box containing the letter 'A' and is composed of six staves: Flauta, Jogo de sinos, Metalofone, Xilofone Soprano, Xilofone Alto, and a percussion part. Section B is marked with a box containing the letter 'B' and is composed of three staves: Flauta (labeled 'F.'), a percussion part, and another percussion part. The composer's name, Ana Sérico, is written in the top right corner of section A, and 'Da Capo A' is written in the bottom right corner of section B.

Exemplo 3- Forma Rondó ou ABACA

Observa o texto da seguinte canção

Quantas cores tem o sol,
Cor de verão, das terras quentes,
Amarelo ou vermelho,
Cor das folhas ou do vento.

Cor do alto das montanhas,
Das falésias junto ao mar,
De papoilas e princesas,
De sonhos e do acordar.

Quantas cores tem o sol,
Cor de verão, das terras quentes,
Amarelo ou vermelho,
Cor das folhas ou do vento.

Cor das contas das pulseiras,
Cor da luz do luar,
Serão treze, as cores do sol?
Com quantas podes pintar?

Quantas cores tem o sol,
Cor de verão, das terras quentes,
Amarelo ou vermelho,
Cor das folhas ou do vento.

Ana Sérió

Observa agora o seguinte excerto musical.

The image displays four systems of musical notation for the song 'Ana Sérió'. Each system consists of two staves. The first staff of each system is labeled with a letter in a box (A, B, C, D) and contains a melody with a first and second ending. The second staff contains a bass line. The name 'Ana Sérió' is written at the end of each system. The notation includes treble clefs, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The first ending of each system is marked with a double bar line and a repeat sign, with '1.' and '2.' indicating the first and second endings respectively.

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva

Ficha de Trabalho 2

Nome: _____

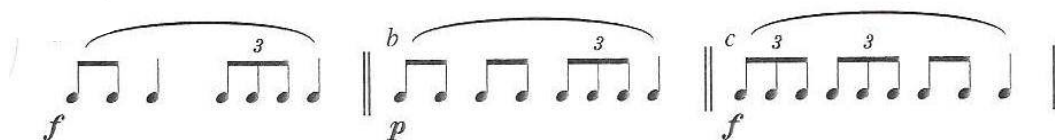
Ano: ____ Turma: _____ Data: __/__/____

1. Lê com atenção as seguintes frases rítmicas.

1.1.



1.2.



1.3.-

4
Vou con - ti - go mui - to rir, jo - gar fa - lar tam - bém ler,
ao ci - ne - ma que - ro ir, pa - ra fe - liz po - der ser!

2- Ouve com atenção, e põe por ordem as seguintes frases rítmicas.

2.1.

2.2.

3. Lê com atenção.

Legenda: D- dedos M- mãos J- joelhos P- pés

3.1.

3.2

4- Lê com atenção as seguintes melodias.

4.1

Mas que rit-mo tão lou-co den-tro em pou-co es-tou a dan-çar tercina tá

tá Vem, dá-me a mão sor-ri en-tão va-mos so-nhar as-

-sim! Gi-ra que gi-ra que dan-ça ro-da que ro-da'es-pe ran-ça

de'um di-a eu ser fe-liz, de'um di-a eu ser fe-liz!

4.2.

Musical score for exercise 4.2, consisting of two staves in 2/4 time. The top staff features a melodic line with eighth notes and a triplet of eighth notes. The bottom staff provides a bass line with eighth notes and a triplet of eighth notes.

4.3.

Serenata:

Franz Schubert (1797-1828)

Musical score for Franz Schubert's Serenata, consisting of three systems of two staves each in 3/8 time. The top staff contains a melodic line with eighth notes and triplets. The bottom staff contains a bass line with eighth notes and triplets. The score is highlighted with a yellow background.

4.4.

Mais à pré sent que le mois d'a - vril va ve - nir tous les a - mants vont re - ve - nir
 bon - jour Na - net - te n'aurais tu pas chan - gé les a - mou ret - tes du jo - li temps pas - sé?

5- Completa as seguintes melodias, utilizando tercinas e os ritmos sugeridos. Depois procede à respetiva leitura.

LA-BAS, AU FOND DU PRE

Moderato

p

mf *f*

mf Ma - ri - ons - nous, char - man - te rose, *p* ma - ri - ons - nous, car il est
 temps ; *mf* Bel - le rose char - man - te rose, *p* Ma - ri - ons -

6- Completa a seguinte melodia com tercinas e com as notas que faltam. Se estiveres com atenção, há compassos que são exatamente iguais.

DANSE ! MARUSCHKA !

Paroles inspirées d'un chant
 populaire yougoslave
 Musique : M. H. S.

Allegro
mf un, deux, trois, nous dan-sons dans la plai-ne, un, deux, trois, nous dan-sons dans le bois !
 Dans' Ma-rusch-ka, Dans' Pe-trouch-ka, nous al-lons perdre ha-leine,
 Dans' Ma-rusch-ka, Dans' Pe-trouch-ka, nous dan-se-rons dans le bois !

Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva

Ficha de Trabalho 3

Nome: _____

Ano: _____ Turma _____ Data _____

1. Escala Diatónica

1.1. Se organizares todos os sons que aprendeste até agora, consegues uma sucessão de notas de forma ascendente e descendente a que chamamos “Escala”. Assim, damos o nome de “Escala Diatónica” à sequência de 7 notas concluída com a repetição da 1^a.

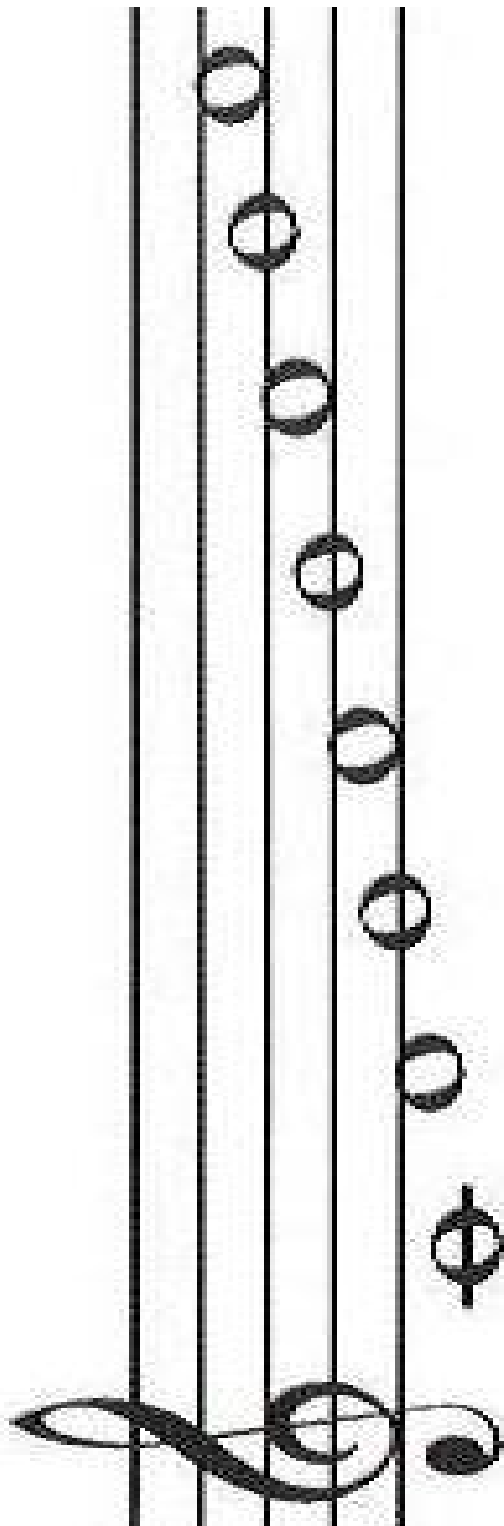
Ao espaço que existe entre cada nota chamamos “tom”. Como vais verificar, esse espaço nem sempre é igual entre todas as notas.

1.2. Observa a escala diatónica. À primeira vista, todos os espaços entre as notas são iguais. Então, para compreenderes melhor os espaços entre cada nota, observa o teclado do piano que tens na tua ficha de trabalho.

Como podes ver, o teclado apresenta teclas brancas e teclas pretas. Quando entre duas teclas brancas existe uma preta, dizemos que entre elas existe um tom. Quando entre elas não existe nenhuma tecla preta, dizemos que temos meio-tom.

1.3. Assinala na “Escala Diatónica de Dó”, todos os tons e meios-tons.

1.2. Escala Diatónica de Dó

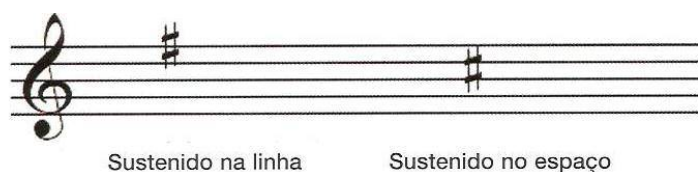


2. Alterações Musicais

2.1. Todos os sons que fazem parte da “Escala Diatónica de Dó” dizem-se naturais. No entanto, o seu som pode ser alterado subindo ou descendo ligeiramente a sua altura, visto que entre algumas notas, há um espaço que pode ser preenchido.

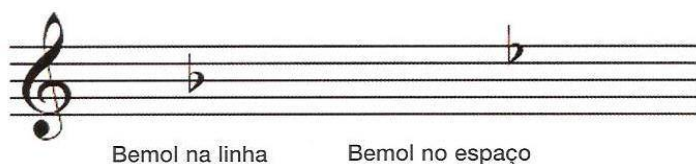
2.2. Os símbolos que utilizamos para alterar as notas são:

O sustenido (#)-- modifica as notas fazendo subir a sua altura original.



O som de uma nota alterada por um sustenido (#), é mais agudo que a nota original.

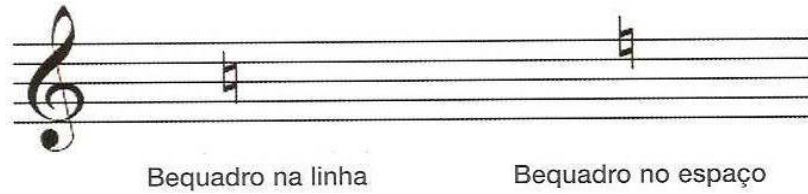
O bemol (b)— modifica as notas fazendo descer a sua altura original.



O som de uma nota alterada por um bemol (b), é mais grave que a nota original.

As alterações musicais constituem assim, uma forma de aumentar o número de sons.

Contudo, existe também outra alteração, que se utiliza para anular as alterações provocadas pelos sustenidos e pelos bemóis. Essa alteração chama-se bequadro, e quando se aplica a uma nota alterada, sustenido ou bemol, faz com que o som volte à sua altura original.



Há duas formas de registrar as alterações numa pauta:

1ª- Os sustenidos e os bemóis podem escrever-se no início da pauta junto à clave de Sol. Neste caso chamam-se alterações fixas. Assim quando isto acontece, todas as notas referenciadas na pauta estão alteradas ao longo da música exceto quando são desfeitas pelo bequadro.

Todas as notas são sustenidos, soando mais agudas que a nota original.



Todas as notas são bemóis, soando mais grave que a nota original.



2ª- Os sustenidos e os bemóis podem registrar-se junto *as notas ao longo da música. Isto acontece, quando o compositor pretende alterar um som em particular. Essa alteração só é válida para as notas que estão no mesmo compasso. Assim, a essas alterações chamamos-lhes de alterações ocorrentes



2.3. Assinala e escreve na partitura o nome de todas as alterações que encontrares.

OLHOS NEGROS

Tradicional



3. Ouve com atenção e assinala as notas que te parecem erradas.

"Sincopado"

Manuela Encarnação

Allegretto $\text{♩} = 100$

Dm Dm⁶

Dm C

"Música aquática"

George Handel (1685-1759)

Moderato $\text{♩} = 88$

G D G D G

D G C D⁷ G

C D D⁷ G D⁷ G

4. Os Intervalos

Ao interpretares uma melodia com a voz ou com ajuda de um instrumento, já notaste que a distância entre as notas que a constituem por vezes é igual, por vezes é diferente. Seja qual for a extensão entre as notas, a distância que as separa damos o nome de intervalo. Estes podem ser melódicos ou harmónicos.

4.1. Os intervalos dizem-se melódicos quando as notas são escutadas ou estão escritas sucessivamente.



Os intervalos melódicos surgem na horizontal.

4.2. Os intervalos dizem-se harmónicos quando as notas são escutadas ou estão escritas simultaneamente.



Os intervalos harmónicos surgem na vertical.

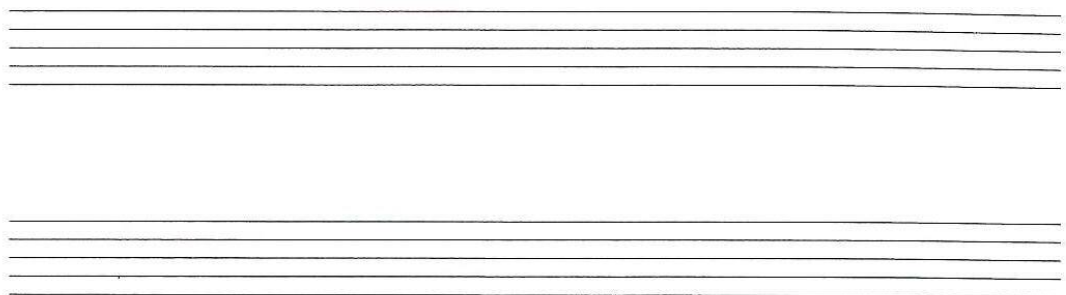
5. Intervalos Maiores e menores.

Enquanto à sua classificação, os intervalos podem ser Maiores (M) e menores (m).

Para classificarmos os intervalos, temos que ter em conta a distância entre as notas que o formam. Para o identificares, deves contar o número de notas consecutivas que se escrevem entre a primeira e a segunda incluindo-as.

Assim, podemos ter muitos intervalos, mas vamos falar só de quatro:

2^a menor, 2^a Maior, 3^a menor e 3^a Maior.



5.1. Assinala na partitura todos os intervalos de 2ª menor, 2ª Maior, 3ª menor e 3ª Maior.

MÚSICA, MÚSICA

Letra e Música: Lígia Brazão

Mú-si-ca, mú-si-ca, mú-si-ca há. On-d'háa-le-gri-a On-d'háes-pe-ran-ça.

Mú-si-ca, mú-si-ca, mú-si-ca há. Na brin-ca-dei-ra d'u-ma cri-an-ça.


Com se-te no-tas bem a-fi-na-das nas-cem can-ções bem rit-ma-das

E' o po-vo can-ta n-da con-ten-te Po-vo que can-ta é bo-a gen-te.

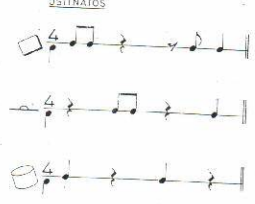
Anexo 3 - Materiais utilizados no 3º Ciclo do Ensino Básico

Partitura "Música Rock"

ROCK



OSTINATOS



Obs. Entrada dos ostinatos no 2º compasso

30

31

Mc

JSc
Ms

F1

F2

Xs

Xc

Xb

32

Mc

JSc
Ms

F1

F2

Xs

Xc

Xb

33

Mc

JSc
Ms

F1

F2

Xs

Xc


Xb

Musical score for page 34, featuring seven staves. The staves are labeled on the left as follows: Mc (Mezzo-soprano), J.S.C. Ms (J.S. Bach Manuscript), F1 (Flute 1), F2 (Flute 2), Xs (Xylophone), Xc (Xylophone), and Xtl (Xylophone). The Mc staff contains a melodic line. The J.S.C. Ms staff contains a melodic line with some rests. The F1 and F2 staves contain melodic lines. The Xs, Xc, and Xtl staves contain rhythmic accompaniment patterns. A circled number 34 is located at the bottom center of the page.


Musical score for page 35, featuring seven staves. The staves are labeled on the left as follows: Mc (Mezzo-soprano), J.S.C. Ms (J.S. Bach Manuscript), F1 (Flute 1), F2 (Flute 2), Xs (Xylophone), Xc (Xylophone), and Xtl (Xylophone). The Mc staff contains a melodic line. The J.S.C. Ms staff contains a melodic line with some rests. The F1 and F2 staves contain melodic lines. The Xs, Xc, and Xtl staves contain rhythmic accompaniment patterns. A circled number 35 is located at the bottom center of the page.

“Música Rock- escala, acordes, bordões, encadeamentos e partitura”

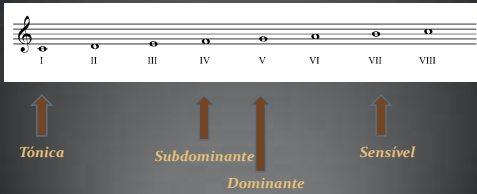
Notação Anglo-saxónica



Graus de uma escala



Graus de uma escala

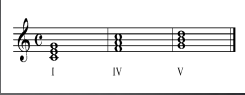


Sequência de Acordes Rock

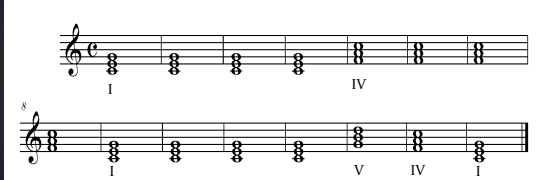
I Grau ou seja *Dó Mi Sol*
Tónica

IV Grau ou seja *Fá Lá Dó*
Subdominante

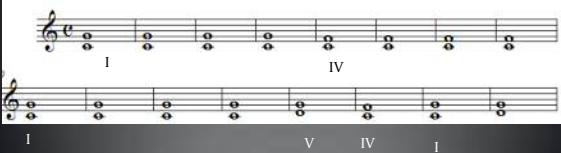
V Grau ou seja *Sol Si Ré*
Dominante



Sequência de Acordes Rock



Sequência de Acordes Rock em bordões



Rock

Metalofone Contralto
Metalofone Soprano
Flauta 1
Flauta 2
Xilofone Soprano
Xilofone Contralto
Xilofone Basso

2

MC
MS
FI1
FI2
XS
XC
XB

3

MC
MS
FI1
FI2
XS
XC
XB

4

MC
MS
FI1
FI2
XS
XC
XB

Metalofone Soprano

Flauta 1

Flauta 2

Musical notation for Flauta 2, measures 1-15. The score is written on three staves in 4/4 time. The first staff contains measures 1-6, the second staff contains measures 7-12, and the third staff contains measure 15. The music consists of a simple melodic line with rests.

Xilofone Soprano

Musical notation for Xilofone Soprano, measures 1-15. The score is written on three staves in 4/4 time. The first staff contains measures 1-6, the second staff contains measures 7-12, and the third staff contains measure 15. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.

Xilofone Contralto

Musical notation for Xilofone Contralto, measures 1-15. The score is written on three staves in 4/4 time. The first staff contains measures 1-6, the second staff contains measures 7-12, and the third staff contains measure 15. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.

Xilofone Baixo

Musical notation for Xilofone Baixo, measures 1-15. The score is written on three staves in 4/4 time. The first staff contains measures 1-6, the second staff contains measures 7-12, and the third staff contains measure 15. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.

Caixa chinesa

Musical notation for Caixa chinesa, measures 1-15. The score is written on a single staff in 4/4 time. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.

Pratos

Musical notation for Pratos, measures 1-15. The score is written on a single staff in 4/4 time. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.

Tambor

Musical notation for Tambor, measures 1-15. The score is written on a single staff in 4/4 time. The music consists of a rhythmic pattern of eighth notes.